

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**DO PARAÍSO INFANTIL AO SENTIMENTO DE CULPA: UMA
TRAVESSIA**

Altair José dos Santos

GOIÂNIA
Março de 2004

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**DO PARAÍSO INFANTIL AO SENTIMENTO DE CULPA: UMA
TRAVESSIA**

Candidato: Altair José dos Santos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anita Cristina Azevedo Resende.

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Psicologia da Universidade Católica de
Goiás, como parte dos requisitos para a
obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Prof^a. Dr^a Anita Cristina Azevedo Resende

Prof^a. Dr^a Denise Teles Freire Campos

Prof. Dr. Francisco Martins

GOIÂNIA
Março de 2004

*Para Valdivino, Bercholina,
Eliza e Clarice.*

AGRADECIMENTOS

Os primeiros *insights* para a realização desse estudo vieram da minha experiência clínica com adolescentes em situação de distanciamento, por isso meu agradecimento aos pais dos adolescentes que me confiaram o atendimento de seus filhos e aos sujeitos adolescentes que me colocaram no lugar da escuta.

Meu muito obrigado aos professores e aos colegas do Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, pois as discussões sobre teoria do conhecimento e sobre as diversas teorias em psicologia, realizadas em sala de aula, foram de fundamental importância. Meu muito obrigado ao convênio CAPES/UCG que através da bolsa de estudos forneceu alguma parte das condições financeiras, sem as quais esse estudo seria inviável. Obrigado a Camila que, em seu eficiente trabalho de secretária, sempre ofereceu as informações necessárias para o bom andamento do curso. Agradeço também ao Mestrado em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFG que me permitiu cursar a disciplina “O método dialético em Marx”, pois essa disciplina foi importante para uma melhor compreensão “do modo correto” de produzir conhecimento. Muito obrigado também à Elizabeth Landi pelo eficiente trabalho de revisão.

Agradeço aos dois colégios que abriram suas portas para que esse estudo se realizasse. Obrigado às psicólogas, coordenadores e, principalmente, aos adolescentes sujeitos dessa pesquisa, que doaram parte da sua história e fração de seu precioso tempo com questionários e entrevistas.

Meu agradecimento carinhoso à Eliza pela ajuda generosa, pelo apoio constante e, principalmente, pela compreensão na reta final da redação deste texto.

Por fim, muito obrigado à professora Anita pela presença solidária, pela palavra certa e pelo olhar confortante. Sua leveza, seriedade e grande exigência produziram “deliciosas” horas de orientação. Obrigado por partilhar seu conhecimento e sua competência. Meu carinho e gratidão!

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A família é o segredo do indivíduo	25
1.1 – O segredo da família do indivíduo.....	38
CAPÍTULO 2 – Do paraíso infantil ao corpo adulto: uma exigência de simbolização	46
CAPÍTULO 3 – A Situação de distanciamento	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
BIBLIOGRAFIA	99
ANEXOS	103

LISTA DE QUADROS

01 – Número de alunos do ensino médio em situação de distanciamento por escola.....	6
02 – Idade dos adolescentes em situação de distanciamento.....	7
03 – Tempo na situação de distanciamento.....	7
04 – Gênero dos adolescentes em situação de distanciamento.....	7
05 – Estado de origem dos adolescentes em situação de distanciamento.....	7
06 – Distância da cidade de origem em relação a Goiânia.....	8
07 – Número de filhos por família.....	8
08 – Idade dos Pais.....	8
09 – Profissão do pais.....	9
10 – Sujeitos que atendem aos dois critérios gerais.....	10

O escopo desse trabalho é compreender como se desenvolve a subjetividade de adolescentes em situação de distanciamento geográfico dos pais. As categorias como família, infância e adolescência são tomadas como realidades historicamente constituídas e fundamentais na compreensão da subjetividade dos adolescentes estudados. A psicanálise é tomada como aporte teórico necessário para se acessar a subjetividade dos adolescentes distanciados dos pais. Nesse sentido, entende-se que a relação entre pais e filhos é mediação para o desenvolvimento da subjetividade dos filhos em geral e que a particularidade dos filhos adolescentes em situação de distanciamento é expressiva dessa realidade. A partir de questionários e entrevistas levantou-se dados sobre adolescentes de classe média, bem como de sua família, que se mudam do interior do estado de Goiás, e de outros estados, para Goiânia com a finalidade de estudar. Num primeiro momento discute-se as transformações que ocorrem na família com a passagem da Idade Média para a Modernidade e caracteriza-se as famílias dos adolescentes pesquisados. Em seguida é apresentado o discurso desses sujeitos sobre sua infância e sobre a sua relação com seus pais. Depois trata-se da adolescência como um momento de passagem da vida infantil para a vida adulta e como tempo de intensidade pulsional. Por fim, discute-se a situação de distanciamento vivida pelo adolescente e busca-se apreender como ele se organiza subjetivamente distanciado dos pais e experimentando a intensificação de suas pulsões. Como conclusão, elucida-se que os adolescentes em situação de distanciamento experimentam de modo particular e inconsciente grande rigor moral e aumento da suas exigências sobre si mesmo.

ABSTRACT

The main purpose of this research is to comprehend how the subjectivity of teenagers is developed in situations such as being geographically away from their parents. Categories such as family, childhood and adolescence are taken as historically formed realities and are essential to comprehend the subjectivity of the teenagers that have been studied. Psychoanalysis is taken as a supportive theory necessary to access the subjectivity of the teenagers apart from their parents. In this case, we can understand that the relationship between parents and children is the main point for the development of the subjectivity from the children in general and that the particularity of their teenagers in situations of being away is expressive concerning this reality. After performing interviews and questionnaires we came up with some data about medium class teenagers, well as their families, which move from the countryside of Goiás state and other states to Goiânia, with the purpose of studying. At first we can discuss the transformations that occur in the families with the changing from medium age to modernity and the families of those teenagers that have been interviewed are characterized. After that a speech about their childhood and the relationships with their parents is presented. Then the adolescence is treated as a moment of moving from childhood to the adult life and as an intensive impulsive time. Finally the situation lived by the apart teenagers is discussed and we try to learn how they organize themselves subjectively away from their parents and experiencing the intensification of their reactions. As conclusion we found out that the teenagers in situations of being apart experience, in a particular and unconscious way, high moral strictness and an increasing of their demands about themselves.

*“Tudo o que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.*

*Que nojo de mim me fica
Ao olhar para o que faço!
Minha alma é lúcida e rica,
E eu sou um mar de sargaço –*

*Um mar onde bóiam lentos
Fragmentos de um mar de
além...
Vontades ou pensamentos?
Não o sei e sei-o bem”.*

Fernando Pessoa

Ao longo do processo civilizatório o homem olha para o mundo a sua volta e tenta compreendê-lo lançando mão das conquistas teóricas e práticas, lógicas e históricas de que dispõe no momento. Na tentativa de compreender a realidade, ele dispõe análises diversas que satisfazem mais ou menos a essa necessidade de conhecer. A ciência é a mais fundamental dessas tentativas humanas de entendimento e inteligibilidade acerca da realidade e se efetivará sempre através do enfrentamento teórico e prático dos desafios postos na realidade.

O presente estudo propõe aceitar esse desafio ao conhecer cientificamente uma realidade específica. Trata-se de uma realidade que vai além do aparente e imediato, uma realidade que não se dá a conhecer apenas na experiência imediata dos sentidos humanos. Portanto, é uma realidade que exige, para seu desvelamento, um tratamento racional que considere suas particularidades intrínsecas, suas imbricações, seus nexos e seus desenvolvimentos históricos. Buscou-se compreender como se organiza subjetivamente o adolescente em “situação de distanciamento”.¹ Reconheceu-se que somente é possível conhecer essas implicações partindo da realidade imediata e, enquanto tal, aparente, para o real mediado e essencial.

Portanto, esse estudo pretendeu ir da aparência à essência do fenômeno investigado, pois, considera-se que a realidade é mais que seus aspectos observáveis e manipuláveis pela descrição. Então, se existe uma realidade que não se deixa apreender apenas pela cristalização da quantidade, uma realidade que não é apenas objetividade e que é processo em desenvolvimento, justifica-se um modo de estudar essa realidade que tente apreendê-la em sua totalidade e em seus desenvolvimentos.

Triviños (1987) diz que na produção de conhecimento em ciências humanas não se pode prescindir da idéia de historicidade e da íntima relação e interdependência dos fenômenos sociais, daí a necessidade de qualquer empreendimento nessa ordem ser obrigatoriamente baseado em uma concepção dinâmica da realidade social. Ora, se a compreensão da realidade não abre mão da construção histórica, a produção do

¹ A expressão “situação de distanciamento” diz respeito à situação vivida por adolescentes que moravam com seu pai e sua mãe e distanciaram-se geograficamente dos pais ao se mudarem para outra cidade e morarem sem a companhia de qualquer outro adulto.

conhecimento somente pode ser aceita como um processo que está sempre recomeçando, constantemente deparando-se com um novo ponto de partida que mais uma vez buscará realizar o processo de ir da aparência à essência dos fenômenos etc.

Tal pensamento implica uma compreensão de ciência que não pode ser efetivada sem uma ênfase na posição ontológica e gnosiológica do sujeito que se volta para a realidade buscando conhecê-la. Isso implica admitir, logo de saída, que é possível ao homem conhecer a realidade que o cerca e da qual ele faz parte. Além da admissão da possibilidade do conhecimento, admite-se também que a consciência que quer conhecer é expressão subjetivada da mesma realidade objetiva por ela indagada.

A consciência, por um lado, é consciência do objeto; por outro, consciência de si mesma: é consciência do que é verdadeiro para ela, e consciência de seu saber da verdade. Enquanto ambos são para a consciência, ela mesma é sua comparação: é para ela mesma que seu saber do objeto corresponde ou não a esse objeto (HEGEL, 1997, p. 70).

Nesse processo, objeto e sujeito de conhecimento constituem uma unidade, possuem igual natureza e se constituem reciprocamente, pois o que não é apropriado pela consciência não existe, ou seja, só existe o que a consciência captou. Por outro lado, o que constitui a consciência é o enfrentamento do homem frente à realidade. É na relação desse homem com a realidade a sua volta, na relação entre sujeito e objeto que a consciência se produz, pois ela se externaliza no objeto que se torna objeto para a consciência e, então, a consciência pode se reconhecer no objeto.

Já em Hegel é possível compreender a condição ontológica do *ser* enquanto exteriorização, ou seja, a condição desse *ser* ser *si-mesmo* é separar-se de *si-mesmo*, é não *ser* para então no outro reconhecer-se *si-mesmo*. Essa condição coloca o *ser* em um movimento constante, processual e dialético. Partindo da fecundidade hegeliana, Marx (1987) propõe um método de conhecimento da realidade considerando que, se é nessa tendência a exteriorizar-se, a objetivar-se em condições históricas determinadas, que o desenvolvimento se dá, qualquer tentativa de produção de conhecimento que pretenda não ficar na superfície deve voltar-se para a realidade, tentando captar, de forma mediatizada, seus nexos constitutivos e históricos. Para se conhecer a realidade é preciso admitir que “[...] o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade no diverso” (MARX, 1987, p. 116).

E mais, como aponta Minayo,

[...] o concreto aparece como um ponto de chegada e como ponto de partida, não há mediação sem imediato. É nas determinações particulares que o método vai

buscar o nexo explicativo das totalidades concretas. O real como imediato por sua vez, reaparece mediatizado, pela teoria, na totalidade que o circunscreve (2000, p. 72).

Pretendeu-se ir além das representações imediatas, da intuição, para construir conceitos, descobrir, revelar e organizar os nexos da realidade em categorias lógicas e históricas. Nesse sentido, entendeu-se que a relação entre pais e filhos é mediação para o desenvolvimento da subjetividade dos filhos em geral e que a particularidade dos filhos adolescentes em situação de distanciamento é expressiva dessa realidade. Portanto, no decorrer dessa pesquisa pretendeu-se apreender os nexos constitutivos da subjetividade dos filhos adolescentes que se distanciam geograficamente dos pais e do seu núcleo familiar, ou seja, como se organiza subjetivamente o adolescente em situação de distanciamento.

Desse modo, para o estudo da subjetividade do adolescente em situação de distanciamento, categorias como família, infância e adolescência são elementos indispensáveis. A atualidade dessas categorias atesta que suas condições históricas ainda não foram superadas, pois, no mundo moderno, a sociedade continua se estruturando em núcleos familiares através dos quais o indivíduo realiza a sua inserção na sociedade maior.

Pôster diz que “[...] a família é o segredo do indivíduo” (1979, p. 22). É nela que o indivíduo encontra, desde seu nascimento, as condições indispensáveis para sua sobrevivência e desenvolvimento. Além de fornecer para o indivíduo tais condições, a família é a primeira instância responsável pela socialização do indivíduo. Por meio das primeiras relações, que acontecem na família, estrutura-se para a criança a base da dinâmica psíquica fundamental para o convívio em sociedade. Pode-se dizer, de maneira geral, que é na família que o homem recém nascido começa a vasta aprendizagem de ser humano integrante de uma determinada cultura.

Além desse processo é também na família que, inicialmente, cada ser humano desenvolve seus modos de subjetivação. É a partir da complexa vinculação emocional familiar que cada indivíduo aprende seu modo particular de sentir, ver e pensar o mundo a sua volta. Portanto, as relações familiares constituem a primeira instância responsável no desenvolvimento dos modos de subjetivação do sujeito moderno.

O indivíduo passa sua infância em meio à família e é ali, nesse núcleo, que ele estabelece suas relações de afeto, amor e ódio. Suas primeiras experiências de satisfação e frustração são realizadas diante das mesmas pessoas que lhe permitirão ou proibirão manifestar suas reações diante do amor, do ódio, diante da satisfação e da frustração. É na família que o indivíduo realiza, durante a infância, seus primeiros contatos com a figura de

autoridade e é na família que ele se sente, ou não, amado e protegido. Assim sendo, a infância é um tempo precioso na constituição da subjetividade humana. Segundo a teoria freudiana, é na infância que o indivíduo realiza as experiências que constituirão a base de toda sua subjetividade. Se a infância possui tal importância, a adolescência não pode ser levada em menor consideração, pois é nesse período que, o sujeito reedita de maneira intensificada as experiências da primeira infância. Além disso, é também na adolescência que o sujeito se vê frente às exigências de passar do *status* de criança para o *status* de adulto.

É importante dizer que a instituição família não é tomada aqui como uma forma universal e natural de organização de núcleos sociais, pois ela não é uma forma natural da organização humana. Antes, ela é vista como parte de um processo histórico, é uma instituição que, na forma particular como a conhecemos, teve seu início e talvez tenha seu fim, a par de que sua universalidade não possa ser questionada. É, portanto, historicamente construída e pode, desse modo, ser compreendida como parte do processo histórico de desenvolvimento da humanidade.

O escopo desse estudo² é a apreensão de como se organiza subjetivamente o adolescente que se distancia dos pais. Para tanto, é necessário olhar para as relações entre os adolescentes e seus pais, buscando seus nexos constitutivos e históricos. É necessário apreender como se desenvolvem as relações entre pais e filhos em sua essência e concretude desde a infância até adolescência, pois é na família, na relação com seus familiares (pai, mãe, irmãos ou seus substitutos) que o indivíduo realiza suas primeiras e mais importantes experiências, é na família que ele desenvolve, inicialmente, seu modo de internalizar a realidade a sua volta. Tomando a família como essa instância privilegiada na constituição da subjetividade buscou-se, a partir da visão do próprio sujeito adolescente acerca de sua relação com seus pais, apreender as mediações constitutivas da sua subjetividade.

Diante dessa proposta, buscaram-se as condições para se apreender as mediações constitutivas do objeto a ser estudado. Considerando que o primeiro contato que se teve

² Após certo tempo na clínica psicológica, trabalhando com sujeitos adolescentes, percebi que uma parte significativa desses sujeitos era formada por adolescentes que haviam se mudado de cidades do interior do estado para estudar em Goiânia. Diante das dificuldades encontradas, esses adolescentes apresentavam suas demandas para os seus pais, para a escola e, posteriormente, para o psicólogo clínico. Portanto, o objeto desse estudo teve sua configuração original na prática da clínica psicológica com adolescentes em situação de distanciamento.

com adolescentes em situação de distanciamento aconteceu por meio da escola, então, o passo inicial para o desenvolvimento da pesquisa foi encontrar e contatar escolas que tivessem em seu quadro discente adolescentes em situação de distanciamento.

Foi feito contato com escolas não confessionais da rede particular do ensino médio. A opção pelo ensino médio deve-se à faixa etária, pois em geral, são adolescentes que cursam o ensino médio. Além disso, optou-se por escolas da rede particular porque nelas a situação de distanciamento é mais freqüente. Em geral, são as famílias das classes média e alta que possuem condições financeiras para manter os filhos estudando em outras cidades e essas famílias comumente matriculam seus filhos em escolas particulares. A opção por escolas não confessionais deve-se ao fato de não se desejar a possível mediação da experiência religiosa na situação de distanciamento. Em suma, foram buscadas as condições nas quais o fenômeno que se deseja estudar se manifestasse em sua maior expressão.

Em março de 2003 foram realizados contatos com o Colégio Graciliano Ramos e com o Colégio Guimarães Rosa³, duas escolas da rede privada de Goiânia, localizadas em bairro nobre que atendem à classe média. O Colégio Graciliano Ramos é uma instituição de ensino tradicional com mais de vinte anos de experiência, com unidades em Goiânia e no interior do estado. Todas as unidades são localizadas em bairros de classe média e têm turmas da alfabetização à última série do ensino médio. Somados os alunos de todas as turmas totalizam aproximadamente 2000 alunos. Nessa escola, o serviço de psicologia escolar, constituído por profissionais experientes e por estagiários, é bastante atuante e atarefado. As dependências das unidades de ensino localizadas em Goiânia⁴ são amplas, possuem pátios, ginásio de esportes, espaço de recreação etc. Os estudantes do ensino médio assistem às aulas regulares no período matutino e realizam aulas extra de reforço, atividades extra classe e avaliações no período vespertino, inclusive aos sábados. Segundo a coordenação, o colégio, além de priorizar o conteúdo ministrado em sala de aula, oferece aos alunos vários momentos de convivência por meio de atividades ligadas ao esporte, à arte e ao lazer.

O colégio Guimarães Rosa, também está localizado em bairro de classe média da capital goiana, tem doze anos de fundação. Trabalha com turmas da segunda fase do ensino

³ Visando não permitir a identificação das instituições escolares bem como dos sujeitos da pesquisa, foram usados nomes fictícios para se referir às escolas.

⁴ A pesquisa foi desenvolvida nas unidades localizadas em Goiânia, a unidade do interior do estado de Goiás não foi visitada.

fundamental ao pré-vestibular. Tem tradição em cursos preparatórios ao vestibular, apesar de que suas primeiras turmas tenham sido formadas exclusivamente por vestibulandos e somente depois do quarto ano da sua fundação é que outras séries foram abertas. Atualmente o colégio possui aproximados 1300 alunos distribuídos principalmente no ensino médio. As instalações do colégio são modernas e espaçosas, oferecem auditório e mini teatro, além de um amplo pátio de convivência. Os alunos do ensino médio assistem às aulas no período matutino e realizam avaliações e atividades extra classe no período vespertino, inclusive aos sábados.

Essas escolas possuem uma inserção de mídia no interior do estado de Goiás com o objetivo de captar novos alunos e, por isso, têm certa tradição em receber estudantes oriundos do interior. Além disso, oferecem aos seus alunos um serviço de psicologia escolar sensível às particularidades dos adolescentes em situação de distanciamento.

Em abril de 2003 foi aplicado, em alunos das duas escolas, um breve questionário fechado (anexo 01), objetivando caracterizar e selecionar os sujeitos para entrevistas. Foram feitas questões sobre seus pais, sobre seus irmãos e sobre sua cidade de origem. Também foram levantados dados sobre com quem moravam antes de se mudarem para Goiânia e sobre com quem moram na situação de distanciamento. Os questionários foram aplicados individualmente em sala de aula mediante a orientação de que fossem respondidos apenas por estudantes que vieram de outras cidades para estudar em Goiânia.

Conforme o quadro abaixo (quadro 01), os dados obtidos nos questionários apontam que aproximadamente 10% dos alunos matriculados no ensino médio dos dois colégios encontram-se em situação de distanciamento das suas famílias.

Quadro 01 – Número de alunos do ensino médio em situação de distanciamento por escola

Escolas	Nº de Alunos do ensino médio	Nº de alunos em situação de distanciamento
Colégio Graciliano Ramos	500	49
Colégio Guimarães Rosa	900	90

A idade desses adolescentes varia de 14 a 18 anos. Enquanto 12% deles encontram-se na faixa dos 14 anos de idade, 86% possuem entre 15 e 17 anos e somente 2% têm 18 anos de idade (quadro 02).

Quadro 02 – Idade dos adolescentes em situação de distanciamento

Escolas	14 anos	15 a 17 anos	18 anos ou mais
Colégio Graciliano Ramos	06	42	01
Colégio Guimarães Rosa	11	77	02

Quanto ao gênero, como se pode ver (quadro 03), 51% dos adolescentes em situação de distanciamento que estudam no colégio Graciliano Ramos são do sexo masculino e 49%, do feminino. Já no colégio Guimarães Rosa a situação sofre uma inversão quase proporcional, 55% desses adolescentes são do sexo feminino e 45%, do masculino.

Quadro 03 – Gênero dos adolescentes em situação de distanciamento

Escolas	Feminino	Masculino
Colégio Graciliano Ramos	24	25
Colégio Guimarães Rosa	50	40

Em relação a quanto tempo os adolescentes moram em Goiânia, os dados (quadro 04) mostram que 37% dos adolescentes distanciados que estudam no colégio Graciliano Ramos moram em Goiânia há menos de um ano, 35% moram em Goiânia entre um e dois anos, 18% já moram na capital entre dois e três anos e somente 10% moram em Goiânia há mais de três anos. No colégio Guimarães Rosa, a situação é a seguinte: 49% moram em Goiânia há menos de um ano, 34% moram em Goiânia entre um e dois anos, 13% moram em Goiânia entre dois e três anos e 4% moram em Goiânia há mais de três anos.

Quadro 04 – Tempo na situação de distanciamento

Escolas	Menos de 01 ano	01 a 02 anos	02 a 03 anos	Mais de 03 anos
Colégio Graciliano Ramos	18	17	09	05
Colégio Guimarães Rosa	44	30	12	04

Quanto à origem desses sujeitos, o quadro abaixo (quadro 05), mostra que, na escola Graciliano Ramos, 57% dos adolescentes em situação de distanciamento são oriundos do estado de Goiás e 43 % são de outros estados. No colégio Guimarães Rosa, 68% dos alunos adolescentes distanciados são do interior do estado de Goiás e 32% são de outros estados. Além do estado de Goiás, os dados obtidos no questionário indicam que os alunos em situação de distanciamento são oriundos dos estados do Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Minas Gerais e Pará.

Quadro 05 – Estado de origem

Escolas	Estado de Goiás	Outros estados
Colégio Graciliano Ramos	28	21
Colégio Guimarães Rosa	62	28

Ainda sobre a origem dos adolescentes pesquisados, os dados indicam (quadro 06) que, no colégio Graciliano Ramos, 20% desses sujeitos são de cidades distantes a menos de 100 Km de Goiânia, 22% são de cidades distantes entre 100 e 200 Km de Goiânia e a grande maioria, 57% são de cidades distantes mais de 300 Km de Goiânia. No colégio Guimarães Rosa, a situação é a seguinte: 17% são de cidades distantes menos de 100 Km, 31% são de cidades localizadas entre 100 e 300 Km de distância e, como no primeiro colégio, a maioria, 52% são de cidades que se encontram a mais de 300 Km de Goiânia.

Quadro 06 – Distância da cidade de origem em relação a Goiânia

Escolas	Menos de 100 Km	De 100 à 300 Km	Mais de 300 Km
Colégio Graciliano Ramos	10	11	28
Colégio Guimarães Rosa	15	28	47

Além de levantar dados sobre os adolescentes, a análise dos questionários aplicados também levantou dados sobre suas famílias. Foram obtidas informações tais como: o número de filhos por família, a idade, escolaridade e a profissão dos pais.

O quadro abaixo (quadro 07) mostra que, segundo os adolescentes, essas famílias são compostas por um número reduzido de filhos. Os questionários aplicados no colégio Graciliano Ramos apontam que 4% dessas famílias possuem filho único, 80% têm dois ou três filhos e 16% têm quatro ou cinco filhos. No colégio Guimarães Rosa a situação é bastante parecida: 4% das famílias dos adolescentes pesquisados têm apenas um filho, 84% têm dois ou três filhos e 1% tem quatro ou cinco filhos.

Quadro 07 – Número de filhos por família

Escolas	01 filho	02 ou 03 filhos	04 ou 05 filhos
Colégio Graciliano Ramos	2	39	8
Colégio Guimarães Rosa	4	76	10

Os pais dos adolescentes pesquisados são pessoas de média idade. Os questionários aplicados no colégio Graciliano Ramos assim como os questionários aplicados no colégio Guimarães Rosa indicam (quadro 08) que 91% dos pais dos sujeitos pesquisados possuem entre trinta e cinco e cinquenta anos e apenas 9% deles possuem mais de 50 anos de idade.

Quadro 08 – Idade dos pais

Escolas	Entre 35 e 50 anos	Mais de 50 anos
Colégio Graciliano Ramos	45	04
Colégio Guimarães Rosa	82	08

Quanto à escolaridade, todos os sujeitos dos dois colégios indicaram que seus pais concluíram no mínimo o ensino fundamental e que 30% deles concluíram algum curso superior. As respostas dos sujeitos do colégio Graciliano Ramos apontam que 30% dos pais são profissionais liberais⁵, 16% são comerciantes, 13% são servidores públicos, 18% são agricultores e/ou agropecuaristas e 21% das mães foram apontadas como donas de casa. As respostas obtidas no colégio Guimarães Rosa indicam que 29% dos pais são profissionais liberais, 28% são comerciantes, 15% são servidores públicos, 8% são agricultores e/ou agropecuaristas e 20% das mães são donas de casa (quadro 09). Esses pais geralmente possuem mais de uma frente de trabalho, por exemplo, são profissionais liberais e desenvolvem alguma atividade ligada ao campo (agricultura e agropecuária).

Muito embora os questionários apontem que aproximadamente 20% das mães sejam donas de casa, as entrevistas posteriores apontam que nenhuma das mães, nem mesmo aquelas que possuem formação universitária, trabalham fora de casa. Desse modo, o pai é o único provedor do sustento material dessas famílias e a mãe é a responsável pelos cuidados dos filhos e pelos afazeres domésticos.

Quadro 09 – Profissão dos pais

Escolas	Profissionais liberais	Comerciantes	Servidores públicos	Agricultores Ou agropec.	Donas de casa
Colégio Graciliano Ramos	30	16	13	18	21
Colégio Guimarães Rosa	52	50	27	15	36

Essa caracterização aponta que os sujeitos provêm de famílias de classe média e alta, famílias que apresentam traços característicos da contemporaneidade, tais como o número reduzido de filhos e a dupla jornada de trabalho do pai. Contudo, ainda preservam características das famílias tradicionais em que o pai, enquanto provedor, permanece exposto ao mundo fora da casa e a mãe, enquanto reserva afetiva, permanece responsável pelos cuidados dos filhos e pelos afazeres domésticos.

A partir desse universo indicado pela organização dos dados do questionário passou-se para a fase de definição dos critérios para se selecionar os sujeitos a serem

⁵ Agrônomos, zootecnistas, veterinários, odontólogos, médicos, advogados etc.

entrevistados. Nesse sentido, foram estabelecidos dois critérios gerais. O primeiro critério geral estabeleceu que somente seriam entrevistados os sujeitos que moravam com pai, mãe e irmãos antes da situação de distanciamento. Buscou-se, com essa definição, obter as condições necessárias para encontrar os adolescentes em sua primeira experiência significativa de distanciamento. Esse critério teve como objetivo evitar que experiências anteriores de distanciamento funcionassem como mediação para a atual situação de distanciamento. O segundo critério estabeleceu que tais sujeitos, para serem entrevistados, deveriam morar em Goiânia sem a companhia de qualquer adulto. Esse critério teve como objetivo evitar que a presença de um adulto (irmão, tio, avô etc) atenuasse a experiência do distanciamento. A definição desses dois critérios visou encontrar os sujeitos na condição de maior exposição possível ao fenômeno estudado.

Conforme o quadro abaixo, os resultados dos questionários aplicados nos colégios mostraram que aproximadamente 25% dos adolescentes distanciados atenderiam aos critérios de morarem previamente com pai e mãe e de não morarem atualmente com algum adulto e, por isso, foram selecionados como possíveis sujeitos para as entrevistas. Já os outros aproximados 75% foram desconsiderados para a entrevista por não atenderem aos dois critérios acima estabelecidos.

Quadro 10 – Sujeitos que atendem aos dois critérios gerais

Escola	Nº de sujeitos que atendem os critérios gerais	Nº de sujeitos que não atendem os critérios gerais
Colégio Graciliano Ramos	12	37
Colégio Guimarães Rosa	24	66

Após a análise dos resultados obtidos nos questionários aplicados, puderam ser comparados os dados dos dois colégios e, conforme mostra o gráfico 1 (anexo 2), verificou-se que não houve diferença significativa entre os sujeitos das duas escolas. Essa constatação da semelhança entre os dados das duas escolas permitiu a decisão de se prosseguir a pesquisa com os adolescentes de uma das escolas contatadas. Escolheu-se, para essa continuidade, o colégio Graciliano Ramos por ser o que ofereceu as melhores condições objetivas para o desenvolvimento da pesquisa.

Uma vez estabelecidos os dois critérios gerais, foram definidos outros critérios como gênero, distância da cidade de origem em relação a Goiânia e o tempo na situação de

distanciamento⁶. Buscou-se ter o mesmo número de sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino para se evitarem possíveis diferenças entre os dois sexos no que diz respeito ao desenvolvimento de sua subjetividade. Buscando dimensionar o significado da distância para o adolescente em situação de distanciamento teve-se o cuidado de ter, entre os selecionados para as entrevistas, sujeitos que acabaram de se expor à situação de distanciamento e sujeitos que já estão nessa situação há mais tempo. Assim, considerando os dois critérios gerais e ainda considerando gênero, distância da cidade de origem e tempo na situação de distanciamento, foram definidas as seguintes características para a seleção dos sujeitos a serem entrevistados:

- 01 sujeito do sexo **masculino** que morava **perto** de Goiânia com pai e mãe e mora em Goiânia há **mais de 01 ano**, somente com outros adolescentes (sem a companhia de adultos).
- 01 sujeito do sexo **masculino** que morava **longe** de Goiânia com pai e mãe e mora em Goiânia há **mais de 01 ano**, somente com outros adolescentes (sem a companhia de adultos).
- 01 sujeito do **sexo feminino** que morava **perto** de Goiânia com pai e mãe e mora em Goiânia há **mais de 01 ano**, somente com outros adolescentes (sem a companhia de adultos).
- 01 sujeito do **sexo feminino** que morava **longe** de Goiânia com pai e mãe e mora em Goiânia há **mais de 01 ano**, somente com outros adolescentes (sem a companhia de adultos).
- 01 sujeito do **sexo masculino** que morava com pai e mãe e mora em Goiânia há **menos de 01 ano**, somente com outros adolescentes (sem a companhia de adultos).
- 01 sujeito do **sexo feminino** que morava com pai e mãe e mora em Goiânia há **menos de 01 ano**, somente com outros adolescentes (sem a companhia de adultos).

Respondendo a essas exigências foram aleatoriamente selecionados para a entrevista os sujeitos relacionados a seguir.

⁶ No questionário em anexo encontram-se as definições numéricas de longe/perto e de tempo de residência em Goiânia.

A1⁷ – Sexo masculino, 15 anos de idade, tem um irmão de 17 anos de idade, mora em Goiânia de um a dois anos e é procedente de fora do estado de Goiás. Seu pai e sua mãe têm respectivamente 45 e 43 anos de idade. O Pai é servidor público e a mãe trabalha em casa.

A2 – Sexo feminino. Tem 14 anos de idade, tem um irmão com 17 anos de idade. Mora em Goiânia há menos de um ano e procede de uma cidade localizada a menos de 100 Km distantes de Goiânia. Seu pai tem 45 anos de idade, é agricultor e servidor público. Sua mãe tem 35 anos de idade e é dona de casa.

A3⁸ – Sexo feminino. Tem 15 anos de idade, é a segunda de três filhos, seu irmão mais novo tem 13 anos e o mais velho tem 17 anos. Mora em Goiânia há mais de um ano e procede de uma cidade localizada a mais de 300 Km distantes de Goiânia. Seu pai tem 46 anos, é zootecnista e agropecuarista. Sua mãe tem 45 anos é psicóloga, porém não exerce a profissão, é dona de casa.

A4 – Sexo masculino. Tem 13 anos de idade, é o caçula de três filhos, sua irmã tem 15 anos e seu irmão mais velho tem 17 anos. Mora em Goiânia há menos de um ano e procede de uma cidade localizada a mais de 300 Km distantes de Goiânia. Seu pai tem 46 anos, é zootecnista e agropecuarista. Sua mãe tem 45 anos é psicóloga, porém não exerce a profissão, é dona de casa.

A5 – Sexo feminino. Tem 16 anos de idade, é a caçula de três filhos, seu irmão do meio tem 18 anos e o mais velho tem 19. Mora em Goiânia há mais de um ano. Procede de uma cidade localizada a menos de 100 Km distantes de Goiânia. Seu pai tem 42 anos e é servidor público. Sua mãe tem 41 anos de idade e é dona de casa.

A6 – Sexo masculino. Tem 15 anos de idade, é o caçula de três filhos, seu irmão do meio tem 18 anos e o mais velho tem 21. Mora em Goiânia há mais de um ano. Procede de uma cidade localizada a menos de 100 Km distantes de Goiânia. Seu pai tem 42 anos de idade, é agropecuarista e comerciante. Sua mãe tem 41 anos de idade e é dona de casa.

No mês de maio de 2003 após contato com os adolescentes selecionados foi realizada uma entrevista semi-estruturada com cada um dos sujeitos selecionados. As entrevistas foram realizadas em uma sala da escola, colocada à disposição da pesquisa pela coordenação escolar. Foi realizado um encontro com cada um dos sujeitos selecionados e

⁷ Para não permitir a identificação dos sujeitos, um dos termos A1, A2, A3, A4, A5 E A6 será utilizado sempre que se quiser referir ao sujeito correspondente.

⁸ Na fase de transcrição das entrevistas constatou-se que os sujeitos A3 e A4 são irmãos.

durante esse encontro, a entrevista foi gravada em sistema digital de arquivos de voz para posteriormente ser transcrita. Com o objetivo de evitar possíveis perdas ou distorções no conteúdo das entrevistas gravadas, sua transcrição foi realizada imediatamente após a entrevista pelo mesmo pesquisador que a realizou.

As entrevistas foram semi-estruturadas por um roteiro (anexo 03) previamente elaborado, utilizando como base teórica a psicanálise. Procurou-se apreender, nos discursos dos sujeitos, suas experiências vividas e os elementos constitutivos da sua subjetividade em cada fase do seu desenvolvimento libidinal. Inicialmente, os discursos dos sujeitos foram balizados pelos núcleos temáticos estabelecidos no roteiro de entrevista. Contudo, à medida que os entrevistados emitiram suas respostas, surgiram espontaneamente novas questões que retroalimentaram a entrevista e, assim sucessivamente. “A relação dialética entre teoria e realidade empírica se expressa no fato de que a realidade informa a teoria que por sua vez a antecede, permite percebê-la, formulá-la, dar conta dela, fazendo-a distinta, num processo sem fim de distanciamento e aproximação” (MINAYO, 2000, p. 92).

Ao responderem as provocações iniciais feitas a partir do roteiro de entrevista, todos os sujeitos, independente de uma seqüência lógica, apontaram dados sobre sua primeira infância, sobre sua segunda infância, incluindo suas experiências com a escola e com a igreja, sobre sua adolescência e sobre a atual situação de distanciamento.

Dessa maneira, o primeiro passo foi organizar esse conteúdo nos núcleos temáticos presentes nas entrevistas. O primeiro núcleo temático foi composto pelos discursos dos sujeitos relativos a sua primeira infância, ou seja, antes do período da escolarização (alfabetização) e antes do período de latência. O segundo núcleo temático foi composto pelos discursos dos sujeitos relativos ao período da sua segunda infância, ou seja, relativos ao período da escolarização, ou o período de latência. O terceiro núcleo temático foi composto pelos discursos dos sujeitos sobre sua adolescência. O quarto e último núcleo temático foi composto pelos discursos dos sujeitos sobre a sua situação de distanciamento.

O roteiro de entrevista foi construído de modo suficientemente aberto para que elementos da realidade empírica, não contemplados pela teoria, pudessem aparecer nos discursos. Por isso mesmo, os três primeiros núcleos temáticos foram configurados com base na teoria de apoio do roteiro, porém o núcleo temático que organizou os discursos sobre a situação de distanciamento foi uma dimensão revelada pela realidade do objeto estudado.

O aporte teórico que norteou a configuração dos núcleos temáticos pode ser encontrado ao longo de toda a obra freudiana que aborda questões relativas à sexualidade. Porém, em alguns artigos, Freud trata mais diretamente do assunto. Em *Três Ensaios Sobre a Sexualidade* (1976b) propõe que a sexualidade humana se desenvolve em diferentes fases. A primeira dessas fases se inicia com o nascimento e a última é definida pela maturidade sexual adquirida com a puberdade no período da adolescência. O estudo dessas fases de desenvolvimento, juntamente com a realidade encontrada nas entrevistas, balizou a definição dos núcleos temáticos nos quais o conteúdo dessas entrevistas foi organizado.

Após a organização das entrevistas em núcleos temáticos, buscou-se delimitar em cada núcleo categorias lógicas que, ao serem teoricamente tratadas, permitiram a apreensão de como se desenvolve a subjetividade dos sujeitos adolescentes que se distanciaram de seus pais.

A análise do material coletado nas entrevistas apontou na direção de escritos freudianos que tratam diretamente da sexualidade e foram, portanto, utilizados na compreensão das categorias de estudo. Além dos artigos que tratam diretamente sobre sexualidade, também foram utilizados os artigos sobre metapsicologia, antropologia social, mitologia e religião.

As categorias presentes nos núcleos temáticos originados da organização e análise do material das entrevistas são expostas nos três capítulos que compõem o *corpus* desse estudo.

O primeiro capítulo apresenta uma incursão histórica na constituição da família moderna. São utilizados nesse capítulo, entre outros, os estudos de Áries (1978), Pôster (1979), Canevacci (1981), Horkheimer (1990) e Lasch (1991) para a compreensão do desenvolvimento histórico dos modelos de família bem como suas determinações a respeito das relações entre pais e filhos. Também, nesse primeiro capítulo, discute-se como a subjetividade da criança, durante toda sua infância, é constituída a partir da sua relação com seus pais. A concepção freudiana de desenvolvimento humano e de família permite a compreensão da dinâmica emocional gerada nas relações entre pais e filhos. A partir desses estudos pode-se observar que as famílias estudadas são constituídas tanto por elementos da família contemporânea quanto por elementos da família tradicional e que essa configuração exerce fundamental papel na constituição subjetiva dos sujeitos pesquisados.

O segundo capítulo trata da experiência relatada pelos sujeitos sobre o período de sua adolescência. Nesse capítulo, a adolescência é apontada pelos próprios adolescentes

como um período mais difícil e conturbado no que diz respeito às suas relações com seus pais. As descobertas freudianas sobre o desenvolvimento da sexualidade humana serviram de bases reflexivas fundamentais para a apreensão da subjetividade nos seus diferentes aspectos. Nessa perspectiva, a apreensão do discurso do adolescente, sobre a relação entre pais e filhos em geral e na adolescência em particular, não pode prescindir das contribuições psicanalíticas. Por esse motivo foi realizado um amplo estudo dos elementos intrapsíquicos presentes nas relações entre pais e filhos.

Já no terceiro e último capítulo são elaboradas as categorias que emergiram na situação de distanciamento. Procurou-se apreender como se desenvolveu a subjetividade dos sujeitos nessa situação de distanciamento. Desse núcleo, pode-se apreender o surgimento de experiências que os sujeitos não conheciam antes de se distanciarem dos pais. Aqui, a ambivalência característica da adolescência cede lugar a certa idealização das figuras parentais e que, devido à ação superegógica, o sujeito distanciado fica mais inibido e extremamente mais exigente consigo mesmo. Tal idealização e exigência acabam infligindo o adolescente com um intenso sentimento de culpa. Essas categorias constituem a subjetividade do adolescente em situação de distanciamento e são, portanto, pontos centrais desse estudo.

CAPÍTULO 1 - A FAMÍLIA É O SEGREDO DO INDIVÍDUO

“Mas pai e mãe, entidades próximas e dominadoras, as duas irmãs, uma natural, mais velha que eu, a outra legítima, direita, dois anos mais nova, eram manchas paradas. Meu pai e minha mãe conservavam-se grandes temerosos, incógnitos”.

Graciliano Ramos

A consideração da família como a primeira e fundamental instituição realizadora do processo de socialização do indivíduo é uma concepção que norteia este estudo, pois considera-se que é precisamente nesse processo de socialização que o ser humano se funda e se desenvolve. Nesse sentido, a família, enquanto unidade grupal na qual cada indivíduo recém-nascido encontra as condições indispensáveis à sua sobrevivência, torna-se passagem obrigatória para todo estudo da subjetividade do homem moderno. É na família “que o indivíduo desenvolve uma predisposição inconsciente para agir de determinada maneira e recriar mais tarde, em suas relações com seres queridos e autoridades, suas primeiras experiências” (LASCH, 1991, p. 25). A família, como agente principal de socialização, baliza para a criança, através de sua influência emocional, os padrões culturais e morais que determinam o que cada um deve pensar, sentir e fazer. Ainda segundo Lasch, os atos dos pais encarnam amor e poder e transmitem à criança, independente de suas intenções conscientes, os preceitos e as obrigações mediante os quais a sociedade organizada se estrutura. Essa relação entre a criança e sua família é decisiva na formação psíquica de todos os indivíduos na Modernidade e sua importância é predominante, pois

[...] o que ocorre nela plasma a criança desde a sua mais tenra idade e desempenha um papel decisivo no despertar de suas faculdades. Assim como a realidade se reflete no meio deste círculo, a criança que cresce dentro dele sofre sua influência. A família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, na reprodução dos caracteres humanos tal qual os exige a vida social, e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário do qual depende amplamente a sobrevivência da ordem burguesa (HORKHEIMER, 1990, p.214).

Portanto, qualquer tentativa de estudar as relações parentais e suas implicações na organização da subjetividade do homem contemporâneo exige primeiro a compreensão da dinâmica interna da família. Nesse sentido, é importante realizar uma retomada da história das características e do conceito de família. Assim, como ponto de partida para a exposição desse estudo, pretende-se apreender o movimento fundamental que acontece no interior da família com o surgimento da Modernidade. Para tanto, assume-se desde o início um enfoque histórico que nega tanto a imutabilidade da família como sua origem natural ou emanção da divindade. Nesse sentido, concebe-se que, “na verdade, a família não só depende da realidade social, em suas sucessivas concretizações históricas, mas também está socialmente mediatizada, mesmo em sua estrutura mais íntima” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p.133).

A passagem da Idade Média para a Idade Moderna significa uma nova forma de organização das relações sociais e, portanto, significa também uma nova forma de organização da família. O mundo medieval sofre transformações em sua fisionomia social, econômica e cultural.

Comunidade diz respeito à preeminência de grupos primários, relações sociais face-a-face, prestação pessoal, de uso e assim por diante. E a sociedade diz respeito à preeminência de grupos secundários, dissociação entre o público e o privado, relações sociais entre personalidades-status, organização contratual na maioria dos círculos de relações sociais, predomínio da produção de valor de troca e assim por diante (IANNI, 1988, p.20).

O fim do feudalismo como forma de organização social e a ascensão da burguesia como a classe dominante implicaram na emergência de modelos e valores pautados em um modo de vida mais privado e individual que comunitário, mais liberal e menos teocêntrico. O modo de organização mais comunitário do feudalismo era baseado principalmente nos pressupostos da religião e utilizava o teocentrismo para justificar ideologicamente, em nome de Deus, sua rígida divisão de classes e, assim, manter camponeses plebeus submissos à nobreza e ao clero. Esse modo de organização feudal, nessa passagem, foi cedendo lugar a um modo de organização mais privativo e liberal. No lugar do teocentrismo surge uma visão mais antropocêntrica de mundo e a escatologia passa a assombrar menos o homem. “Iniciava-se um amplo processo de afirmação do presente, rompimento com o passado. A razão parecia vencer e apagar a fé. Os homens ficam órfãos de Deus; são obrigados a assumir o próprio destino” (Ibidem, p.28). O olhar do homem desce dos céus para a terra e volta-se até mesmo para seu próprio interior, fazendo surgir um indivíduo mais privatizado, menos comunitário e ‘mais livre’. Nesse movimento, que

surge basicamente do mercantilismo e da ascensão da burguesia, germina o moderno modo de produção capitalista e, com ele, todo um modo de vida.

Na sociedade moderna, o homem abandonou a tradição e a religião, Deus e o Diabo. Intelectualiza-se de tal maneira que desencanta o mundo de visões e fantasmas. Afugenta, confina ou domina a incerteza, o desconhecido, o incógnito. Considera-se senhor do próprio destino. Substitui a tradição e a religião pela razão. A razão pode captar, compreender, explicar e ordenar o mundo. Mais que isso, confere forma e sentido ao mundo, retirando-o do limbo; limpo (IANNI, 1988, p.28).

Fundado na lógica do *esclarecimento*⁹ e em bases liberais, o emergente modo capitalista de organização social não define apenas um modo de produção material, mas define essencialmente um modo de vida: define a forma como as pessoas se relacionam com as outras, com a sociedade e com elas mesmas. Em um outro momento, porém, referido ao mesmo contexto, em 1859 Marx diz que ao se falar de produção, fala-se essencialmente da produção de indivíduos sociais, pois o modo de produção capitalista produz o objeto do consumo, seu consumidor, a forma de se consumir e a necessidade desse objeto.

A fome é fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come com garfo ou faca, é uma fome muito distinta da que devora carne crua, com unhas e dentes. A produção não produz, pois unicamente o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, ou seja, não só objetiva como subjetivamente (MARX, 1987, p. 10).

Diante da ordem liberal e das necessidades capitalistas surge um indivíduo privatizado, ‘livre’ e menos sacralizado. Para o estabelecimento do capitalismo foram e ainda são necessários indivíduos em condições de produzir e consumir seus produtos. No mundo antropocêntrico, o indivíduo liberal está apto a vender sua mão-de-obra ao mesmo tempo em que se torna consumidor necessário dos produtos capitalistas. A ordem espiritual e religiosa já não define absolutamente o que os indivíduos pensam, sentem e fazem. Até mesmo suas necessidades passarão a ser definidas por essa ordem liberal da modernidade que surge.

A Idade Média relacionara a ordem terrena com o juízo divino e desta forma via sentido nela. No novo tempo, todas as circunstâncias da realidade aparecem como simples fatos que não cumprem nenhum fim, mas têm de ser aceitos (HORKHEIMER, 1990, p. 199).

⁹ “Esclarecimento [<Aufklärung>] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [<Aufklärung>]” (KANT, 2003, p. 115).

A ordem que se estabelece é a ordem da razão, do privativo, do mercado, da livre concorrência e da produção. A consequência desse antropocentrismo é, sem dúvida, uma ordem mais liberal, contudo o rompimento da “moldura religiosa e comunitária” expõe o indivíduo à experiência do desamparo, fim da proteção que a comunidade lhe imputava. Assim, esse indivíduo agora terá que se voltar ao foro íntimo e de lá retirar suas próprias referências, terá que experimentar por ele mesmo o caos e a desordem de que estava protegido. Horkheimer referindo-se a essa situação de desamparo diz que o indivíduo moderno

[...] entregue a si mesmo se via diante de uma força alheia à qual ele tinha de conformar-se. Segundo a teoria ele não deveria reconhecer como obrigatório para si o julgamento de alguma instância humana sem exame racional; no entanto, em contrapartida, ele agora estava só no mundo e tinha que sujeitar-se se não quisesse perecer (1990, p. 199).

Este conflito racional, sensível e deslumbrante coloca o indivíduo diante de uma tensão sem igual na história da humanidade. Surge no íntimo das experiências socialmente equalizadas da Idade Média um assombro de privacidade que produziu o embrião de uma subjetividade em conflito. Os elementos dessa tensão entre indivíduo e sociedade podem ser apreendidos através das expressões culturais da época. Nesse sentido, pode-se tomar como exemplo as obras de Hieronymus Bosch (1450 – 1516) e de Erasmo de Rotterdam (1466 – 1536). Bosch, ao criar *O Jardim das Delícias* e *A Tentação de Santo Antônio*, revela um mundo de sonhos e pesadelos cujas formas parecem brilhar e transformar-se perante os olhos do espectador. Suas figuras híbridas, suas cenas de luxúria e de prazer carnal, seus inúmeros símbolos fálicos juntamente com as cenas celestiais mostram o conflito insurgindo-se de dentro do homem, das entranhas da terra ou dos becos de escuridão. As obras desse artista ao invés de mostrar um mundo em ordem e harmonia, revelam a iminência de um sujeito tanto terreno e carnal quanto celestial. Erasmo, ao escrever seu *Elogio*, oferece uma visão irônica e crítica da sociedade. Para ele o conflito não advém da escatologia e sim do interior do próprio homem. A sensibilidade desses dois artistas aponta as embrionárias mudanças no modo de organização social daquele tempo de ruptura¹⁰. “Está na hora, à moda homérica, de deixar os céus para voltar à terra” (ROTTERDAM, 1997, p.18).

As mudanças no modo de organização social, anunciadas pela sensibilidade artística, implicaram mudanças que atingiram a sociedade como um todo. Nesse sentido, a

¹⁰ Hieronymus Bosch (1450 – 1516): artista plástico considerado o precursor do surrealismo.
Erasmo de Rotterdam (1466 – 1536): autor de *Elogio da Loucura*.

família, enquanto célula fundamental dessa sociedade, é alvo prioritário. Sua dinâmica interna torna-se, ao mesmo tempo, causa e consequência dessas transformações.

Segundo Pôster (1979), no que diz respeito à família e as relações parentais, três mudanças são fundamentais: em primeiro lugar uma ordem moral mais rígida e privativa é assumida e, diferentemente do que se via tanto no proletariado quanto na nobreza da Idade Média, a burguesia ascendente definiu-se moralmente, como uma classe dotada de virtuosa renúncia. A rigidez da moral burguesa impõe acima de tudo a renúncia da satisfação sexual e é sobre a sexualidade do homem moderno que essa rigidez se impõe ditando-lhe normas de conduta e valores necessários ao fortalecimento do núcleo familiar, pois a livre satisfação das pulsões diretamente sexuais seria desfavorável ao estabelecimento e manutenção do núcleo familiar. Nesse sentido, ao estudar a história da evolução da família, Freud diz que

[...] é fato que também houve relações grupais de caráter sexual (casamentos grupais), mas, quanto mais importante o amor sexual se tornou para o ego e mais desenvolveu o ego as características de estar amando, com maior premência exigiu ser limitado a duas pessoas – *una cum uno* –, como é prescrito pela natureza do objetivo genital. As inclinações polígamas tiveram de contentar-se em encontrar satisfação numa sucessão de objetos mutáveis (1976p, p. 175).

Em segundo lugar, a família se distancia da coletividade que era comum na Idade Média. “No século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular” (ARIÈS, 1978, p. 265). Nesta configuração o que acontece na família não é do interesse de mais ninguém, uma vez que “a estrutura da família foi se transformando em um núcleo fechado, um microcosmo privado, um santuário em cujos recintos sagrados nenhum estranho tinha o direito de entrar” (PÔSTER, 1979, p. 188). A sociedade não podia interferir ou legislar sobre as relações internas da família burguesa. O ambiente doméstico e o local de trabalho foram radicalmente separados e a família passou a se organizar em um nível de privacidade ainda desconhecido na história da civilização. Hábitos morais, higiênicos e privacidade eram essenciais para o fortalecimento da família como célula do organismo social e, posteriormente, como unidade de consumo.

Então, desse recuo familiar surge um indivíduo livre, angustiado, portador do desamparo comunitário, constituído por um hiato existencial que ele buscará quixotesicamente resolver. A insatisfação que esse indivíduo agora experimenta transforma-se em uma busca ilusória da plenitude e o coloca no movimento necessário à

produção capitalista. Ele tentará encontrar, nesse modo liberalista de viver, através do consumo e da satisfação de suas necessidades imediatas, o fim de seu desamparo e de sua angústia. É exatamente essa busca e a ilusão da possibilidade que funcionam como mola mestra do capitalismo.

Estando as pessoas privadas e restritas ao ambiente doméstico, uma terceira e fundamental mudança acontece, um novo modo de relações interpessoais surge: pais e filhos tornam-se tanto emocional quanto fisicamente mais próximos; a mãe passa a ocupar-se ela mesma dos cuidados com os filhos, passa a cuidar, por exemplo, da higiene e da amamentação e ao desempenhar esses cuidados, a afetuosa intimidade física é obviamente inegável e intensa. O pai não está isento dessa proximidade física. Embora seja ele a figura de autoridade, está também inserido no mesmo e restrito espaço físico, uma vez que é ali ao alcance do corpo dos filhos – olhos, ouvidos, nariz e pele - que ele atende ou frustra suas necessidades mais íntimas. No mesmo ambiente em que a mãe embala e satisfaz com o próprio seio o filho voraz o pai é também homem e marido. O mesmo corpo – da mulher/mãe – proporciona satisfação para o filho e para o pai, o mesmo corpo físico do homem/pai está para a mãe e para o filho. Ainda deve-se levar em conta que a proximidade e o contato físico de que se fala é tanto entre pais e filhos quanto entre marido e mulher. Todas essas relações são em si mesmas fontes de satisfações e frustrações. É desta maneira que o fechamento da família moderna se assemelha a quem se deita bem sossegado, trancando muito bem as portas por medo dos “perigos da noite” e os deixa dentro de casa.

Assim, “a reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças” (ARIÈS, 1978, p. 267). Segundo o mesmo autor, a nova organização da família confere à relação entre pais e filhos proximidade e intensidade emocional, pois “entre o fim da Idade Média e o século XVII, a criança conquistou um lugar junto de seus pais” (Ibidem, p. 270). Os laços afetivos entre pais e filhos se estreitaram à medida em que a família tornou-se a única responsável pela educação dos seus filhos. Dessa forma, um novo padrão de amor e autoridade¹¹ surge, pois, ao mesmo tempo em que os pais declaram intenso amor pelos filhos, são também austeros com a higiene e guardiões de um rigor

¹¹ “O pai tem direito moral à submissão ao seu poder, não porque ele se mostre digno, mas ele se mostra digno porque é o mais forte [...] Na consciência da atualidade, a autoridade também não aparece absolutamente como uma relação, mas como uma qualidade inevitável do superior, como uma diferença qualitativa” (HORKHEIMER, 1990, p.216/217).

moral sem precedentes. Segundo Horkheimer, o rigor da organização familiar burguesa tinha objetivos muito claros:

A teimosia da criança tem de ser quebrada, e o desejo primitivo de um desenvolvimento livre de seus impulsos e faculdades deve ser substituído pela obrigação interior de cumprir o dever incondicionalmente. A sujeição ao imperativo categórico do dever foi, desde o início, um objetivo consciente da família burguesa (1990, p.215).

Dessa forma, o mundo infantil adquiriu prestígio, atenção e carinho ao mesmo tempo em que foi tributado por deveres, exigências de conduta e marcado tanto pela autoridade paternal quanto pela dependência afetiva. Ora, se a relação pais-filhos tornou-se mais afetiva, tornou-se também mais exigente e isso gerou importante tensão no interior dessa nova família.

É importante discorrer sobre essa tensão que surge na dinâmica familiar, pois coube aos pais tanto atender às necessidades afetivas e materiais dos filhos quanto apresentar a estes toda a interdição necessária ao seu ingresso no círculo social. Satisfação e frustração são exclusivamente responsabilidade dos pais que passam a ser fontes de prazer e de desprazer e, portanto, objetos de amor e de ódio. Nessa dinâmica familiar, a criança se vê logo de saída dividida entre sua satisfação pessoal e o amor das mesmas pessoas que lhe dispensam cuidados materiais e afetivos. Em *O Mal Estar na Civilização*, Freud estuda a relação entre o indivíduo e a sociedade e diz que

[...] essas duas premências, a que se volta para a felicidade pessoal e a que se dirige para a união com outros seres humanos, devem lutar entre si em todo indivíduo, e assim também os dois processos de desenvolvimento, o individual e o cultural, têm de colocar-se numa oposição hostil um para com o outro e disputar-se mutuamente a posse do terreno (1976z, p.166).

Freud diz ainda que esse conflito se situa dentro da economia da libido¹² do indivíduo e, portanto, encontrará certa acomodação no psiquismo individual, pois, assim como no processo civilizatório, o indivíduo lançará mão de mecanismos psíquicos específicos que lhe permitirão trocar parte de sua satisfação pessoal pela garantia do amor dos pais e pela segurança que o grupo familiar lhe proporciona. “Então, pela primeira vez, a criança é obrigada a trocar o prazer pela respeitabilidade social” (idem, 1976n, p. 368). Os citados mecanismos que facilitam essa ‘má troca’ atuam sobre as pulsões sexuais¹³ da

¹² Freud (1905) estabelece o conceito de libido como “uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual” (1976b, p. 204).

¹³ “A sexualidade está divorciada da sua ligação por demais estreita com os órgãos genitais, sendo considerada como uma função corpórea mais abrangente, tendo o prazer como sua meta e só secundariamente vindo a servir às finalidades de reprodução” (idem, 1976x, p. 51).

criança impondo-lhes restrições que inibem sua satisfação direta, seja através do afastamento de tais pulsões da consciência, seja desviando-as de sua finalidade primária de obter satisfação sexual, para colocá-las então a serviço de uma finalidade social, transformando-as em desejos que atendam à ordem social. Esse afastamento das pulsões sexuais da consciência constitui um processo, psicanaliticamente denominado de *repressão*, “que afeta as idéias na fronteira entre os sistemas inconsciente e pré-consciente” (idem, 1976k, p. 207). Seu motivo e propósito são evitar o desprazer através do processo que retira da consciência a representação da pulsão investida em determinado objeto. A teoria da repressão é de tal importância para a psicanálise que Freud chega a apontá-la como “a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (1976g, p. 26). Segundo Freud, esse processo de afastamento das pulsões sexuais da consciência é chamado de *repressão* e “[...] a essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação” (1976c, p. 193).

Contudo, ainda segundo Freud, essa ambivalência que se instaura na relação entre pais e filhos torna-se ainda mais complexa uma vez que a criança, em seu processo de desenvolvimento, dispõe de um mecanismo através do qual a satisfação de suas necessidades vitais deixa um vínculo residual com as pessoas que possibilitaram a satisfação de tais necessidades. “O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição” (idem, 1976ad, p. 216). Primeiramente a criança experimenta o prazer em conexão com a tomada do alimento, porém em seguida realiza a distinção entre esse prazer e a condição que o acompanha, é dessa maneira que sugar ao seio torna-se o ponto de partida de toda vida sexual. A partir dessa experiência a criança desenvolve poderosa e complexa ligação afetiva com as pessoas que dela cuidam, no caso das famílias em questão essas pessoas provedoras amadas e odiadas são os pais ou seus substitutos. As necessidades já citadas logo dão lugar, através do vínculo residual, a pulsões sexuais e a satisfação que a criança busca nos pais passa a ser a satisfação de tais pulsões. Em *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* Freud diz que

[...] os sentimentos que uma criança tem para com os pais e para com aqueles que cuidam dela transformam-se, por uma fácil transição, em desejos que dão expressão aos impulsos sexuais da criança. Ela reivindica desses objetos de seu amor todos os sinais de afeição que conhece; quer beijá-los, tocá-los e olhá-los; tem curiosidade de ver seus órgãos genitais e estar com eles quando realizam suas funções excretórias íntimas; promete casar-se com a mãe ou com a babá,

não importa o que entenda por casamento; propõe-se a si mesma ter um filho do pai, etc. A observação direta, bem como a subsequente investigação analítica dos resíduos da infância, não deixa dúvidas quanto à completa fusão de sentimentos ternos e ciumentos e de intenções sexuais, mostrando-nos de que maneira fundamental a criança faz da pessoa que ama o objeto de todas as suas tendências sexuais, ainda não corretamente centradas (1976p, p.172).

Nesse sentido, a mãe ou seu substituto ocupa logo de início um lugar fundamental na constituição da subjetividade da criança, pois através da nutrição e dos cuidados com o corpo da criança constitui-se seu primeiro objeto de amor e é a partir da relação com esse objeto primitivo que a criança realiza suas primeiras e mais significativas experiências de prazer e desprazer, sente-se amada e desamparada. Dessa intensidade erótica, ainda nos primeiros anos da infância, se estabelece a relação que Freud denominou de complexo de Édipo¹⁴: “[...] os meninos concentram seus desejos sexuais na mãe e desenvolvem impulsos hostis contra o pai, como sendo rival, enquanto as meninas adotam atitude análoga” (1976x, p. 49). Na teoria psicanalítica, o complexo de Édipo é assumido como o fenômeno central na sexualidade da primeira infância. Ainda nos primeiros anos, as pulsões sexuais incestuosas, por exemplo, do menino em direção à mãe sofrem poderosa interdição por parte do pai e essa interdição paterna, através do recalque, coloca para o menino um duplo movimento: a exigência de desistir do amor incestuoso pela mãe e a identificação com o pai que é, segundo Freud, “[...] a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (1976p, p.133). No final desse processo o menino, via identificação, quer ser como o pai. Assim, a partir dessa identificação ocorre a internalização do pai enquanto figura de autoridade e

[...] a proibição que os pais impõem ao filho edipiano de realizar seu desejo incestuoso torna-se, dentro do eu, um conjunto de exigências morais e de proibições que, dali por diante, o sujeito imporá a si mesmo. É essa autoridade parental internalizada durante o Édipo, e diferenciada no seio do eu com uma de suas partes, que a psicanálise chama de supereu (Nasio, 1995, p. 129).

Após esse período da dissolução do complexo de Édipo e da formação do superego¹⁵ sucede um outro período no qual as pulsões sexuais inibidas em sua finalidade original são destinadas a objetos socialmente aceitos. É dessa maneira que a relação entre

¹⁴ Assim denominado porque sua substância essencial pode ser encontrada na lenda grega do rei Édipo. O herói grego que matou o pai e tomou a mãe como esposa. Em *A Interpretação dos Sonhos* Freud apresenta um resumo do mito em questão (FREUD, 1976a, p. 256).

¹⁵ Alguns tradutores preferem usar o termo supereu no lugar de superego. Neste trabalho os dois termos serão usados indistintamente.

pais e filhos configura um quadro dinâmico, ambivalente, tenso, prenhe de conflitos e bastante complexo.

Quanto à constituição histórica da família, constata-se que essa organização familiar, a partir do século XVIII, se estendeu a todas as camadas sociais, se impôs tiranicamente às consciências e modificou-se muito pouco até os dias de hoje. Assim, “esse grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, não é mais a família do século XVII, aberta para o mundo invasor dos amigos, clientes e servidores: é a família moderna” (ARIES, 1978, p. 271).

Observando as características das relações dessa nova organização familiar, Pôster (1979) afirma que as relações da família burguesa eram regidas por rigorosas divisões de papéis sexuais. O homem era a autoridade dominante sobre a família e provia o sustento dessa pelo trabalho na fábrica ou no mercado. A esposa, considerada menos racional e menos capaz, preocupava-se exclusivamente com o lar, que ela limpava e decorava. A satisfação de suas necessidades pessoais era desconsiderada. O principal interesse da esposa, durante boa parte do casamento, concentrava-se nos filhos: era ela que tinha de criá-los com o máximo de atenção e em um grau de zelo que era novo na história da família. Dessa maneira, a família burguesa constituiu um padrão emocional particular que serviu para promover os interesses da nova classe dominante e registrar de modo sem paralelo os conflitos de idade e sexo.

No entanto, esse progressivo controle dos instintos via repressão é tributado tanto no psiquismo do indivíduo quanto na dinâmica da família, pois o conteúdo reprimido sempre retorna e, custe o que custar, exige alguma forma de realização, uma vez que as novas formas de opressão de crianças e mulheres dependem de mecanismos críticos de autoridade e amor, ou seja, de intensas emoções ambivalentes. Assim, o retorno do conteúdo reprimido recoloca¹⁶ em movimento, no âmago da família, inegável e inadmissível contradição. Autoridade e amor disponíveis nas mesmas e obrigatórias pessoas asseguram para a família, como algo específico ao seu instituto, permanente crise. Esta crise, movimento permanente, sínteses de contrários, se instaura porque a família burguesa é parte do estabelecimento da ordem também econômica na qual razão e irracionalidade se negam e se afirmam mutuamente. Adorno e Horkheimer demonstraram

¹⁶ A contradição está posta na condição mesma em que se inscreve a relação indivíduo e sociedade. Contudo, tal contradição é alvo de contínuos esforços ideológicos objetivando a negação da sua existência e é nesse sentido que ela não é agora inaugurada, mas recolocada.

muito bem essa contradição entre o racionalismo do esclarecimento liberal e uma educação pautada no autoritarismo e na obediência irracional.

No coração de um ordenamento global determinado pela troca e, por conseguinte, pela racionalidade individual das pessoas singulares em seu trabalho, a família continua a ser uma instituição essencialmente feudal, fundada no princípio do “sangue” e do parentesco natural; ela perpetuava, assim, um elemento irracional no interior da sociedade industrial, orientada ao contrário para ordenações racionalistas, para o domínio exclusivo do princípio de calculabilidade de todas as relações, e que não tolera outro parâmetro de controle que não o da demanda e da oferta. Diante disso a família burguesa conserva-se sempre, em certo sentido, como algo anacrônico: mas, precisamente por isso, pôde operar como instância do processo de adaptação a essa sociedade, já que só a autoridade irracional que tomava corpo na família foi capaz, no curso do tempo, de levar os homens a realizar os esforços indispensáveis para reproduzir, nas condições de assalariados separados da propriedade dos meios de produção, a sua força de trabalho e, com isso, a sua vida. Só a família podia fazer com que surgisse nos indivíduos a identificação com a autoridade, idealizada como ética do trabalho, que sucedeu funcionalmente o poder imediato sobre os servos na anterior era feudal (1973, p.137).

Além da educação autoritária, no padrão burguês de constituição familiar, o amor romântico com todo seu arsenal ideológico¹⁷ passou a ser o dado essencial para legitimar o casamento e as relações entre homem e mulher foram constituídas, então, não mais por interesses e sim pela ‘livre escolha’ dos pares. A respeito da divisão de papéis sexuais e do casamento baseado no amor romântico, Freud, em *Moral sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, escreve que

[...] é preciso também assinalar que esse tipo de casamento continua a exercer sua influência sobre os poucos filhos, ou o filho único, gerado pelo mesmo. À primeira vista, parece um caso de hereditariedade, mas a um exame mais apurado comprova-se ser na realidade o efeito de poderosas impressões infantis. Uma esposa neurótica, insatisfeita, torna-se uma mãe excessivamente terna e ansiosa, transferindo para o filho sua necessidade de amor. Dessa forma ela o desperta para a precocidade sexual. Além disso, o mau relacionamento dos pais excita a vida emocional da criança, fazendo-a sentir amor e ódio em graus muito elevados ainda em tenra idade (1976c, p.206).

Em seu conjunto, as atitudes da família moderna em relação às crianças constituíram um intenso padrão de amor e autoridade. A dinâmica emocional gerada por esse padrão de amor e autoridade estabelece, na infância, as bases para os modos de subjetivação do homem moderno. Nesse sentido, a dinâmica emocional da família moderna constitui importante núcleo de estudo para as pesquisas em ciências humanas. Na dinâmica da família moderna, a criança defronta-se com dois adultos de quem deve obter a satisfação de todas as suas necessidades de amor, proteção, alimentação e educação. Ela deve aprender a amar essas pessoas que parecem ser muito mais poderosas do que ela e,

¹⁷ A respeito do amor romântico ou amor cortês, ver: Lasch, Christopher (1991).

deve, também, buscar nessa estreita gama de adultos – um homem e uma mulher – suas fontes de identificação e modelos de conduta. É importante lembrar que todo esse contexto relacional é profundamente marcado por emoções ambivalentes. A criança e os pais passaram a lidar ao mesmo tempo com uma gama de sentimentos que estabeleceu uma tensão não admitida na concepção desse novo ambiente.

Em resumo, a dominação das mulheres e especialmente das crianças, as limitadas fontes de identificação para os filhos e de objetos de amor para todos os membros da família, a restrição da satisfação de todas as necessidades emocionais e sexuais ao casal, a peculiar combinação de autoridade parental total e intenso amor pelos filhos, a ausência de dependência comunitária e sociabilidade – todas essas características estruturais da família moderna produzem efeitos emocionais que debilitam o reconhecimento mútuo de pessoas no processo de regularem seus próprios assuntos (PÔSTER, 1979). Ainda, a privacidade e o isolamento da unidade familiar continua, talvez, em grau superior ao de antes. O amor romântico é, mais que nunca, a única base legítima para o casamento. As relações íntimas entre pais e filhos, a preocupação com o futuro dos filhos e o reconhecimento de suas necessidades especiais foram, no mínimo, intensificados.

Essas características descritas acima, ou seja, esse modelo de família inaugurado na Modernidade e que visa atender aos interesses da classe ascendente através da valorização da união do casal e da criação dos filhos, modelo em que o pai trabalha, a mãe fica em casa e o filho vai para a escola, de certa forma também pode ser observado na história da família brasileira. Segundo Costa (1999), um outro modelo bastante parecido com esse teria chegado na família brasileira por meio das práticas higiênicas impostas às famílias coloniais pela ordem médica, pois mesmo não tomando a família colonial brasileira pela família feudal européia, pode-se dizer que da higienização da família colonial resultou “uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados, e colocados à disposição da cidade, do estado e da pátria” (COSTA, 1999, p.48). A família colonial, assim como a família feudal, enquanto lugar de amparo comunitário, não comportava uma subjetividade privatizada. Foi necessário, portanto, que esse “antro comunitário” tomasse um banho de liberalismo transformando a família de lugar de amparo em agente fundamental de socialização: *locus* de um sujeito individualizado, liberalizado e disponível para a livre concorrência do mercado. Segundo Roudinesco

(2003), a esfera do privado surgiu de uma zona “obscura e maldita” para se tornar o lugar de uma das experiências subjetivas mais importantes de nossa época.

Contudo, na atualidade esse modelo da família burguesa em que o pai é o detentor dos meios de produção e responsável único em prover as necessidades materiais da família, além de ser referência ambivalente de afeto e autoridade, já não é uma realidade absoluta ou única das famílias contemporâneas. Na atual ordem mundial, o capital e os meios de produção estão concentrados nas mãos de gigantescas corporações que geram uma imensa massa trabalhadora urbana que tende a seguir o padrão burguês talvez em aspectos fundamentais. No entanto, na economia de consumo, a família tornou-se mais que nunca unidade de consumo que é encorajada ideologicamente a consumir cada vez mais. Ora, o consumismo implica, através das promessas de gratificação instantânea, práticas mais permissivas de criação dos filhos e, assim, a velha ideologia repressiva burguesa cedeu lugar a uma nova aceitação sexual.

Desse modo, o enfraquecimento econômico do homem o obriga a dividir com a mulher a realização de tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Em consequência, a figura paterna como padrão absoluto de autoridade e de afeto é ameaçada. Nessa mesma ordem de idéias, os filhos procuram agora amizades fora do lar, em grupos de iguais e na escola. A elevação das taxas de divórcio e de sexo extraconjugal revela uma relutância dos parceiros conjugais em permanecerem juntos e manterem-se mutuamente fiéis pela vida inteira. A desordem foi germinada no âmago da ordem familiar burguesa e o esmaecimento da figura paterna acontece no mesmo ritmo em que o feminino supera sua domesticidade. “A domesticação da mulher provocou uma desordem geral, encorajando a mulher a manter aspirações que o casamento e a família não podiam satisfazer” (LASCH, 1991, p.28). Segundo o mesmo autor, o feminismo é a antítese do tratamento que a burguesia dispensou à mulher.

Em suma, na contemporaneidade, os princípios da família burguesa têm sofrido mudanças substanciais, que estão produzindo um certo número de novos modelos ou de novas estruturas familiares e essa realidade parece não permitir falar em um padrão familiar único, pois o que se pode ver das estruturas familiares, pelo menos nos centros urbanos, é um mosaico em pleno movimento, o que bem expressa Roudinesco ao dizer que “À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de

hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas” (2003, p.21).

Na contemporaneidade a compreensão da família é tributária dos trabalhos de diversos pesquisadores que ajudaram a desvendar os mecanismos fundamentais da dinâmica interna presente nas relações familiares. Nesse sentido, apesar de não serem exclusivas, as teorias utilizadas na concepção desse estudo sobre como se organiza subjetivamente o adolescente em situação de distanciamento mostram-se atuais e necessárias. A maior parte das categorias lógicas apreendidas pelos autores dessas teorias ainda não foi historicamente superada e isso, por si só, atesta sua atualidade. Esses diferentes autores ajudam a apanhar as mediações da complexidade familiar e, ao revelarem os mecanismos fundamentais da dinâmica familiar permitem afirmar que a família contemporânea comporta contradição, negação e síntese, movimento sócio-histórico inacabado. Assim, na família contemporânea, encontram-se presentes, tanto pela afirmação quanto pela negação, os traços desse processo histórico, constituídos por elementos da família tradicional, seja ela a feudal européia ou a colonial brasileira.

1.1 - O segredo da família do indivíduo

Nas famílias dos adolescentes pesquisados, os dados apontam um modelo familiar que conserva características evidentes da família patriarcal tradicional com elementos da família moderna contemporânea. São famílias de classe média, constituídas por um núcleo familiar típico da tradicional família burguesa, privativo e restrito ao pai, à mãe e aos filhos. Os dados apontam que essas famílias possuem um número bastante reduzido de filhos e essa parece ser mais uma característica da família contemporânea que vive nos centros urbanos. O filho único foi observado em 5% das famílias pesquisadas e enquanto 80% dessas famílias possuem entre dois e três filhos, apenas 15% têm quatro ou cinco filhos. É importante sublinhar que em famílias rurais tradicionais o número elevado de filhos era importante tanto para o sustento material de seus membros bem como para a transmissão do patrimônio. O número reduzido de filhos parece ser parte das transformações impostas à família pela vida moderna. Se no feudalismo medieval cada indivíduo estava amparado e inserido na grande comunidade, na família patriarcal o indivíduo encontrava nos pais e no grande número de irmãos suas referências, na família

contemporânea o número de filhos sofre significativa redução, o que reduz ainda mais para a criança os modelos de conduta, as fontes de identificação e de satisfação afetiva.

Segundo os adolescentes pesquisados, seus pais são pessoas de média idade, 91% deles possuem entre 35 e 50 anos, apenas 9% deles possuem mais de 50 anos de idade. Quanto à escolaridade, todos concluíram no mínimo o ensino fundamental e 30% deles concluíram algum curso superior. São profissionais liberais, comerciantes, servidores públicos, agricultores e agropecuaristas. Geralmente possuem mais de uma frente de trabalho, por exemplo: são profissionais liberais e desenvolvem alguma atividade ligada ao campo (agricultura e agropecuária). Nos questionários, apenas 21% das mães foram apontadas como trabalhadoras do lar, contudo, durante as entrevistas pôde-se perceber que todas as mães dos sujeitos entrevistados não trabalham fora de casa e que, enquanto o pai é o único provedor do sustento material da família, a mãe é responsável pelos cuidados dos filhos e pelos afazeres domésticos.

Algumas conseqüências dessa realidade apontada pelos dados quantitativos são apreendidas nos discursos dos sujeitos entrevistados. Essa minimalização da família através da diminuição do número de filhos e da redução dessa a um núcleo privativo formado exclusivamente por pai, mãe e filhos resulta em significativa intensificação afetiva entre pais e filhos. Além disso, o conteúdo dessa intensificação afetiva revela a ambivalência presente na dinâmica interna das relações familiares. Trata-se, como se pode ver nos discursos, de uma forma de organização que ensina à criança que sua segurança na vida depende exclusivamente dos seus pais, estabelecendo para a criança a necessidade de amá-los e acreditar-se amada por eles. Ao mesmo tempo em que os pais se estabelecem como fonte de satisfação e de amor, também se estabelecem como padrão de autoridade e fonte de frustração. É precisamente através desses afetuosos pais modernos que a criança experimenta as restrições necessárias à manutenção do modo de organização da sua sociedade.

A3

Eu acho que eu sempre fui muito família e a família sempre esteve lá, todo mundo junto.

A4

Só de a gente estar perto dos pais já é o suficiente. Eu sou muito apegada a minha família e minha infância foi tudo de bom!

A2

Ah! Eu sempre fui muito apegado aos meus pais.

A5

Eu sempre fui criada no meio da família mesmo, sempre no meio da família.

Em sua dinâmica familiar e na distribuição de papéis as famílias pesquisadas conservam uma configuração nos moldes da família patriarcal, pois em todas elas o pai, tanto é o responsável direto pelo sustento da família, quanto é a principal figura de autoridade. O pai é a referência para os membros da família e é ele quem indica como cada membro de sua família deve se portar, o que pode e o que não pode fazer, sua presença é observada com respeito e obediência. Ao mesmo tempo em que o pai é figura de autoridade para a família, ele garante também sua segurança, pois é ele quem defende os membros e os bens da família.

A5

Com meu pai eu não tenho uma relação assim... Eu não tenho muita liberdade com meu pai porque ele vivia trabalhando.

A2

Agora assim... Meu pai, ele sempre trabalhou muito, sabe?

A3

Eu passava o dia com minha mãe, meu pai trabalhava o dia inteiro e só chegava em casa à noite.

A6

Algumas vezes eu discordava, mas sempre obedecia, o poder dele era maior, né? Tinha que obedecer! Tem que obedecer o pai! Tem que fazer a vontade dele, é ele que manda mesmo!

Em todas essas famílias a mãe “não trabalha” e além de ficar em casa e ser responsável direta pela educação dos filhos, é também a reserva afetiva do grupo familiar. É à mãe que cada um dos familiares se volta na busca de afeto e apoio, além de sua presença também ser fundamental para a estabilidade da família. Observa-se, também, que ela é além de mediadora das exigências da autoridade paterna e das demandas dos filhos, a facilitadora do encontro de pai e filhos.

A5

Eu sou muito apegada com minha mãe, ela é muito amiga, sabe? Ela sempre foi uma mãe super dedicada porque ela nunca trabalhou fora, ela sempre viveu pra cuidar dos filhos.

A1

Meu pai chegava mais tarde em casa e sempre minha mãe ficava mais tempo comigo aí eu acostumei, eu tenho uma aproximação muito boa com meu pai graças a Deus, mas eu converso é com a minha mãe.

A4

Minha mãe é sempre assim, é mais carinhosa pelo caráter dela. Já meu pai é... Meu pai é menos carinhoso.

Essa dinâmica familiar expõe a desigualdade na distribuição de papéis sexuais e aponta o poder do pai como chefe de família além de mostrar que sua autoridade permanece, tal qual na família tradicional, intocável. No entanto, o poder do pai é intocável apenas em sua aparência, pois a mãe, enquanto reserva afetiva dos membros da família, relativiza tal poder através de sua mediação afetiva. Pai e/ou filhos voltam-se para o “colo” da mãe solicitando-lhe que amorteça seus encontros com as interdições da instituição familiar e é no bojo dessas solicitações, nos hiatos desses encontros, que a mãe infiltra seu poder na relação entre o pai e o filho. Essa relativização do poder paterno proporcionada pela mulher já está, de algum modo, presente na própria constituição do casamento monogâmico burguês alicerçado no amor romântico, ou seja, a aparente autoridade absoluta do pai, que também é filho de uma mulher, já é de saída relativizada a partir do próprio contrato que esse estabelece com a mulher “submissa”, objeto de amor e dedicação. Em relação a essa tensão a partir da qual nas exceções se confirma a regra, Horkheimer oferece uma bela passagem:

O abraço de Romeu traz para Julieta a felicidade que somente Don Juan proporciona à mulher, e este vê em toda moça uma Julieta. Ambas deveriam renegar a força criativa que é ao mesmo tempo física e psíquica e desistir de todos os princípios masculinos, se quiserem se subordinar. Tais figuras da lenda exprimem o abismo entre o direito do indivíduo à felicidade e a exigência soberana da família (1990, p. 234).

Nos discursos do sujeito sobre sua infância não aparece diretamente manifestação alguma de questionamento da autoridade do pai, não há conflitos manifestos, pois um pai que ama a todos igualmente, torna todos justamente iguais. “A idealização da autoridade paterna, como se emanasse de um decreto divino, da natureza das coisas ou da razão, se revela, a um exame mais acurado, como a glorificação de uma instituição economicamente condicionada” (Ibidem, p. 233). Assim, ao falarem da sua infância, os adolescentes pesquisados relatam aparente harmonia familiar. Todos os entrevistados apontam que tiveram uma infância livre de conflitos manifestos e bastante satisfatória. A infância, para esses sujeitos, foi “tudo de bom”, com um pai ideal sempre trabalhando, transmitindo os padrões de conduta e os valores morais para todos os membros da família e uma mãe amiga, compreensiva, ideal, sempre disponível e atenta aos cuidados da casa e às necessidades afetivas dos filhos. A relação entre os irmãos, quando não é relatada como excelente, é boa e isenta de conflitos. Como diz Ariès (1978), é o grupo de pais e filhos felizes em sua solidão e estranhos ao resto do mundo.

A1

Minha relação com meu pai foi muito boa, nunca teve problemas, nunca brigamos, com meu irmão também, nunca brigamos só teve algumas discussões. Assim, xingar, mas brigar mesmo, nunca! Nem com meu pai.

A2

Nossa! Ótima! Minha infância foi, assim, ótima! Acho que só da gente tá perto dos pais já é o suficiente. Foi tudo de bom!

A lembrança das lembranças infantis, das quais os sujeitos, no tempo presente das entrevistas, fazem alusão é aparentemente isenta de conflitos e, como dito anteriormente, ideal. Contudo, Freud diz que essas lembranças podem passar por certa filtragem que seleciona o conteúdo a ser lembrado.

Quando alguém faz um relato de um acontecimento passado, ainda que seja um historiador, devemos ter em mente o que é que ele intencionalmente faz recuar do presente, ou de alguma época intermediária, para o passado, falsificando, com isso, seu quadro referente ao fato (1976o, p. 392).

É nesse sentido que um olhar mais atento aos discursos pode apontar que a clássica e inevitável ambivalência afetiva característica da família nuclear burguesa marca sua presença em uma intensidade proporcional a sua negação. Diante de desejos, que na maioria das vezes sequer podem ser admitidos conscientemente, e diante da autoridade parental inibidora a criança vive uma intensificação de sentimentos, amor e ódio, desejo e culpa. Esses sentimentos sofrem por parte de seu superego, eficiente processo de repressão que tem por finalidade preservar a integridade de seu ego. Apesar da negação e da aparente harmonia proporcionados pelo recalque, também se observam nas entrevistas, por exemplo, os seguintes discursos:

A3

Eu falo pra ela isso hoje, que parecia aqueles desenhos do Mikey e do Pateta que tinha o Pluto e de um lado (da cabeça) o anjinho e do outro lado o capetinha. Parece que tinha alguma coisa falando na minha cabeça pra eu ir lá e brigar com ela e responder. Eu não sei exatamente quais eram os motivos. Eu lembro assim de algumas cenas na cabeça da gente discutindo aí eu saía, ela tava arrumando janta, a gente discutia. Eu ia tomar um banho, ficava meia hora no chuveiro, eu me lembro de entrar no chuveiro brava e depois de meia hora eu saía do banho e já tava de boa com ela.

A4

É assim, quando ela não deixava eu fazer alguma coisa eu ficava bravo e discutia...O que era ruim é que eu não podia fazer um monte de coisas, aí eu ficava bravo.

A5

É, tem pontos ruins e bons. É bom porque eu me sentia protegida e é ruim porque eu ficava presa, não podia fazer nada... Eu tinha, assim, não é medo, entre aspas, do meu pai.

A2

É. Eu falei pra minha mãe deixar de ser chata. Aí meu pai me bateu. Eu falei: nossa! Gente, o que foi que eu fiz? Ela estava sendo chata mesmo. Eu fiquei triste por ele ter me batido por causa disso.

A6

Eu acho que é uma coisa que gostando ou não você tem que aceitar.

Tais discursos indicam que a relação entre pais e filhos, relatada pelos adolescentes pesquisados, como aponta a teoria, é marcada tanto pela intensidade emocional, quanto pela ambivalência afetiva, uma vez que os pais são a única fonte de satisfação afetiva. Constata-se que nos discursos não foram percebidas quaisquer fontes substitutivas de atribuição de afeto. Além de serem fontes únicas de satisfação afetiva, os pais são também modelos de conduta, agentes do processo de socialização. São os pais, portanto, que assumem a fundamental função de inculcar nas crianças os pensamentos, comportamentos e sentimentos que são delas esperados socialmente. Pai e mãe tanto gratificam quanto frustram, tornando-se objetos de amor e de ódio. Através de sua ação a criança se sente aceita, amada e ameaçada ao mesmo tempo e é por meio dos pais que a criança inicia a troca de parte de sua satisfação pela aceitação social. Assim, essa relação está longe de ser isenta de conflitos, entretanto, nos discursos, o que se percebe é que as lembranças das vivências infantis são idealizadas: o pai, a mãe e os irmãos são elementos de confirmação do paraíso infantil.

Apesar da constituição familiar estudada apresentar-se hermética e em condição de privacidade, duas outras instituições, a escola e a igreja, estão presentes em todos os discursos dos adolescentes sobre sua infância. A experiência desses sujeitos, seguindo a tendência moderna, iniciou-se antes dos cinco anos de idade e foi relatada como importante fator de socialização. Certamente esse foi o primeiro esboço de saída de casa, de distanciamento dos pais e essa sinalização de rompimento foi vivida com expectativa, medo e culpa. Na escola, meninos e meninas se afastam minimamente do pai e da mãe e experimentam alguma sensação de desamparo. No entanto, foi a partir da escolarização que se realizou importante ampliação das relações sociais de cada um dos sujeitos pesquisados, fazendo surgir novas relações e a afetividade pôde minimamente ser distribuída um pouco fora dos laços parentais, apesar de essa ampliação não ter produzido mudanças significativas nos modelos identificatórios e nem nos vínculos emocionais.

A5

É, eu gostava de ficar com minha mãe, mas depois eu fui me acostumando, foi só no início mesmo. Lembro de algumas pessoas que estudavam comigo e que até hoje são meus amigos, assim, eu tenho boa lembrança do meu jardim, lembro das baguncinhas, das brincadeiras.

A3

Eu comecei no jardim, era uma escola do lado da minha casa, eu sempre quis muito ir pra escola porque minhas amigas todas já iam, então, era aquela coisa bem idolatrada de ir pra escola, usar uniforme, eu tenho um milhão de fotos de uniforme com o material.

A2

Eu morava na fazenda, sabe? Eu não ficava muito na cidade e na fazenda eu ficava sempre com as mesmas pessoas, sabe? Essas coisas. Agora quando eu ia pra cidade, eu ia mais pro colégio, ficar com minhas amigas e ir pra casa delas.

Além da ampliação das relações sociais foram também apontadas algumas situações de sofrimento por causa da introdução da criança nesse novo espaço de convivência.

A1

Ah, eu me lembro até hoje. Eu fui com minha mãe, chegou lá ela me largou e foi pra casa. Os meus amigos até hoje lembram, eu chorando desesperado e gritando: minha mãe! Minha mãe! Nesse dia não foi muito bom não.

A2

Nossa! Eu fiquei três dias chorando com vontade de voltar pra trás... Nossa, eu chorei muito!

Apesar desse sofrimento inicial, as lembranças do período de escolarização foram relatadas como boas, deixando transparecer que foi um período também isento de conflitos manifestos.

Nas entrevistas realizadas todos os adolescentes pesquisados apontam que tiveram, em sua infância, experiências significativas com a religião. Afirmam ainda que tais experiências se deram através da mediação dos pais, que foram modelos de relação com a igreja. Esse modelo foi seguido, durante a infância, por todos os adolescentes entrevistados e esses, por sua vez, atribuíram a sua experiência com a igreja grande importância tanto em sua própria vida como na vida de seus familiares. Essa relação com a igreja pode ser exemplificada através dos seguintes discursos dos sujeitos:

A1

Eu tenho uma relação com a igreja sim, meu pai, minha mãe sempre que tem culto eles estão lá e me levavam pra igreja...Final de semana era sagrado pra mim, qualquer compromisso era sempre depois do culto.

A4

Uai! Minha mãe sempre passou que era importante. Costume. A família sempre foi muito religiosa.

A2

Desde pequena, lá em casa sempre teve esse ritmo, meu pai e minha mãe levam a gente pra igreja, desde novinho. Meu pai vive brigando, quando a gente fala que não vai. E ele diz que tem que ir. É uma coisa super importante pra ele.

A5

Eu sempre fui muito religiosa, eu já fui, assim, eu fiz primeira comunhão com onze anos, fiquei participando da comunidade e dei aula de catequese. Ah! Eles acharam lindo!

Nenhum dos adolescentes entrevistados apontou algum laço emocional com professores ou correlatos, não houve registros de construção de objetos substitutos dos pais na escola e na igreja. Os dados colhidos nas entrevistas apontam que a escolarização e a evangelização possibilitaram a ampliação das relações sociais, sem, contudo, fornecer para os filhos alteração no quadro de vínculos afetivos, ou seja, os pais continuaram a ser os principais modelos de conduta e fonte de satisfação. O fato de os pais continuarem sendo fontes principais de identificação, apesar da igreja e da escola, chama a atenção, pois na medida em que as pulsões sexuais da criança são destituídas de sua finalidade incestuosa original e a relação entre pais filhos torna-se menos ambivalente a criança se sentiria suficientemente segura e a vontade para estabelecer vínculos com outras pessoas e inserir-se em um círculo social mais amplo. Pode-se dizer que da dissolução do complexo de Édipo, da renúncia a uma relação pulsional ambivalente via identificação simbólica com um traço do ideal paterno, ocorreria um processo formador do ego e de seus vínculos com outras pessoas. No entanto, no caso dos sujeitos pesquisados parece que a identificação com o ideal paterno não resultou em suficientes condições ou garantias para que tais sujeitos realizassem sua “saída” de casa e da cena edípica.

Em suma, a dinâmica interna das relações familiares modernas estabelece para a criança um padrão específico para suas relações subjetivas com seus pais. A ambivalência emocional e a figuração dos pais como fontes prioritárias de identificação são as bases das relações entre pais e filhos. Nesse sentido, a criança está de tal forma exposta aos vínculos afetivos intrafamiliares que o mundo “extra casa” somente adquire importância enquanto mediado, em seu valor e significado, pelo afeto e pela autoridade dos pais. Esse minimalismo do mundo “extra casa” tem, durante toda a infância, um aspecto bastante afável. Contudo, no decorrer do desenvolvimento, o filho precisará, durante sua adolescência, renunciar a esses vínculos e, em prol de seu crescimento como sujeito, confrontar-se com tudo aquilo que tende a reduzi-lo.

CAPÍTULO 2 - DO PARAÍSO INFANTIL AO CORPO ADULTO: UMA EXIGÊNCIA DE SIMBOLIZAÇÃO

“Acordei, reuni pedaços de pessoas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo, criei meu pequeno mundo incongruente. Às vezes as peças descolavam – e surgiam estranhas mudanças. Os objetos se tornavam irreconhecíveis, e a humanidade, feita de indivíduos que me atormentavam e indivíduos que não me atormentavam, perdia os característicos”.

Graciliano Ramos

Em pleno século XIX, Baudelaire escreve que “a maior parte dos belos retratos que nos provêm das épocas passadas está revestida de costumes da própria época. [...] assim, a indumentária, o penteado e mesmo o gesto, o olhar e o sorriso formam um todo de completa vitalidade” (1996, p. 25). O historiador Philippe Ariès, dessa mesma convicção, realiza importante pesquisa sobre a *História Social da Criança e da Família*. Baseando seus estudos na observação de documentos e retratos e na arte da idade média, ele afirma que o sentimento de infância, assim como o sentimento de família, somente emerge no cenário social na passagem da Idade Média para a Modernidade. “Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição” (ARIÈS, 1981, p. 69). A Idade Média não fazia distinção entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças. Na Modernidade, as crianças, além de terem seu mundo claramente diferenciado do mundo dos adultos, passaram a ocupar um lugar central no sentimento da família.

No século XVII, entretanto, a criança ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguiu dos adultos. Esse fato essencial aparece logo no primeiro olhar lançado às numerosas representações de crianças do início do século XVII (Ibidem, p.70).

A Modernidade significou uma ruptura com os padrões medievais de organização social e essa ruptura se estende a todos os aspectos imagináveis da sociedade. É uma mudança que atinge todo o homem, pois sua forma de ver, de pensar, de agir, de sentir é gradualmente transformada.

Mas a noite chegou. É a hora estranha e ambígua em que se fecham as cortinas do céu e se iluminam as cidades. Honestos ou desonestos, sensatos ou insanos, os homens dizem consigo: “Enfim, acabou-se o dia!” Os plácidos e os de má índole pensam no prazer e todos acorrem ao lugar de sua preferência para beber a taça do esquecimento (BAUDELAIRE, 1996, p. 23).

As mudanças não aconteceram aqui ou ali, mas se deram em todo o corpo social, incluída a organização da família, a percepção social da infância e da adolescência. Portanto, para se compreender o fenômeno da adolescência é preciso tomá-lo em seu aspecto histórico e dinâmico, pois não se trata simplesmente de uma fase natural da vida humana. A adolescência, como a conhecemos, é um fenômeno da modernidade. Em sua plasticidade, a adolescência é um fenômeno historicamente construído de acordo com as necessidades e contingências do mundo moderno.

Nesse sentido, a adolescência enquanto objeto desse estudo exige, para sua compreensão, um olhar que vá além do aparente e imediato. Faz-se necessária uma busca dos aspectos essenciais desse objeto, uma busca capaz de considerar suas mediações históricas e seus elementos subjetivos. Ao desenvolver a teoria psicanalítica, Freud propõe uma extensa compreensão do processo do desenvolvimento humano. Suas descobertas são bases reflexivas fundamentais para a apreensão da subjetividade nos seus diferentes aspectos. Nessa perspectiva, a apreensão da relação entre pais e filhos, em geral, e na adolescência, em particular, não pode prescindir de suas contribuições. Seu ponto de partida foi a negação de toda a crença popular em uma infância assexuada. A partir daí Freud demonstrou que, se a sexualidade humana inicia-se na infância, a vida sexual adulta é guiada pelos indícios e desdobramentos dessa sexualidade infantil, pois os resultados das vivências sexuais infantis prolongam-se pelas épocas posteriores e tal prolongamento pode se dar através da conservação do modelo vivido na infância ou através de uma renovação desse modelo na época da puberdade.

No artigo *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* que teve sua primeira publicação em 1905¹⁸, Freud diz que a sexualidade infantil nasce baseada em uma das funções somáticas vitais, por exemplo, na alimentação, quando a criança mama no seio da mãe ou em seus substitutos. Diz ainda que as pulsões sexuais infantis não estão dirigidas para outra pessoa, mas satisfazem-se no próprio corpo e são, portanto, auto-eróticas e seu

¹⁸ Ao longo do tempo e a medida em que seus estudos foram avançando Freud realizou, em diferentes datas, sucessivas modificações e acréscimos nesse artigo. As citações aqui utilizadas levarão em conta a última versão.

alvo sexual acha-se vinculado e sob domínio de uma zona erógena específica, ou seja, de uma determinada parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade, o que determina a parcialidade das pulsões infantis. Freud demonstra, por exemplo, a partir do ato de chuchar¹⁹ essas características da sexualidade infantil.

Está claro, além disso, que o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança — mamar no seio materno (ou em seus substitutos) — há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida. A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento — uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado. A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar, e porque desse modo ela se proporciona como que uma segunda zona erógena, se bem que de nível inferior. A inferioridade dessa segunda região a levará, mais tarde, a buscar em outra pessoa a parte correspondente, os lábios. [“Pena eu não poder beijar a mim mesmo”, dir-se-ia subjazer a isso.] (1976b, p. 170).

Assim, Freud caracteriza a vida sexual infantil como essencialmente auto-erótica, quer dizer, seu objeto de prazer encontra-se no próprio corpo. Além do auto-erotismo, suas pulsões são parciais, ou seja, são inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. Tais características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis. Além disso, se o ato de chuchar ensina que existem zonas erógenas predestinadas, mostra também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode adquirir propriedade erógena, ou seja, pode tomar para si a função de zona erógena que, ao ser qualificadamente estimulada, pode produzir sensação prazerosa.

¹⁹ O chuchar, que já aparece no lactente e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida, consiste na repetição rítmica de um contato de uma sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance — até mesmo o dedão do pé — são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção (Ibdem, p. 168).

Dessa maneira, a libido ao se desenvolver elege sucessivamente e desde o nascimento determinadas partes do corpo que, assim investidas, tornam-se extraordinariamente excitáveis, cada uma por sua vez, de forma prioritária e, sob estimulação adequada, será fonte de prazer. Da parcialidade pulsional e do auto-erotismo evidencia-se esse processo de sínteses que consiste em certa concentração das pulsões em torno de zonas corporais determinadas. Através desse processo sintético as pulsões se organizarão em fases sucessivas de desenvolvimento. Segundo a teoria freudiana, a primeira fase dessa organização é atingida sob o domínio dos componentes orais.

O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca. Inicialmente, toda a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. Primariamente, é natural, essa satisfação está a serviço da autopreservação, mediante a nutrição; mas a fisiologia não deve ser confundida com a psicologia. A obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se todavia por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de *sexual* (FREUD, 1976ad, p. 179).

A observação da vida de um bebê demonstra que a partir de um determinado momento ele continua realizando parte das atividades ligadas à nutrição sem, contudo, ingerir alimento algum. Então, ele brinca com o seio materno ou seus substitutos – a mamadeira que originalmente era utilizada com a parte do bico apontando para baixo e com a parte do fundo pra cima, única forma de se ingerir através da gravidade o leite, sofre uma inversão e o bico agora aponta para cima de modo que o leite não mais verta –, pois o que interessa é o próprio bico e não mais o leite, ou seja, o alimento. Nesse momento não se trata mais de atender a uma necessidade de nutrição através do alimento, porque esse não é um ato movido pela fome e seu movimento não tem como objetivo introduzir a comida na boca e engoli-la, pois o que seu corpo busca não é a saciedade que se obtém com o alimento e sim a obtenção de prazer através da satisfação do desejo. Desse momento em diante o sujeito estará sempre buscando reencontrar aquela completude primeira que viveu na experiência simbiótica com a mãe. Segundo Rosolato (1999),

[...] nunca é demais chamar a atenção para essa vertente do auto-erotismo: assim, na sucção do polegar, insistimos quase sempre na busca de um prazer de substituição esquecendo que há igualmente o domínio da falta, assim reproduzida, repetida e prolongada no encontro entre a ausência de alimento, de seio, e o furo da boca (p. 65).

Em Freud, desde a primeira publicação de seus *Três Ensaio*s, não há identificação entre a necessidade biológica e o desejo, pois a necessidade biológica pode ser satisfeita

em objetos apropriados, como o alimento. Ao apontar enfaticamente essa diferença entre desejo e necessidade biológica Freud estabelece magistralmente a possibilidade de se estudar a sexualidade humana ligada a todo o campo psíquico e vice-versa. Já o desejo, como diz Roudinesco (1998), está ligado a traços mnemônicos, a lembranças, ou seja, o desejo se forma na reprodução feita pelo bebê das percepções das primeiras experiências de satisfação das suas necessidades vitais transformadas em signos de prazer. É, no seio materno, no corpo da mãe, na indistinção inicial entre ele e a mãe que o bebê realiza a experiência do prazer e do gozo. Dessas fundamentais experiências se depura, mobilizado pela sexualidade, o desejo como falta, como busca e como possibilidade de provisória realização. Segundo Rosolato (1999), o fato é que as relações entre o desejo e a satisfação são orientadas pelas representações primeiras de um objeto perdido.

O tempo e a experiência agindo, a partir de uma memória que se modifica, descobertas, vindo de um acesso ao desconhecido, ativam diferentemente o desejo. A quietude que se segue à excitação satisfeita pode tornar-se um estado de predileção até o ponto de esquecer sua causa (ROSOLATO, 1999, p. 09).

É assim, a partir dessa organização processual e sintética, que o prazer é obtido na relação da boca com o seio materno ou seus substitutos. Esse mesmo processo se repetirá sempre de maneira mais elaborada em cada nova fase do desenvolvimento da sexualidade humana até que essa atinja sua maturidade, ou seja, até a puberdade.

A segunda fase de desenvolvimento da sexualidade é descrita por Freud como anal-sádica e, nessa organização da libido, a região anal é eleita como zona erógena e a satisfação é, então, procurada na função excretória e na agressão. Nesta fase, a criança está desenvolvendo sua musculatura e o controle esfíncteriano. O prazer está ligado ao controle do próprio corpo (retenção ou excreção das fezes) e ao controle que ela, a criança, descobre exercer sobre os outros à sua volta.

Freud diz que, assim

[...] como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originariamente muito grande. Inteiramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais dela provenientes e da frequência com que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital (1976b, p.175).

É importante considerar que, tanto na fase oral quanto na fase anal e também na fase fálica, as primeiras catexias objetais ocorrem em conexão com a satisfação de necessidades vitais importantes e simples. Portanto, a mãe ou seu equivalente é o

primeiro objeto de amor para ambos os sexos. Para o menino ela permanece assim também durante a formação do complexo de Édipo e, em essência, por toda a vida dele. Já para a menina, a partir da terceira fase, ocorrerão mudanças significativas.

Como terceiro momento dessa organização, Freud considera a fase fálica que é, por assim dizer, “uma precursora da forma final assumida pela vida sexual e já se assemelha muito a ela. [...] Com a fase fálica, e ao longo dela, a sexualidade da tenra infância atinge seu apogeu e aproxima-se da sua dissolução” (1976ad, p. 179/180). Nesta fase, uma vez que ainda não houve a distinção anatômica entre os sexos e que meninos e meninas atravessam do mesmo modo as fases iniciais do desenvolvimento libidinal, o falo enquanto simbolização do genital masculino é erogenizado por ambos e a libido se desenvolve em direção à unificação das pulsões parciais sob a primazia desse falo. Assim, para os dois sexos o único órgão genital levado em consideração é o masculino. Segundo Freud, a distinção anatômica entre os sexos não é atingida de uma só vez, mas trata-se de uma aquisição processual que acontece na tensão entre a negação da diferença e a percepção visual da realidade objetiva.

O menino, sem dúvida, percebe a distinção entre homens e mulheres, porém, de início, não tem ocasião de vinculá-la a uma diferença nos órgãos genitais dele. Para ele é natural presumir que todos os outros seres vivos, humanos e animais, possuem um órgão genital como o seu próprio; sabemos, é verdade, que ele procura um órgão análogo ao seu também nas coisas inanimadas. Essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse do menino em alto grau e constantemente estabelece novas tarefas ao seu instinto de pesquisa (1976r, p.181).

Uma das mais importantes características dessa fase é o fato de que, diante da excitabilidade do pênis e do clitóris, meninos e meninas logo aprendem a obter sensações prazerosas através da sua manipulação. Assim, tais órgãos manipuláveis, fornecedores de tamanha satisfação são sumamente valorizados e a atividade masturbatória torna-se uma prática regular desejável e repetida pela criança. Note-se que a atividade masturbatória das meninas é executada em seu órgão equivalente do pênis, ou seja, o clitóris. Pois, “a essa época a vagina verdadeiramente feminina ainda não foi descoberta por ambos os sexos” (1976ac, p. 146).

Contudo, se na fase fálica a criança tem no falo importante fonte de prazer, é também nessa fase que ela realiza a mais terrível de suas experiências, pois, diante da imposição social de proibir a atividade masturbatória, os adultos, em geral a mãe, muitas vezes fazem severas ameaças de lhe retirar, através da castração, o órgão que é tão

valorizado. Inicialmente a criança não dá muita importância a tais ameaças, mas acontece que em sua natural curiosidade, como resultado de suas pesquisas, ela acaba percebendo diante da visão acidental do órgão genital de uma criança do sexo oposto que existe uma diferença entre meninos e meninas. Se até esse momento não houve diferenças no desenvolvimento libidinal dos dois sexos, de agora em diante isso muda. Ambos reagirão de modo diferente a essa fundamental constatação.

O menino que em sua organização edipiana tem como objeto de amor a mãe e que tem o pai como obstáculo à realização desse amor, diante da visão da falta do pênis na menina, acredita que o pênis pelo menos já esteve lá e que foi retirado. Segundo Freud ele agora passa a considerar como real as ameaças que lhe foram proferidas.

A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado (1976u, p. 220).

Diante da ameaça de castração e da real possibilidade de perder seu tão estimado órgão, o menino realiza uma experiência fundamental de renúncia, pois uma vez que a atividade masturbatória se dá em torno de suas fantasias sexuais com a mãe, surge um conflito entre a satisfação de seu desejo edipiano e a manutenção de seu valioso órgão. Ele então terá que escolher entre a catexia libidinal de seus objetos parentais (seu amor objetal pela mãe) e seu pênis. Freud diz que normalmente o que ocorre é que o ego volta as costas para o objeto edipiano, se identifica com o pai e passa a buscar, como o pai, outros objetos de amor.

As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital — afastou o perigo de sua perda — e, por outro, paralisou-o — removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança (Ibidem, p. 221).

Para o menino, é dessa forma que o complexo de castração, em forma de ameaça, determina a dissolução do complexo de Édipo, estabelece condições para o surgimento do superego e inaugura o período de latência e o fim da fase fálica.

Já a menina, que até aqui também tem na mãe seu objeto de amor, reage à visão do órgão genital masculino de forma diferente. Então, ela imediatamente reconhece que nunca possuiu, não possui e que, mesmo querendo, não possuirá um pênis. Ela vivencia, então, o que Freud chamou de *inveja do pênis*, pois ela quer ter, mas sabe que não tem e que não poderá tê-lo. A consequência desse reconhecimento, dessa distinção anatômica, é que ela passa a atribuir à mãe a culpa e responsabilidade por sua “deficiência” e acredita que foi a mãe “deficiente” que lhe trouxe ao mundo desprovida de um órgão tão essencial. A menina então se afasta da mãe elegendo o pai, possuidor do pênis, como seu objeto de amor. Dessa forma o complexo de Édipo da menina é inaugurado pelo complexo de castração.

Em uma conferência intitulada *Feminilidade*²⁰, Freud diz que essa mudança de objeto, da mãe para o pai, é uma das duas transformações essenciais pelas quais deve passar a menina em direção à feminilidade. Na fase fálica a menina tem como zona erógena prioritária o clitóris. Contudo, diante da castração constatada, acontece uma transferência tanto da sensibilidade quanto da importância desse órgão para a vagina, que passa a ser, então, a zona erógena prioritária, na segunda transformação vivida pela menina, pois, para Freud, “[...] com o passar do tempo, portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto” (1976ac, p. 147).

Assim, o complexo de Édipo, vivido pelo menino, e que coincide com a fase fálica, tem sua dissolução face ao complexo de castração. Já, na menina, “[...] o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração” (Idem, 1976aa, p.264). Na situação edipiana, a menina mantém um desejo de receber como presente do seu pai um bebê e, segundo Freud, ela quer dar-lhe um filho. Uma vez que esse desejo jamais se realiza, o complexo de Édipo da menina é então abandonado. Portanto, o complexo de Édipo feminino se desfaz por sua própria impossibilidade constitucional e, no curso normal do seu desenvolvimento, a menina passa desse objeto paterno para sua escolha objetal definitiva. Enfim, o que ocorre a partir do complexo de Édipo e do complexo de castração, ou seja, “o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo” (Idem, 1976w, p. 319).

²⁰ Essa conferência faz parte das Novas Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise que Freud escreveu em 1932, publicou em 1933, mas que em razão da falta de condições físicas nunca chegou a proferir.

Compreende-se, então, que o complexo de castração diz respeito a uma ampla experiência psíquica, que é decisiva na organização da sexualidade humana. Esse complexo é vivido de modo inconsciente e não pode ser resumido à simples idéia de mutilação dos órgãos genitais. Nasio (1995) aponta o quanto as conseqüências da distinção anatômica entre os sexos é importante na constituição da subjetividade da criança.

O aspecto essencial dessa experiência consiste no fato de que, pela primeira vez, a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Até ali ela vivia na ilusão da onipotência; dali por diante, com a experiência da castração, terá de aceitar que o universo seja composto de homens e mulheres e que o corpo tenha limites, ou seja, aceitar que seu pênis de menino jamais lhe permitirá concretizar seus intensos desejos sexuais em relação à mãe (NASIO, 1995, p.13).

De certa forma, o surgimento da primazia fálica precursora da fase genital é uma aquisição que somente se torna possível por apresentar como 'hipoteca' o complexo de castração. Caso contrário, as demandas edipianas, se não sofrem impedimento algum, expõem o psiquismo aos riscos e às exigências produzidas pelas demandas incestuosas, o que seria desastroso para o desenvolvimento e insuportável para o ego em formação.

O desenvolvimento da libido e seus investimentos objetais, desejos realizados e desejos proibidos são fundamentais para o estudo em questão, mas não basta pensar nos conteúdos permitidos ou reprimidos, é necessário também voltar a atenção para as forças repressoras. Se há no aparelho psíquico desejos e pulsões, há também uma força reguladora de tais exigências, de tal forma que o aparelho psíquico, mais especificamente o ego, sofre certa divisão e uma parte do próprio ego se coloca como força repressora. Foi a partir da compreensão desse conflito estabelecido entre a realização de desejos e sua proibição que Freud pôde fazer a seguinte afirmação:

Os seres humanos adoecem de um conflito entre as exigências da vida instintual e a resistência que se ergue dentro deles contra esta; e nem por um momento nos esquecemos dessa instância que resiste, rechaça, reprime, que consideramos aparelhada com suas forças especiais, os instintos do ego (1976ab, p. 75).

Essa instância, chamada por Freud de superego, em determinado momento do desenvolvimento passa a desempenhar o papel que anteriormente foi desempenhado pela autoridade dos pais. Assim, é na relação com os pais que ele se desenvolve. Os pais, no desempenho de suas tarefas, nos cuidados com os filhos, exercem forte influência emocional sobre esses que são em tudo seus dependentes. Nessa gama de sentimentos que compreendem amor, ódio e rivalidade, a identificação com a autoridade parental surge como válvula de escape e é baseado nela que o superego se forma. O termo identificação é

definido por Freud como “a ação de assemelhar um ego a outro ego, em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si” (Ibidem, p. 82). É partindo do sucesso de um processo identificatório que a autoridade parental é ‘retirada’ do mundo externo e internalizada no psiquismo como uma instância autônoma e independente do ego.

Resultado da metamorfose do relacionamento parental, o superego tem as funções de autocrítica, de consciência, de vigia e de punição, pois seguindo o modelo dos pais²¹ ele estabelece para o ego os padrões de conduta e se tais padrões não são cumpridos o ego é, então, sobrepujado por sentimentos de culpa e de inferioridade. A respeito da constituição do superego Freud afirma que

[...] ele representa a influência da infância de uma pessoa, do cuidado e da educação que lhe foram dados pelos pais e de sua dependência destes — uma infância que é tão grandemente prolongada, nos seres humanos, por uma vida familiar em comum. E, em tudo isso, não são apenas as qualidades pessoais desses pais que se fazem sentir, mas também tudo o que teve um efeito determinante sobre eles próprios, os gostos e padrões da classe social em que viveram e as disposições e tradições inatas da raça da qual se originaram (1976ad, p. 236).

Em resumo, pode-se dizer que a partir da proibição do incesto e do complexo de castração se dá, via identificação, a internalização das regras e normas sociais, resultando essa instância psíquica que rege a moral e estabelece o que é certo ou errado. Dessa forma, o superego é instituído pela ameaça de castração sentida pela criança e sua missão é reprimir o complexo de Édipo. Nasio diz que “o superego representa a renúncia ao gozo proibido, a exaltação do desejo de um gozo impossível e a defesa da integridade do eu, não apenas contra a ameaça de castração, mas também contra o perigo do temível gozo do incesto” (1995, p. 131).²²

Além de sua importância no desenvolvimento do indivíduo, o superego é também de fundamental importância para a espécie humana, pois certamente, sem a ação supergóica, a civilização não seria possível, uma vez que se todos os indivíduos ficassem entregues a suas demandas pulsionais se estabeleceria a barbárie e o caos. Assim, o

²¹ O modelo que é seguido na formação do superego da criança é, na realidade, o modelo do superego dos seus pais, modelo que é transmitido de geração em geração.

²² Nas publicações brasileiras existem duas diferentes traduções para os nomes empregados por Freud ao definir as três instâncias psíquicas apresentadas na segunda tópica. No idioma alemão, Freud empregou os termos: Ich, Es, Über-Ich. As publicações brasileiras utilizam: Ego ou Eu, Id ou Isso, Superego ou Superego. Nesse trabalho procurou-se utilizar ambas as traduções, sempre respeitando, no caso de citações, a preferência do autor ou de seu tradutor.

superego é um agente que está, não só a serviço da preservação egóica, mas também está relativamente a serviço da possibilidade de se estabelecer regras e leis sociais. Além disso, uma outra questão fundamental reside no fato de que sem as interdições paternas o indivíduo não faria o reconhecimento de sua enganosa onipotência, ou seja, sem o estabelecimento da *falta* e da insatisfação o indivíduo permaneceria na fantasia narcísica de bastar-se a si mesmo, pois na satisfação não haveria a necessidade da abertura e do movimento em direção ao outro.

Dessa maneira, a interdição do incesto coloca o sujeito diante da impossibilidade da plena satisfação e essa experiência – esse *furo* em sua constituição – é fundamental no processo civilizatório, pois é no ‘ato paterno’ que ela é imposta ao indivíduo. Freud afirma a importância da ação superegíca ao dizer que tal ação está na base do processo civilizatório.

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização. Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação instintual foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado ‘santo’ o proveito assim obtido pela comunidade (1976c, p. 192).

Por fim, o processo de constituição do superego a partir de sua diferenciação no ego não é casuística, uma vez que esse processo é responsável pelas mais importantes condições do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Após esse intenso e conturbado período pré-genital do desenvolvimento da sexualidade infantil, com a instauração do complexo de castração, inicia-se uma fase de calma em que, inibidas em seus objetivos, as pulsões são desviadas de seu alvo sexual através do mecanismo de sublimação ou são recalçadas. Diante do conflito entre a realização do desejo incestuoso e sua proibição pela figuras parentais, a criança realiza um deslocamento de suas pulsões sexuais incestuosas para atividades socialmente aceitas e valorizadas, tornando, desse modo, o conflito suportável para seu ego. As pulsões que foram inibidas serão agora colocadas a serviço da vida social e serão responsáveis por grande parte das atividades culturais de seu grupo. Freud diz que “esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de

uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade” (Ibidem, p. 193).

Nesse período de calma que Freud chamou de *fase de latência*, o desenvolvimento da libido interrompe seu curso e intensidade e o interesse da criança se volta mais para atividades intelectuais e sociais. Agora o grupo de iguais ganha importância e a criança lhe dedicará grande parte de seu tempo e de seu apreço. Ela descobre, então, que além da sua casa, além dos seus pais existe um mundo e ela precisa explorá-lo. Porém, ainda é precisamente a internalização das figuras parentais que lhe dá segurança para tal movimento, uma vez que a criança ainda precisa da segurança da sua casa e do amor dos seus pais para realizar suas experiências de inserção no círculo social maior, apesar do início de uma mudança nesse papel superegóico.

À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência (*conscience*), a exercer a censura moral. [...] Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego. (FREUD, 1976q, p. 52).²³

Assim, a proibição do incesto, juntamente com todas as restrições culturais referentes à sexualidade, passa a integrar os preceitos morais que excluem, categoricamente da possibilidade da escolha objetal, as pessoas – parentes consangüíneos – amadas da infância. Essa exigência cultural da sociedade tem como objetivo garantir, pela manutenção da família, a preservação e manutenção da ordem social. É diante dessa exigência que os indivíduos, especialmente os adolescentes, procuram através de todos os meios atingíveis, obter recursos para diminuir os laços com a família.

As características da sexualidade infantil, o auto-erotismo e a parcialidade das pulsões são essenciais na compreensão do desenvolvimento da sexualidade humana, pois ao marcarem o final do período de latência, já na puberdade, as pulsões auto-eróticas²⁴ passam a atuar sob o que Freud chamou de *primado das zonas genitais* e elegem agora um objeto de prazer fora de seu próprio corpo. É assim que, durante os processos da puberdade, a sexualidade infantil ganha nova e definitiva configuração, ou seja, a vida sexual normal do adulto surge na reta final desse desenvolvimento.

²³ Em seus primeiros escritos Freud utilizou a expressão *ideal do ego* para se referir ao que posteriormente seria chamado de *superego*.

²⁴ Antes da primazia genital as pulsões atuam partindo de zonas erôgenas distintas, independentes entre si e buscam no próprio corpo um determinado e exclusivo tipo de prazer.

O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para a consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio (Idem, 1976b, p.185).

A respeito dessas fases do desenvolvimento da libido Freud adverte que, apesar de certa linearidade, elas não se sucedem necessariamente de forma muito clara e uma pode ser antecipada por outra ou podem acontecer ao mesmo tempo se sobrepondo. Ele diz ainda que esse desenvolvimento só se conclui na puberdade.

Nas primeiras fases, os diferentes componentes dos instintos empenham-se na busca de prazer independentemente uns dos outros; na fase fálica, há os primórdios de uma organização que subordina os outros impulsos à primazia dos órgãos genitais e determina o começo de uma coordenação do impulso geral em direção ao prazer na função sexual. A organização completa só se conclui na puberdade, numa quarta fase, a genital (FREUD, 1976ad, p. 180).

É importante salientar que na infância já acontece uma escolha objetual²⁵ como a que acontece na puberdade. A diferença entre a escolha objetual infantil e a segunda escolha objetual – a escolha que acontece na puberdade após o período de latência – reside apenas em que a unificação das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da zona erógena genital não são eficientemente conseguidas na infância. Dessa maneira, Freud considera que a escolha objetual se dê em dois tempos²⁶. Uma que elege como objeto a mãe ou seus substitutos, acontece no início da infância, é caracterizada pela natureza infantil de seus alvos sexuais e é detida pelo período de latência. A segunda escolha objetual, após o período de latência, sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual.

Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão sexual torna-se auto-erótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno toma-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro. (Idem, 1976b, p.209).

Na realidade, esse reencontro do objeto amado, ao qual Freud se refere, diz respeito ao fato de que na adolescência, após o período de latência, acontece um redespertar das pulsões sexuais que se dá acompanhado pelas mesmas intensas emoções ambivalentes da

²⁵ Segundo Freud, a escolha objetual ocorre quando a totalidade das correntes sexuais passou a ser dirigida para uma única pessoa em relação à qual elas buscam alcançar seus objetivos. (1976r, p.180).

²⁶ A ambivalência característica da infância também é reeditada na adolescência e media fortemente a relação do adolescente com seus pais e com o mundo.

primeira infância, porém com uma diferença: as pulsões agora estão sob o primado das zonas genitais e o corpo do adolescente ‘já pode’ realizar concretamente seus desejos sexuais. As pulsões do adolescente deverão agora abandonar o objeto incestuoso e escolher outro objeto com o qual lhe será possível ir além da fantasia que vivia anteriormente. O adolescente investirá sua libido em direção a outros objetos e o encontro de tais objetos se dará obrigatoriamente fora do núcleo familiar e da relação parental, ou seja, o adolescente encontrará um outro objeto de amor, a exemplo do objeto primário, que não lhe esteja proibido.

O adolescente precisa realizar a passagem do círculo familiar para o círculo social, uma vez que seu corpo realizou a passagem do corpo de criança para o corpo de adulto. Mas essa passagem não é fácil, pois ultrapassar a autoridade parental coloca seu ego em linha de combate direta com seu superego, mas se ficar cativo do círculo familiar também enfrentará o mesmo conflito, porque se permanecer ligado ao objeto primário incestuoso sofrerá por parte do superego as mais duras censuras e acusações. O sujeito adolescente está tomado pelo desejo e pela necessidade de não ser mais reconhecido como criança, pelo desejo de ser reconhecido como um sujeito que, por já ter o corpo amadurecido, quer ter garantido seu acesso à autonomia e ao *status* de adulto. Quer ele mesmo definir o que, como e quando fazer. Ele precisa sair de casa, sair de perto dos pais, construir uma distância segura para, então, livre dos objetos primários, encontrar objetos de amor que lhe sejam acessíveis. Ele precisa viver agora um outro nascimento que vá além da ‘excorporação’. Trata-se de nascer enquanto sujeito capaz de autonomia com direito a um gozo real, nascer que abra a ‘curto-circuitada’ e estereotipada trajetória de investimento libidinal da relação primária.

No sentido dessa passagem da infância para a adolescência, as entrevistas dos adolescentes distanciados revelam um momento de ruptura, pois, ao falarem de sua infância, eles dizem que foi um período ótimo de sua vida e que tudo foi ideal. A cidade em que viveram, sua casa, sua escola, seus amigos e as brincadeiras que fizeram, tudo foi ideal. Foi um tempo em que se sentiram livres e felizes, que seus pais foram excelentes e a relação deles tanto com os pais quanto com os irmãos não foi alvo de qualquer queixa. Assim, o discurso desses sujeitos ‘toca’ em todas as lembranças de sua infância como sendo um tempo ideal. Contudo, verifica-se em seu discurso que, ao falarem do período da adolescência, revelam importante ruptura: a idealização apontada na infância cede lugar às

manifestações das dificuldades e dos conflitos presentes nas relações entre esses adolescentes e seus pais. As entrevistas indicam que o ‘paraíso infantil’ configurado pela ausência de conflitos manifestos permanece até o início da adolescência quando, então, os sujeitos pesquisados puderam relatar conflitos na relação com os pais.

A1

Olha! Na adolescência, né? Que foi mais difícil. Essa fase sempre é mais conturbada, né? Acho que foi isso aí.[...] Andava sempre com os amigos e chegava tarde. Eu ia sair e dizia: “vou sair e volto a tal hora” e aí diziam: “não, é pra voltar mais cedo” e eu dizia: “não, quero ficar até mais tarde”. Assim, nunca, sempre respeitando e sempre obedecendo. Assim, “não, tal hora tem que estar em casa”. “Tudo bem”. Quando atrasava meia hora eu dizia: “não deu mesmo, me seguraram lá”. Eu nunca desrespeitei.

A4

No começo era um pouco difícil porque meu irmão sempre saía. Quando ele morava lá, ia pra alguma festa, minha mãe ia pra algum baile, aí eu queria ir e minha mãe não deixava, falava que eu tava muito novo ainda, nessa fase aí que foi mais difícil. Às vezes eu até chorava, mas minha mãe não deixava não.

São discursos balizados pelo reconhecimento de que na adolescência a relação com os pais foi mais difícil, foi a fase mais conturbada. Afirmam que andavam ‘sempre’ com os amigos e que chegavam tarde em casa. Quando seus pais lhes diziam que era pra voltar pra casa mais cedo eles discordavam e diziam que queriam ficar até mais tarde e quando não chegavam no horário previsto pelos pais diziam que não deu pra voltar mais cedo. Mesmo questionando claramente a autoridade dos pais, através da discordância e da desobediência, eles insistem em dizer que sempre obedeceram e respeitaram. Nesse sentido, a adolescência coloca o sujeito em conflito consigo mesmo e com a autoridade parental, conflito difícil de ser reconhecido e facilmente negado. Mesmo afirmando que estavam sempre com os amigos, que discordavam dos critérios das autoridades parentais e que, por isso mesmo, não cumpriam as ordens dadas, os sujeitos insistem em manter uma fala cuja função é a remissão: “... sempre respeitando e sempre obedecendo”. Eles não podem lidar com a culpa que sentem por desobedecer a seus pais, por isso, a negação surge como forma de proteção do ego. Contudo, o adolescente tem demandas que não podem ser atendidas dentro de casa, que lhe são proibidas, então, ‘ficar em casa’ torna-se muito perigoso.

Em seus discursos, o modelo parental é evidentemente questionado e a ambivalência presente no início da infância é reeditada na relação entre pais e filhos e isso se dá porque, durante as transformações da puberdade, o adolescente vive, paralelamente às mudanças fisiológicas, a intensificação de suas pulsões e, conseqüentemente, a produção de significativa estranheza de si mesmo juntamente com a estranheza do próprio corpo.

Na puberdade, os impulsos e as relações de objeto dos primeiros anos de uma criança se tornam reanimados e entre eles os laços emocionais de seu complexo de Édipo. Na vida sexual da puberdade, verifica-se uma luta entre os anseios dos primeiros anos e as inibições do período de latência (FREUD, 1976x, p.51).

Desse corpo em movimento, desse ‘adolescer’, dessa intensificação pulsional, surge um ‘outro’ corpo, estranho, desconhecido, a exigir subjetivação e reconhecimento tanto por parte do adolescente quanto por parte de seus pais. Há, na puberdade, uma realidade objetiva, um corpo modificado, que exige e precisa ser (simbolizado) internalizado e vivido. Sabe-se que as alterações hormonais provocam no corpo do adolescente uma explosão de mudanças: nos meninos, surgem pêlos em pele que era lisa, ocorre o enrijecimento peniano e a ejaculação; nas meninas, o contorno e a silhueta corporal são modificados, ocorre o crescimento dos seios e a menarca. Todas essas mudanças se impõem gerando inseguranças e dúvidas, pois trata-se de um corpo desconhecido que não é mais ‘controlado’ pelo sujeito adolescente. Sua movimentação no mundo físico circundante perde um pouco da referência e ele torna-se um pouco desarticulado, estabonado.

Em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud reserva uma seção inteira para falar das *Transformações da Puberdade* que, segundo ele, acentuam a defasagem entre o auto-erotismo e a relação objetual: “A pulsão sexual, que até aqui era essencialmente auto-erótica, vai agora descobrir o objeto sexual [...] A pulsão sexual coloca-se agora a serviço da função reprodutora” (1976b, p.195).

Esse sujeito estranho agora é um corpo que, ao mesmo tempo, é bonito, atraente, desajeitado, estabonado e feio. Seu corpo, ao se submeter à ‘ditadura biológica’, agora está preparado para o encontro com o outro, mas não se trata de um encontro qualquer, ele está preparado para um encontro qualificado e potente e essa potência lhe impõe tributos que geram responsabilidades das quais ele não pode se eximir. Desse momento em diante pagar-se-á por todo encontro e/ou desencontro com o outro.

Em *Esboço de Psicanálise*, Freud adverte que “a fisiologia não deve ser confundida com a psicologia” (1976ad, p 170), pois, se na puberdade é essa realidade objetiva que se estabelece, de forma similar, na adolescência há uma realidade subjetiva que pulsa e exige objetivação na estranheza do corpo púbere. Não se trata apenas de um reajuste da imagem na adolescência, trata-se de uma revisão no valor do próprio corpo que não somente se transformou, como também não tem mais o mesmo *status*. A genitalidade agora ocupa uma posição dominante e se a maturidade genital pode ser considerada no plano puramente

fisiológico, como o cumprimento de um caminho linear enfim completado, a imagem do corpo e a organização egóica estão confusas. No plano psicológico, há primeiramente uma descontinuidade, uma ruptura no desenvolvimento. Esse corpo agora maduro está repleto de desejos que pedem realização, contudo, há também a necessidade de se administrar tais exigências. Tudo o que agora ele sente é *in-tenso* e a essa tensão, ordem e desordem, o adolescente não pode deixar de escutar. Sobre essa subjetividade Freud afirma que

[...] é na [esfera da] representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o das fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se. Nessas fantasias, as inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos, agora reforçadas pela premência somática, e entre elas, com frequência uniforme e em primeiro lugar, o impulso sexual da criança em direção aos pais, quase sempre já diferenciado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai (1976b, p. 212/213).

Portanto, é na imbricação da história entre pais e filhos que ambos se deparam com a imposição dessa realidade modificada: a adolescência, o corpo infantil e ‘impotente’ perdido. A adolescência exige dos pais e dos filhos a elaboração dessa perda e a constituição de uma subjetividade capaz de lidar com essa realidade - poder que ameaça.

Assim, a chamada crise da adolescência não é apenas do filho, ela é, sob esse prisma, um fenômeno psíquico que envolve pais e filhos; pois a subjetividade do indivíduo é constituída a partir de um real intersubjetivo e é nesse encontro com o outro que o adolescente se reconhece e se constitui sujeito. Acontece que esse outro adulto com quem o indivíduo se encontra na adolescência não é um adulto qualquer, trata-se de um adulto que em sua condição adulta de pai/mãe, no curso de seu desenvolvimento, já renunciou à possibilidade de gratificação pulsional e à promessa de completude vivida na infância. Contudo, graças à eficácia do recalçamento e ao fato de que a grande maioria das experiências da primeira infância permanecem inconscientes, esse adulto não mais reconhece os desejos e as fantasias que viveu (e ainda vive) na estruturação de sua personalidade.

Do ponto de vista psicossocial, nas relações entre pais e filhos, o que se evidencia na adolescência é a possibilidade do filho adolescente pensar, sentir e viver diferente do modelo dos pais. Enquanto vivem junto dos pais, antes da situação de distanciamento, os adolescentes, seguros de serem amados e aceitos, têm condições de realizar o enfrentamento da autoridade paternal, podem questionar se as regras impostas pelos pais fazem ou não sentido, se podem ou não ser cumpridas por eles. A forma como o mundo a

sua volta se organiza não lhe permite adotar o mesmo código moral de seus pais, uma vez que o mundo agora é diferente do mundo em que seus pais viveram a adolescência. Apesar de seu superego ter se formado a partir dos valores impostos por seus pais, esses valores agora devem ser questionados. Esse conflito entre as gerações é fundamental para que o sujeito adolescente não seja literalmente um “peixe fora da água”, mas essa empreitada custa caro, as exigências superegóicas não negociam e estão sempre muito bem municiadas com sentimentos de culpa e de inferioridade.

A1

Ah, adolescência é mais complicado, né? Quer descobrir coisas novas .

A3

Nessa época a gente teve conflito, eu queria chegar mais tarde e ela não deixava.

A6

Quando começava a aumentar a voz por qualquer coisinha meu pai mandava, falava pra abaixar a voz. Sempre teve, sempre não, de vez em quando tinha uma discórdiazinha, o modo de pensar de cada um, mas discussão mesmo não. O nosso relacionamento é... Eu tinha raiva passageira, passageira. Quando eu pedia ele pra fazer tal coisa, proibia alguma coisa, fazer uma coisa que eu não gostava, muito sério, achava ruim, ficava enfezado, ficava pro lado.

Nessa fase os amigos do grupo de iguais, às vezes composto por jovens de mais idade, um pouco mais adiantados nesse processo de desenvolvimento, tornam-se importantes companheiros na experiência de conhecer o mundo fora da ótica estabelecida pelos pais. No grupo de iguais o adolescente encontra novas relações, outras pessoas tornam-se companheiros, confidentes, cúmplices e modelos. A identificação que até agora era privilégio da figura paterna sofre certa diluição e o sujeito realiza outras identificações, com amigos, professores, artistas etc. Essas novas identificações também influenciarão seu modo de pensar e de ver o mundo, seus valores já não serão pautados apenas pelos pais, mas o círculo social mais amplo lhe influenciará de modo muito importante. E isso se dará porque do ponto de vista libidinal estará acontecendo uma gama mais variada de investimentos fora do círculo familiar, uma vez que outras pessoas serão também alvo de seu amor e de sua admiração.

A1

Assim sobre sexo e drogas eu nunca falei com minha mãe sobre essas coisas. Não por ela me dizer: “não, você tá muito novo”. Eu nunca falei porque eu sinto vergonha de conversar essas coisas com ela. Com meu pai do mesmo jeito. Eu sempre conversava com meus amigos, né? Que é sempre aquele grupinho mais amigo, que tem mais confiança, os parceiros mesmo, sempre com o grupinho de confiança, o pessoal mais chegado mesmo, os amigos mesmo.

A2

Meus amigos, os amigos do meu irmão, sempre foram mais velhos que eu... A infância é rápida, sabe? A gente sempre começa aquelas, as outras amizades, as amizades diferentes, a gente conversa. Eu sempre fiquei entre os assuntos deles, sempre fui muito curiosa pra saber como é que é. Então, minha adolescência começou cedo, sabe? Eu me considero uma pessoa, assim, muito madura pela minha idade, sabe? Muita gente fala isso pra mim.

A3

Olha! Minha adolescência, assim, eu comecei a sair muito cedo, muito nova eu já estava saindo em festa e desde pequena, quando eu tinha nove anos, minhas amigas tinham doze, treze, quinze... Isso nunca me atrapalhou eu só afastei um pouco.

A4

Aí, foi quando eu comecei a sair mais à noite, no começo era sempre um horário mais, assim, bem cedo. “Dez, onze horas tem que estar em casa!”. Eu sempre achava ruim também por causa que meus amigos sempre eram mais velhos, sempre. Eu tinha onze anos e tinha amigos de quinze anos, eu sempre fui mais... Tinha amigos mais velhos, fui mais maduro nessa parte. Aí, eu saía e sempre meus amigos voltavam mais tarde, tinha amigos que eram quatro anos mais velhos que eu.

Os conflitos são relatados e de algum modo surgem diferenças, ou seja, aquilo que até então era latente e impedido de manifestar-se agora encontra possibilidade de realização. Por causa do conflito entre as manifestações de seu desejo e a autoridade parental, a adolescência apresenta para o sujeito uma exigência de relativização daquela situação ideal, relativização daquele paraíso infantil e, essencialmente, relativização dos ideais parentais para a construção de uma subjetividade que seja capaz de apreender sua realidade em conflito, mas não se trata apenas de apreensão, trata-se, antes, de uma internalização suportável da realidade em conflito. Os discursos mostram que os adolescentes querem a satisfação de seus desejos, mas, ao mesmo tempo, não suportam desagradar os pais. Aparecem então mecanismos que, no mínimo, diminuem o conflito:

A1

Na adolescência a gente quer desafiar os pais, né? Mas, eu em momento algum passei do limite. Eu tentava obedecer sempre.

A3

Eu queria voltar mais tarde e ela não deixava. Eu ficava meio revoltada, mas tudo era motivo de piada.

A5

Por um lado eu achava ruim, mas noutro eu entendia porque não é por mal, ele quer proteger, não quer que a gente se sinta solto, não muita liberdade porque a gente tava muito novo pra isso.

A6

Não, assim, com relação a desobedecer, às vezes tinha, mas era muito raro. Sempre tinha uma punição, por maior ou menor que tem que ser, sempre tem

uma punição. Toda vez que eu desobedeci, conversava, coisa e tal, dava uma punidinha básica pra não acontecer de novo.

A despeito de quaisquer conflitos e discordâncias eles sempre voltam para casa, são acolhidos nessa casa. A imagem paterna que está por ser destituída de seu lugar de autoridade e a proximidade com os pais através da identificação lhes dá segurança para tal enfrentamento.

A4

Às vezes discordava porque tinha alguma coisa que eu até sabia que era errado, mas queria fazer e ela não deixava, nessas horas que gerava conflito e discussão. Ela começava a dizer que não podia e eu ficava com raiva.

A5

Eu ficava com raiva e tinha vontade de brigar, mas eu sempre me segurava.

A6

Eu chegava em casa enfezado, triste, chegava chorando, mas chegava no horário. Entrava, pedia bênção e ia dormir. Com o tempo vai passando. Eu nunca fui de desobedecer muito não, mesmo porque se eu desobedecesse meu pai não ia permitir.

Surgem objeções, surgem os ‘mas’ após cada reconhecimento de desejo. Para cada possibilidade de desafio da autoridade parental há um adendo que o minimiza e o torna suportável através da negação, da racionalização e do recalque. Contudo, o que é extraordinário nessa situação é a possibilidade do reconhecimento de um desejo que pede atualização fora da idealização em que a criança vive. O que é extraordinário é a condição para o adolescente reconhecer a existência de diferenças e discordâncias no código parental. Nesse processo de tornar-se sujeito mais autônomo, o adolescente encontra na família condição para o enfrentamento e para a superação da autoridade de um pai que o ama e ao mesmo tempo o limita.

A2

Tem hora que eu até fico de consciência pesada quando faço alguma coisa de errado que eu sei que ele não gosta...Ai, eu ponho a mão na consciência... Não é qualquer filho que é privilegiado, o que eu mais o meu irmão recebe, a gente agradar eles pelo menos nessa parte é bom.

A4

E era o horário certo. Hoje pensando bem era o horário certo que tinha chegar mesmo.

As imposições dos pais são relatadas como corretas e o desejo do adolescente é assumido como errado. Tal disposição torna suportável o fato de ter desejado desafiar os pais e de ter reconhecido sentimentos hostis em direção a pais tão afetuosos. Parece que é

justamente a presença da autoridade do pai que dá segurança ao adolescente para desafiá-lo sem, contudo, passar dos limites.

A1

Acho que pelo respeito mesmo. Eu nunca cheguei a discutir com nenhum dos dois.

A4

Tinha vez que eu desobedecia, mas era normal (risos). Nunca foi assim tão grave não.

A5

Eu ficava com raiva e brigava! Mas, assim, principalmente viajar com a família de uma amiga, muitas vezes já me chamaram e meu pai nunca deixou. Eu ficava com raiva e tinha vontade de brigar, mas eu sempre me segurava.

A segurança que a figura paterna confere ao adolescente expressa sua defesa contra a realização de seus próprios desejos incestuosos presentes no retorno do complexo edipiano. Aparentemente e à primeira vista, o conflito que surge na adolescência tem relação apenas com a questão dos limites e com a autoridade paterna, contudo a psicanálise já demonstrou que se trata fundamentalmente do fato de o Complexo de Édipo voltar à cena e com ele trazer a angústia, provocada pelos desejos edipianos, que coloca o Ego do adolescente entre a realização de suas pulsões incestuosas e o imenso perigo que tais realizações lhe impõem. Esse perigo é agora potencializado, pois o crescimento e a maturidade dos órgãos genitais são a essência e a evidência das transformações da puberdade e tal maturidade indica que “um complexo aparelho está pronto e a espera do momento em que será utilizado” (FREUD, 1976b, p. 196).

No início da infância, antes do período de latência, enquanto a sexualidade se organiza em torno de zonas erógenas distintas da zona genital e em pulsões parciais, a criança vive o conflito edipiano no nível da fantasia. Com isso, a imaturidade de seu corpo e de sua própria sexualidade funcionam como eficientes proteções contra a satisfação de tais pulsões. Conseqüentemente, as transformações da puberdade expõem o adolescente, após o período de latência, a riscos sem precedentes em sua organização psíquica. Ele agora se depara com uma realidade: dispõe de um corpo que já inclui a possibilidade, da passagem, ao ato daquilo que até então era apenas fantasiado. Desse corpo, da responsabilidade implícita de seu uso, o adolescente não consegue fugir. Então, o adolescente começa a sofrer os efeitos de um trabalho de separação, exigência psíquica que

lhe darão ou não condições de despertar do sonho edipiano e, dessa forma, ultrapassar a autoridade parental, inventar novas respostas e novos modos de lidar com a realidade.

Contemporaneamente à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha gerações (Ibidem, p. 213).

O que a adolescência apresenta, então, é uma exigência de relativização dos ideais parentais para a construção de uma subjetividade (simbolização) capaz de bem lidar com a nova realidade imposta tanto ao corpo do adolescente quanto a seus pais.

Ao descobrir que seus pais e os adultos a sua volta não podem realizar o ideal de completude construído na infância, o adolescente descobre, de modo dramático, que o adulto, tentando não se deparar com seu inevitável e constitutivo *mal-estar* e buscando inconscientemente a completude, faz para a criança a mesma promessa da qual foi vítima. Essa promessa feita pelo adulto à criança, na realidade, é uma tentativa inconsciente de resgatar, através da vida da criança, a fantasia de satisfação plena que um dia vislumbrou. Segundo Lajonquiere, “[...] quando um adulto olha nos olhos de uma criança e enfoca de fato os olhos da criança ideal, recupera a felicidade que acredita ter perdido, uma vez que lhe retorna do fundo desse olhar sua imagem às avessas” (1999, p.92). Dessa forma, a criança torna-se o sonho do adulto, torna-se a possibilidade enganosamente real de satisfação e de menos dor.

Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosa para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. [...] A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. [...] O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objeto, inequivocamente revela sua natureza anterior (FREUD, 1976h, p. 107/108).

Mas a adolescência é exatamente a tácita declaração de que essa busca adulta de resgatar o seu sonho infantil e realizá-lo através da vida da criança é uma busca ‘quixotesca’, baseada na ilusão de se poder manter o ideal narcísico de completude. O sucesso de tal busca, caso fosse possível, seria pago com a vida do filho. A ‘rebeldia’ adolescente parece ser um estilete que corta as amarras desse cativo e produz alguma liberdade para ambos.

Mesmo assim, é com esse sonho do adulto que o adolescente desperta, após o período de latência, e depara-se com um vazio. Daquele ideal, da promessa de satisfação e completude internalizados na infância restam fantasmas, desejos a serem recalçados e sublimados, a exemplo do que viveram seus pais. Segundo Melman (1999), fica, então, para o adolescente, um hiato entre a promessa e o reconhecimento de sua sexualidade adulta, pois, embora tenha atingido sua maturidade orgânica e sexual, o adolescente não será reconhecido como tal por sua família nem por seu meio social. Rassial, (1999), afirma que nessa busca pelo reconhecimento adulto de sua maturidade, busca da sua condição de igualdade, o adolescente é forçado a interpretar o desejo recalçado dos adultos e impõe ao adulto, de forma especular, o que ele não quer saber, remetendo-o a sua própria experiência de infância, experiência da qual se encontra afastado por obra e força do recalçamento e da amnésia infantil, que o protege e o distancia de seu próprio desejo. A crise da adolescência não se dá por ignorância e sim por um saber. É verdade que se trata de um saber mal recalçado, saber que vaza e grita o que adultos e adolescentes não suportam ouvir.

Em suma, é precisamente no âmbito das relações parentais, em suas aproximações, distanciamentos, encontros e desencontros que se pode apreender a subjetividade do sujeito adolescente. Sua constituição se mostra, em cada traço de amor e de ódio, manifestado ou recalçado, revelando os nexos que constituem os modos de subjetivação desse sujeito. Não se pode ignorar o fato de que a adolescência é um fenômeno histórico típico da modernidade e que sua configuração se desenvolve, desde a infância, no seio da família moderna. Por isso mesmo, esse desenvolvimento somente pode ser compreendido a partir da dinâmica interna das relações objetais entre pais e filhos, uma vez que é no seu desejo e na impossibilidade desse desejo que o sujeito se revela. Além disso, para se apreender a subjetividade do sujeito adolescente é necessário apreender sua movimentação pulsional e suas forças repressoras.

Desse modo, a ‘passagem’ adolescente é um confronto repleto de paradoxos, pois, o sujeito está ligado aos seus investimentos objetais infantis, amando e odiando seus pais por isso e em busca da sua identidade adulta. Por enquanto, ele próprio não se reconhece, contudo, sabe desse não reconhecimento, ele já sabe que não é, nem pode ser tudo e somente aquilo que seus pais fantasiaram para ele.

CAPÍTULO 3 - A SITUAÇÃO DE DISTANCIAMENTO

“Todos os dias que depois vieram, eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar. Quando chegava o poder de chorar, era até bom – enquanto estava chorando, parecia que a alma toda se sacudia, misturando ao vivo todas as lembranças, as mais novas e as muito antigas. Mas no mais das horas, ele estava cansado. Cansado e como que assustado. Sufocado. Ele não era ele mesmo. Diante dele, as pessoas, as coisas, perdiam o peso de ser. Os lugares, o Mutum – se esvaziavam, numa ligeireza, vagarosos. E Miguilim mesmo se achava diferente de todos. Ao vago, dava a mesma idéia de uma vez, em que, muito pequeno, tinha dormido de dia, fora de seu costume – quando acordou, sentiu o existir do mundo em hora estranha, e perguntou assustado: – ‘Uai, Mãe, hoje já é amanhã?!’”

Guimarães Rosa

Considerando a importância da família na socialização do indivíduo e considerando que é precisamente na socialização que o ser humano se funda e se desenvolve, a família é tomada como mediação necessária para qualquer estudo da subjetividade do homem moderno, pois, ela estabelece-se como a unidade grupal na qual cada indivíduo recém nascido encontra as condições indispensáveis a sua sobrevivência. Além disso, a relação entre a criança e sua família é decisiva na formação psíquica de todos os indivíduos, na Modernidade, por isso a sua importância nesse estudo é predominante.

Com o advento da Modernidade surge, no bojo de tantas mudanças, uma nova concepção e um novo sentimento de família. A percepção social da infância e da adolescência também se altera e os filhos passam a ocupar importante lugar na atenção dos pais. Por isso mesmo, para se compreender o fenômeno da adolescência é preciso tomá-lo em seu aspecto histórico e dinâmico, pois não se trata simplesmente de uma fase natural da vida humana. A adolescência, como a conhecemos, é um fenômeno da Modernidade, é no âmbito da família moderna que a adolescência surge. Portanto, nas relações parentais do sujeito adolescente pode-se apreender os nexos constitutivos dos seus modos de subjetivação.

Entendendo a família e a adolescência como categorias lógicas construídas por condições históricas atuais pode-se tomá-las como mediações para a apreensão da

subjetividade do adolescente em “situação de distanciamento”.²⁷ Compreendendo que é na relação entre o indivíduo e a sociedade que ambos se constituem, a situação de distanciamento, realizada em pleno adolecer, apresenta elementos que permitem compreender a organização subjetiva desses adolescentes distanciados. É no movimento constante de antítese, negação e negação da negação, a partir da relação tensa e conflituosa entre o indivíduo e a sociedade, que o indivíduo se externaliza e internaliza, através da experiência, a realidade objetiva. Nesse movimento o indivíduo é forjado enquanto sujeito, portanto e nesse caso a subjetividade adolescente é constituída nesse conflituoso ponto de intersecção em que indivíduo e sociedade se encontram e se desencontram.

Nesse movimento de construção social, é que se desenvolve no indivíduo, enquanto ser social, seu modo particular de olhar, experimentar e sentir o mundo a sua volta, enfim seu modo particular de ser. Esse sujeito ao internalizar a realidade, socialmente construída, é transformado e ao se externalizar incrementa o processo de transformação dessa realidade na qual ele é forjado. Segundo Berger, “as estruturas da sociedade tornam-se as estruturas de nossa própria consciência. A sociedade não se detém à superfície de nossa pele. Ela nos penetra tanto quanto nos envolve” (1986, p.136). É desse modo que objetividade e subjetividade se constituem enquanto par obrigatório de oposição e é na reciprocidade da afirmação e da negação mútua que cada um desses elementos garante sua realidade. Portanto, não se fala em *subjetividade ou objetividade*, fala-se em *subjetividade e objetividade* enquanto uma única, contraditória e complementar realidade.

Partindo dessa ótica, pode-se compreender, através da apreensão dos discursos dos sujeitos entrevistados, elementos significativos da organização subjetiva do adolescente em situação de distanciamento. Portanto, a análise agora se volta para a passagem da infância para a vida adulta e, de maneira especial, para a realização dessa passagem na situação de distanciamento vivida pelos sujeitos em questão.

Durante sua adolescência, em termos gerais, os sujeitos realizam a importante passagem da vida infantil para a vida adulta e essa experiência acontece objetiva e subjetivamente. A par da complexidade das mudanças físicas, as mudanças subjetivas são também muito complexas. Uma das importantes características desse rico e conflituoso processo é o desligamento das figuras parentais vivido pelos adolescentes que elegem

²⁷ O termo *situação de distanciamento* é usado nesse trabalho para se referir à experiência vivida pelos adolescentes, sujeitos dessa pesquisa, ao deixarem a casa de seus pais, sua cidade de origem, com todo um universo estabelecido, e se mudarem para a Capital do Estado, sem a companhia de nenhum adulto, com a finalidade de estudar.

novas fontes de identificação. Isso quer dizer que os adolescentes, ao se desligarem dos pais, encontram fora da família nuclear outros laços sociais capazes de lhes fornecer novas referências e novos modos de inserção social. Assim, seus pais deixam de ser suas únicas fontes de afetividade e de modelos de conduta, enquanto o grupo de amigos, bem como as outras agências socializadoras, como a igreja, a escola etc. assumem importante papel no processo de constituição da identidade adolescente.

Sobre essas novas fontes de identificação que se estabelecem para os adolescentes, à medida que eles realizam certa expansão dos seus laços sociais, Freud diz que é um processo gradual e complexo.

À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência (*conscience*), a exercer a censura moral. A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego (1976q, p. 52).

Ao realizar sua inserção no espaço físico social que transcende o círculo familiar, os adolescentes afirmam seu código moral, que na realidade já é um modo de se administrar o conflito edipiano. Esse encontro direto do adolescente com outras pessoas e com outras instâncias sociais, além da família, potencializa ainda mais a exigência que os adolescentes já vivem de ultrapassar a autoridade parental e passar da condição infantil para vida adulta. Na realidade, pode-se dizer que a família, ao fazer imposições morais para seus membros, apenas repete o código moral da sua sociedade. Dessa forma, cada encontro que o adolescente realiza com qualquer outra pessoa fora da sua família pode significar, de algum modo, uma reedição das proibições edipianas. Assim, “[...] no decurso do desenvolvimento, o superego também assimila as influências que tomaram o lugar dos pais — educadores, professores, pessoas escolhidas como modelos ideais” (Idem, 1976ab, p 83).

Porém, essa passagem não é realizada de maneira linear e nem é isenta de conflitos. Os filhos, municiados de outras referências, questionam as regras e os valores impostos pelos pais, entram em conflito direto com esses, reivindicam autonomia e reconhecimento de sua igualdade. Lado a lado com as reivindicações e questionamentos, os filhos também descobrem que seus pais e sua família não lhes facilitam o desligamento pretendido, assim, “separar-se da família torna-se uma tarefa com a qual todo jovem se defronta, e a sociedade freqüentemente o auxilia na solução disso através dos ritos de puberdade e de iniciação” (Idem, 1976z, p. 124). Com isso, o adolescente sofre, ao mesmo tempo, uma

dupla e antagônica exigência, ao desligar-se dos laços infantis, com os pais, para ingressar na vida adulta e atender às demandas emocionais desses mesmos pais que não lhe permitem ultrapassar a autoridade primariamente instituída. Em um artigo intitulado *Romances Familiares*, Freud aponta o quanto essa passagem da vida infantil para a vida adulta é importante para o desenvolvimento da humanidade.

Ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento. Tal liberação é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade lograram-na pelo menos em parte. Na verdade, todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as gerações sucessivas (1976d, p.243).

É importante destacar alguns aspectos do desligamento da autoridade parental, por se poder observar que se trata de uma realidade que ocorre no ponto de intersecção entre a sociedade e o indivíduo. Além disso, trata-se de uma exigência externa feita ao adolescente que, desde seu nascimento, a internaliza e a constitui em uma realidade intrapsíquica. Em outras palavras, essa exigência é internalizada no indivíduo via sua identificação com a autoridade parental resultando o superego. Além disso, “[...] o superego surge, como sabemos, de uma identificação com o pai tomado como modelo. Toda identificação desse tipo tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação” (FREUD, 1976q, p. 71). Então, trata-se também de uma exigência fundamental para a manutenção da sociedade e para a saúde psíquica do indivíduo que não pode abrir mão desse desligamento, pois é justamente através dele que o adolescente realiza a elaboração do conflito edipiano. Assim, os adolescentes se angustiam frente ao conflito provocado pelos desejos edipianos os quais colocam seu ego entre as exigências das pulsões incestuosas e o imenso sentimento de culpa que tais possibilidades lhes impõem.

Ora, se a exigência de desligamento vivida pelos adolescentes resulta da ação superegógica e se o superego é resultado da introjeção da autoridade parental no ego via processos identificatórios, então, diante da exigência de desligamento, os adolescentes experimentam uma intensificação da identificação com a autoridade parental. Segundo Freud, “[...] é como compensação por essa perda de objetos que existe uma intensificação tão grande das identificações com seus pais, as quais provavelmente há muito estiveram presentes em seu ego” (1976ab, p. 83). Isso quer dizer que no trabalho de desligamento dos pais os adolescentes não podem de maneira alguma prescindir da relação, ainda que conflituosa, com esses mesmos pais, pois é nessa mesma autoridade parental que os adolescentes encontram apoio para realizar a tarefa de superação da autoridade. Esse é um

caráter bastante dialético e contraditório da relação entre pais e filhos diante do fenômeno da adolescência. Em suma, os adolescentes sofrem os efeitos desse trabalho de separação que é uma exigência psíquica que lhes dará ou não as condições necessárias para despertar do sonho edipiano, para ultrapassar a autoridade parental e produzir novos modos de lidar tanto com o mundo circundante quanto com sua realidade subjetiva.

Acontece que esse desligamento dos filhos em relação à autoridade parental é sempre tributado, uma vez que os adolescentes não conseguem essa ‘façanha’ sem pagar um preço. Não é uma operação simples e tranquila estabelecer que os modelos que até então eram ideais, modelos que foram internalizados como ideal do ego, podem e devem agora ser relativizados, questionados e até mesmo ultrapassados. O resultado imediato e aparente dessa exigência de oposição e relativização dos modelos familiares, anteriormente tomados como absolutos e ideais, parece ser apenas uma rebeldia passageira, além de uma necessidade de ajuste. Contudo, do ponto de vista da subjetividade os adolescentes, que estão vivendo um poderoso redespertar de suas pulsões sexuais, experimentam um conflito entre a satisfação de seus desejos e o remorso de destituir a autoridade parental desse lugar de ideal e de autoridade absoluta.

Nos discursos dos sujeitos entrevistados pode-se perceber que a situação de distanciamento torna-se um elemento a mais nessa já naturalmente tensa relação. Todos os sujeitos estão passando pela experiência de, nesse tempo da adolescência, morarem em outra cidade, terem uma outra casa longe da casa de seus pais e sem a companhia de seus pais ou de seu equivalente. Está em causa a passagem da vida infantil para vida adulta: passagem da sexualidade infantil com suas pulsões parciais e auto-erotismo para a sexualidade adulta caracterizada pela maturidade dos órgãos genitais e pela primazia erótica desses mesmos órgãos. Nesse momento em que suas pulsões se intensificam eles se distanciam geograficamente dos pais e da família, expõem-se ao desamparo e às conseqüências resultantes dessa distância.

Alguns elementos dessa situação de distanciamento bem como seus desdobramentos na subjetividade do adolescente serão tomados como modos de compreensão dessa subjetividade adolescente presente na relação entre pais e filhos. A primeira observação que se pode fazer é sobre a tomada da decisão de deixar a casa dos pais, família, amigos etc e mudar-se sozinho – sem os pais ou seus equivalentes – para a Capital, com o objetivo de estudar. Nos relatos pode-se observar que a decisão em todos os

casos foi tomada pelo pai, no mínimo a palavra final foi do pai que é o provedor do sustento material e a figura de autoridade na família.

A1

A decisão mesmo, a palavra final foi do meu pai. Assim, eu já tava esperando que era pra eu vir, né? Quando meu pai falou, eu pensei que ia ser muito difícil largar família, largar meus amigos, assim, mas eu vou, né?

A2

Assim, de falar se vai? Foi do meu pai. Meu pai falou assim: Você quer estudar? Então, eu vou dar um jeito pra você estudar. Eu falei: se eu quero estudar o que eu estou fazendo aqui? Porque as escolas são muito fracas, lá não tem escola particular, só escolas públicas. Então, ele falou assim: quando você terminar a 7ª você... Aí, ele ficou pensando um ano inteiro, eu queria vir e não queria, sabe? Eu falava assim: gente, mas vai ser difícil eu dar conta de ficar lá. Aí, no final do ano ele perguntou se eu queria ir e eu falei: quero! Aí, ele arrumou tudo e deixou eu vir.

A4

Ah! Os dois, meu pai nessa hora decide mais. Eu vim, Como meu irmão e minha irmã vieram no 1º ano, eu vim na 8ª série, eu estava preparado pra vir no 1º ano. Só que como meu irmão passou no vestibular agora, aí, minha irmã ia ficar até o mês de abril morando sozinha, aí, fui pego de surpresa, eu nem tava preparado e eles vieram conversar comigo e perguntaram se eu queria vir. Eu queria muito vir pra cá porque minha irmã ia ficar sozinha e o colégio lá também não é muito bom, colégio estadual, arriscado entrar em greve, tem problemas. Eles já vieram e me pegaram de surpresa. Primeiro veio conversar foi minha mãe: “se eu tinha vontade de vir, se eu achava que estava preparado pra vir”. Eu não estava com expectativa de vir, aí eles vieram me falar e eu acho que nessa hora meu pai, a decisão dele pesa mais.

A5

Do meu pai. Foi. Porque a gente só veio também porque o coordenador aqui do colégio é primo da minha mãe e ela morava com ele, então os dois são como irmãos mesmo. Ele arruma, a gente tem a bolsa aqui no colégio e partiu dele ficar alugando meu pai que a gente tinha que vir porque o estudo aqui é bem diferente de lá, que aqui é melhor pra gente no futuro, que tinha que pensar no futuro da gente. Aí ele deixou meus irmãos virem, aí, eu só a partir do 2º ano, partiu dele mesmo.

Os discursos dos sujeitos pesquisados demonstram como a tradição do modelo patriarcal, a par de todas as transformações que estão em curso na sociedade contemporânea, está presente em suas famílias. Em tal modelo familiar, o pai é o responsável pelo sustento material de todos os membros e todos dependem dele. Assim, é o pai quem fornece ao seu núcleo familiar o código de conduta e cuida para que esse código seja cumprido por todos os membros de sua família. Portanto o pai é a figura de autoridade, ele é a ‘lei’ para a família que se organiza ao seu redor. A mãe, restrita ao ambiente doméstico, é a reserva afetiva da família. Ela, com sua afetividade, faz a mediação do encontro entre pai e filhos, é a responsável direta pela educação e pelos cuidados dos filhos. Na família patriarcal a mãe não trabalha fora de casa e se reserva aos

cuidados domésticos. O pai é a figura de autoridade e é ele quem decide os caminhos que cada um dos filhos deve trilhar. Além de deter o poder de decisão, é importante apontar que é essa mesma figura de autoridade que confere segurança ao filho para enfrentar a situação de distanciamento. É a voz do pai a lhe dizer que tal coisa está certa ou errada e é a segurança de ser amado pelo pai que permite ao adolescente criar a condição de se opor a esse pai na busca da sua identidade adulta. Porém, essa situação não é tão simples, não se trata apenas de o pai ser, segundo os moldes patriarcais, a figura de autoridade que decidiu a situação de distanciamento do filho. Esse pai é a mesma figura de autoridade diante da qual o filho, em seu adolecer, precisa realizar a tarefa de enfrentamento e de superação. É justamente aí, diante da situação de distanciamento vivida pelo adolescente, que surgem questões sobre a subjetividade desse sujeito distanciado. O adolescente sofre a exigência superegóica de realizar o enfrentamento da autoridade paterna e, para tal enfrentamento, ele lança mão exatamente da identificação com o pai que foi introjetado no ego formando o supergo exigente, conforme Freud mesmo afirma.

Assim, temos afirmado repetidamente que o ego é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo id; que a primeira dessas identificações sempre se comporta como uma instância especial no ego e dele se mantém à parte sob a forma de um supergo (1976q, p. 64).

Portanto, para realizar a tarefa de superação da autoridade parental o adolescente precisa literalmente ter condições, na relação, para enfrentar essa mesma autoridade. É a relação com o pai que lhe garante as condições para tal tarefa. Acontece que, na situação de distanciamento, o pai e o mundo que o adolescente precisa enfrentar se distanciam e, sob a exigência do trabalho de elaboração das perdas sofridas, o sujeito já não pode agora dar continuidade à passagem que havia iniciado.

Há certa regressão na organização subjetiva do adolescente distanciado e por isso ele recorre à mãe que aparece como reserva afetiva, como mediação entre o filho e o pai e também entre o filho e o mundo. A mãe oferece seu colo, seus cuidados e seu olhar afetuoso aos filhos e ao pai. Na situação de distanciamento a mãe consola a família em suas dores e angústias e esse consolo, enquanto equalização de tensões, é estendido ao corte com autoridade parental que o filho já havia iniciado. Assim como o pai, o papel da mãe, como reserva afetiva, também segue os moldes da tradição patriarcal.

A1

Nossa! Minha mãe, como eu vou falar? Mãe faz falta em tudo, né? Porque, faz falta em muita coisa, sei lá. Chegar em casa e ter ela do lado, por exemplo, é, é

muito complicado chegar em casa e não ter ela, ter só meu irmão e não ter ela. A gente conversa por telefone, mais não é aquela coisa de tá conversando do lado assim. Ela faz falta, chegar em casa e ter ela em casa, né? Seria mais fácil pra mim ter ela do meu lado, tudo, se tirar nota baixa, por exemplo, e aí chegar em casa e ela diria pra eu não ficar triste que é só estudar que eu consigo. Ela me daria apoio, isso seria melhor.

A3

Se na hora de vir ela falasse que eu não viria, eu não sei, porque eu vim com o apoio dela, quase tudo, tudo que eu faço tem o apoio dela se eu não tivesse o apoio eu não sei como é que eu agiria. Eu dizia pra ela: a senhora nem brinca porque eu só não tenho medo de ir porque a senhora me apóia. [...] Eu sempre conversava com ela, com meu pai também, eu começava a conversar com ela, por exemplo, sobre uma aula da escola, eu ia contando e chorando, eu não estou chorando pelo que eu estou falando, talvez eu estou chorando por vontade de estar com ela conversando pessoalmente e não estar. Então aquela coisa de estar contando, eu sempre contei tudo, mas de estar contando abraçada com ela, ficar sentada no colo dela e não de estar contando por telefone.

A4

Ah! Eu, assim, sinto falta do meu pai e da minha mãe, mas não é tanto assim. Eu consegui adaptar bem morando longe, sente aquela falta normal, assim, de filho que tem a mãe do lado, quer fazer alguma coisa, pode conversar com a mãe... Eu converso com ela todo dia no telefone, quase todo dia, dia sim e dia não. Como toda mãe faz, mas não fez aquela falta de falar que... A gente fica mais independente, na hora de fazer a janta, na hora de fazer alguma tarefa ela tá do lado pra ajudar, mas não senti tanta falta assim não. Na hora de conversar com ela, na hora que eu precisava de conversar com ela alguma coisa pra ela me ajudar, tanto no colégio quanto algum problema meu.

A5

Eu sentia muita falta da minha mãe... (silencio). [...] É a distância, sabe? Minha mãe tem muita dó de me deixar aqui. [...] Peço pra minha mãe e ela conversa com meu pai e vê se ele vai deixar.

Além de ser a reserva afetiva da família e apoio para o filho em sua relação com o mundo circundante a mãe, restrita e imersa no mundo doméstico, oferece ao filho seus cuidados. Através de seu desempenho ela alimenta e zela de sua família. Na situação de distanciamento, os filhos acusam a falta desses cuidados. Sentem falta de conversar com a mãe, sentem a falta de lhe pedir apoio e colo. Chegam a dizer que a simples presença da mãe em casa já os deixa confortados. Alguns telefonam para sua mãe não para necessariamente conversar, mas, às vezes, os filhos distanciados precisam apenas de chorar no colo da mãe, ainda que seja um colo virtual. Outra observação importante a ser feita é que essa busca intensa do colo da mãe somente é relatada na situação de distanciamento. Ao falarem, por exemplo, sobre suas férias ou sobre antes de se mudarem, os adolescentes não relataram nenhuma ocasião de terem apelado de forma tão intensa pelo colo da mãe. A simples presença da mãe já é efetiva. O que eles relatam é o desejo de ter a mãe como garantia de afeto.

Há, portanto, na situação de distanciamento, uma inversão dos processos que foram iniciados na adolescência. Ao invés de continuar a elaboração e a diminuição do conflito edipiano, acontece uma intensificação dos investimentos libidinais com o objeto primário. Com isso pais e filhos tornam-se afetivamente mais ligados e a relação mais intensa. O conflito, enquanto passagem da infância para o status de adulto, que já havia começado é interrompido e há uma intensificação das catexias e das identificações.

Partindo da decisão paterna e do apoio afetivo da mãe, os filhos enfrentam a experiência de viverem pela primeira vez distantes de suas famílias e na situação de distanciamento deparam-se com um mundo novo em uma outra cidade bem maior que sua cidade de origem. Agora eles sofrem paralelamente duas diferentes exigências: precisam elaborar o luto da perda dos objetos libidinais deixados para trás, seus amigos, sua cidade, sua casa, enfim seu mundo; precisam a partir dessa elaboração reinvestir sua libido em novos objetos presentes na nova condição em que vivem, ou seja, precisam fazer novas relações e se adaptar ao novo colégio, à nova sala de aula, à nova casa, ao seu novo mundo. No artigo *Luto e Melancolia*, escrito em 1915, Freud propõe que um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo e a inibição de toda e qualquer atividade são características psicológicas dessa situação de luto. Segundo ele, no luto o mundo parece ser pobre e vazio. Nas entrevistas feitas os sujeitos relatam como essa passagem é difícil. Relatam sentimentos de desamparo, de solidão e de tristeza. Dizem que ficaram isolados e que tiveram muitas dificuldades para estabelecer novas relações.

A1

Foi meio brabo, quando ele falou: “Você vai”. Ah! Chegar aqui é tudo novo, né? Ter que fazer amigos, conviver com um lugar novo, foi o que eu achei mais difícil. Minha prima a “X”. Ela estuda comigo também, então logo que nós chegamos, nós olhamos a lista da sala e vimos lá o meu nome e o nome dela. Aí vimos que era ali mesmo. Primeira coisa que eu fiz foi pegar a cadeira e sentar no canto lá atrás. Aí, no intervalo de aula só conversava com ela e sentava lá no canto de novo, isolado. As pessoas que hoje são meus amigos dizem que pensavam que eu era muito metido, que não conversava com ninguém. Como é que eu ia chegar pra uma pessoa? Tudo diferente! Não tem como. Eu era isolado e ficava ali no canto. [...] Acho que fazer amigos e me entrosar foi mais difícil. Ah! Aqui em G. é mais difícil. Sei lá. Pra sair com alguma menina tem que... Colega do colégio eu converso, agora sair alguma menina pra ficar, assim boate, bar, essas coisas, eu não gosto muito desses lugares não. Aí, fica mais difícil. Lá eu conversava demais, aqui eu não conheço ninguém, aí fica meio difícil conversar. Eu acho que isso contribuiu pra eu ficar mais quieto na minha, assim mais calado. Como é que eu ia chegar em uma pessoa que eu não conhecia e puxar assunto? Acho que eu não ia conseguir não, aliás, eu só fico na minha, todo quieto, tímido.

A2

Aí, depois, o primeiro telefonema da minha mãe... Nossa senhora! Aí, a gente desaba. É terrível! Desabei. Eu queria voltar, mas aí, a gente conversa, sabe?

Conversa com um e passa. Aí, dá vontade de ficar de novo. Voltar pra trás, querer ficar lá, não querer ficar aqui mais... Jogar tudo pro alto e querer só ficar lá junto com eles. Eu lembrar muito dos meus amigos, ir embora pra trás, larga e mão de tudo. Se isso aqui é o meu futuro, largar de mão do futuro. É isso aí! Eu não sei. Assim... Porque a gente tá longe da família da gente não é fácil. Não tem ninguém pra gente conversar, é muito difícil. Quando a gente fica sozinha, né? Eu fico mais sozinha, falta. (começa a chorar). Não sei... De tá perto dos meus pais. De sempre, assim, ter alguém pra... Ah, não sei! (lágrimas) Porque a gente sente muito responsável, sabe? Ter que decidir tudo... Não sei.

O que se percebe nesses discursos é que o adolescente em situação de distanciamento sofre as exigências de um difícil trabalho de elaboração das perdas que lhe são reveladas pela percepção da realidade. Seus mais importantes objetos libidinais foram obrigatoriamente abandonados e ele, o sujeito, foi arrancado de seu mundo e de seus objetos de amor.

O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível — é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena. Esta oposição pode ser tão intensa, que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo (FREUD, 1976l, p. 276/7).

Agora ele deve elaborar a perda desses objetos. E o primeiro passo para essa elaboração é o reconhecimento da situação de perda, proporcionado pelo teste da realidade. É necessário que ele olhe para a realidade a sua volta e a perceba e reconheça que essa realidade é vazia daqueles objetos dos quais ele ressentido. Ele terá que reconhecer em sua subjetividade a mudança que seu mundo sofre e com isso reconhecer o que cada objeto deixado significa para ele, para, então, poder gradualmente retirar sua libido de cada um desses objetos. Cada canto da cidade de origem, cada detalhe da casa paterna, cada antigo amigo, enfim cada lembrança lhe remeterá ao fato das perdas sofridas.

A1

Chega eu conto no calendário quantos dias faltam pra eu ver meus pais, meus amigos, tudo.

A3

Minha amigas também estavam indo embora, minha melhor amiga foi embora pra outro lugar, então ficava aquela troca de experiências, ela me contava como estava lá e eu contava como estava aqui.

A4

No começo foi difícil. Antes eu tava na mesma turma lá em X. tinha uns sete anos, sempre na mesma turma, mudava um pouco, mas a base dos meus amigos tinha sete, seis anos que estavam estudando junto. Eu conhecia todo mundo no colégio de cidade pequena todo mundo conhece todo mundo, chega aqui você não conhece ninguém, aí, você até... No primeiro dia de aula eu não falei nadinha, nadinha no primeiro dia de aula, só respondia as presenças pros professor, aí, fiquei calado.

A6

De vez em quando bate uma saudade, quando eu comecei batia muito, eu tinha vontade de voltar, agora eu já estou me acostumando. Eu ficava em casa, ia escutar música, ficava observando pela janela do prédio, saía e dava uma voltinha, assistia uma televisão pra ver se distraía. Quando batia uma saudade ela ia embora rápido, não tinha nada que fazer. Só saudade! Não pode ficar triste não. Às vezes dava uma saudade maior e uma vontade de voltar maior mais...(silêncio) Eu acho que é saudade, saudade de estar com meu pai, saudade de estar com minha mãe, saudade de estar na minha cidade.

A diferença entre a “antiga” e a “nova” realidade é marcada e apontada como uma dificuldade para se estabelecer novos vínculos e eleger novos objetos. A respeito da dificuldade para o estabelecimento de novos vínculos, Freud diz que “cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas” (1976l, p. 277). Então, no trabalho de elaboração do luto, a realidade perdida é valorizada de maneira muito mais intensa do que era na situação anterior ao distanciamento. Agora o adolescente percebe o quanto gostava de toda sua rotina e quanto valorizava cada elemento da sua vida anterior. Contudo, essa supervalorização é um exagero decorrente da situação de perda. O sujeito terá que gradualmente abandonar esses vínculos libidinais – e perder nunca é fácil – para então escolher novos objetos com quais irá se vincular. Somente após a realização desse processo é que poderá de fato encontrar satisfação na nova realidade que, por enquanto, lhe parece cinza e sem encantos.

A1

Ao contrário daqui que é cidade grande, lá eu podia ficar a toa, ficar na rua, eu andava pra todo canto, diferente daqui, eu fui criado solto.

A4

Ai, lá era... Lá eu fazia... Eu saía mais. À noite eu saía, todo final de semana, toda sexta e sábado, eu ficava o dia inteiro na rua, no clube, jogava bola com meus colegas, praticava muito mais esporte, ficava o dia inteiro fazendo alguma coisa, o dia todo ocupado. Agora, aqui eu já fico mais... Eu fico mais tempo em casa, aqui eu não sou muito de... (silêncio). Ai! Porque é diferente, assim, cidade do interior e cidade grande. Não sente toda aquela liberdade de sair às duas horas ir pro clube e voltar só oito horas da noite. Não tem essa liberdade assim, ainda não estou... Não tenho tantos amigos como eu tinha lá.

A5

Da minha família, dos meus amigos, dos amigos principalmente porque a amizade que eu tenho lá é desde criança, no interior é sempre assim um conhece o outro mesmo que não estuda junto e sempre, sabe? Saudade daquele tempo que gente fazia bagunça no colégio e também de casa porque igual à casa da gente não tem, né? Porque aqui também a gente mora em apartamento e até acostumar com apartamento, eu sempre morei em casa com quintal e tem cachorro. Agora eu estou mais acostumada, mas eu sinto presa lá, só estuda, de vez em quando é bom dar uma arejada, nas férias é uma beleza.

A6

Agora eu acostumei, sinto saudade do meu pai, às vezes eu tenho vontade voltar, mas é passageiro. Eu tenho vontade, mas eu sei que eu tenho que estar aqui. Eu acostumei, agora é normal, fim de semana eu vou pra X, vou ficar com meu pai, vou ficar com minha mãe, vou sair, mas no começo eu tive muita vontade de voltar, não era muita, mas eu tinha vontade, sentia muita saudade. Cidade grande é diferente, lá é tranquilo, aqui tem que ficar ligado, ficar esperto, tem que ficar prestando atenção em todo mundo, assalto e esses trem, em relação à vida, à experiência.

A comparação é freqüente e denota a falta que o sujeito sente dos objetos que perdeu. Além disso, a freqüência da comparação indica certa resistência do sujeito em abandonar a antiga posição libidinal e assim evidencia-se que “no luto, se necessita de tempo para que o domínio do teste da realidade seja levado a efeito em detalhe, e que, uma vez realizado esse trabalho, o ego consegue libertar sua libido do objeto perdido” (FREUD, 1976l, p. 285). Gradualmente a realidade vai se impondo e sujeito começa a realizar um movimento de duplo alcance, reconhece que sua vida mudou e que ele não dispõe mais da situação vivida em sua cidade antes do distanciamento, além disso, começa a experimentar alguma satisfação nas possibilidades que a nova realidade lhe oferece. Assim, sua libido começará a ser investida em objetos presentes nessa nova contingência, conforme se espera desse trabalho de elaboração do luto.

Para o adolescente, além da família, a escola é um espaço de inserção social e de estabelecimento de vínculos afetivos. Contudo, na situação de distanciamento, as questões intrapsíquicas do adolescente em relação a sua família são atualizadas na experiência que ele faz com a escola. Seu trabalho de luto permeia as possibilidades que a nova escola lhe apresenta. Eles valorizam a escola no que diz respeito à qualidade do ensino, mas, não podem percebê-la como espaço privilegiado para o estabelecimento de vínculos afetivos.

Nas entrevistas os adolescentes relatam suas dificuldades de adaptação ao novo colégio. Segundo eles as escolas em que estudavam eram deficitárias quanto à qualidade de ensino, portanto sofreram um choque ao se depararem com as exigências do novo colégio.

A1

Lá era fraco, né? Então minhas notas lá eram sempre muito boas, na hora que eu cheguei aqui e me deparei com um ensino, mais, mais forte, né? Então minhas notas caíram muito, foi muito difícil o ano passado, eu pensei que não ia passar, fiquei de recuperação final, foi difícil.

A2

A diferença é enorme. Lá a gente não estuda, a gente vai ao colégio.

A3

...eu não me dedicava tanto na escola. [...] Sei lá, meu dia era tão tumultuado que eu não tinha tempo pra parar e pensar se eu estava sofrendo ou não, sabe? Era de manhã no colégio, de tarde estudando...

A4

...o colégio lá também não é muito bom, colégio estadual, arriscado entrar em greve, tem problemas. Antes eu ficava muito na rua, brincando no clube, aqui eu fico mais dentro de casa, mais... Tem que estudar muito que essa escola aqui não é fácil não.

A5

O estudo aqui é bem diferente de lá, aqui é melhor pra gente no futuro, tinha que pensar no futuro da gente. Na verdade eu quase não estudava lá, tinha mais tempo pra tudo, aqui é muito mais rígido. Tem muita aula e o tempo passa muito rápido parece. Na questão do estudo eu tava tendo muita dificuldade, eu tava tendo que estudar muito mesmo pra eu conseguir acompanhar.

A6

Na escola o ensino era bom. Com o passar do tempo foi baixando o nível.

A experiência relatada como um choque é potencializada pelo medo de decepcionar os pais. Os adolescentes distanciados relatam que esse medo de não ser aprovado no colégio está diretamente ligado ao medo de ser também reprovado pelos pais, o que eles temem na situação de distanciamento é a possibilidade de perder o amor dos pais. Nesse momento, a relação entre filhos e pais está intensificada pela distância geográfica, assim as exigências superegóicas, apoiadas na identificação, não levam em consideração a realidade com suas diferenças. Os discursos dos sujeitos apontam que, para eles, há uma grande diferença entre as duas escolas. Dizem que a escola atual é muito mais difícil e exigente que a escola de onde vieram. Contudo, eles próprios não conseguem considerar efetivamente essa diferença entre as duas escolas. Obrigam-se a ser mais bem sucedidos na nova e mais difícil escola que na anterior e mais fácil.

A1

Eu ficava pensando: nossa e se eu rodar aqui como é que vai ficar? Como é que vou falar pro meu pai que eu rodei depois dele ter gastado dinheiro comigo ano inteiro aqui, porque queira ou não queira, é caro aqui, né? O custo de vida é alto, né? Como que eu vou chegar pro meu pai e falar: “nó pai, eu rodei”? Eu passava a noite acordado pensando: eu tenho que passar, eu tenho que passar de ano. Foi muito difícil mesmo. [...] Nossa! Eu me sentiria muito mal, né? Nem tenho palavras assim. Nossa! Fazer ele gastar um ano de dinheiro e no final rodar? Nossa senhora! Eu ia me sentir mal demais.

A2

Nossa! Quando eu peguei o boletim e vi eu falei: nossa! Não acredito! Eu nunca, nunca tinha tirado uma nota abaixo de seis. Eu já tava me preparando, sabe? Porque eu sabia que eu não ia conseguir. [...] A primeira coisa que eu pensei foi: Nossa! Eu não vou passar de ano. Tem que me ralar pra mim passar. Eu nem participo das coisas do colégio porque eu penso que eu tenho que ficar só estudando, estudando, estudando. Nossa! Meu pai me mata! Ele fica nervoso porque eu estou aqui pra estudar e não passar de ano, pra ele vai ser o fim.

A3

Acho que eu fiquei mais responsável que eu tinha que ser. Agora tem vezes que minha mãe até briga comigo dizendo que eu tenho que ser menos estressada um pouco, não porque... Eu não sou nervosa, eu não sou de preocupar assim, mas, por exemplo, teve uma vez que minha família toda ia pra minha cidade. de carro pra festa do meu irmão que passou no vestibular e eu queria ir depois sozinha de

ônibus porque eu não queria perder uma aula que teria no colégio e minha mãe ficou brava comigo. Ela falava: calma, você não pode ficar aí sozinha, você pode vir. Às vezes é ela que fala pra eu ser menos responsável um pouco.

A5

Aí, teve uma vez que eu tava fazendo prova aqui parece que eu ficava nervosa que, tem muito aluno, tem pessoa que tem facilidade, então eu me senti assim muito abaixo deles, né? Aí teve uma vez no ano passado que eu desesperei na hora de uma prova que eu não parava de chorar, que eu não dava conta de fazer nada, aí nossa, eu senti falta da família, senti falta de tudo. Aí depois também assim, sempre... Depois que aconteceu isso também minha mãe passou a ficar mais comigo, a me ajudar, aí eu já comecei a ter aula particular.

A6

Quando eu comecei, eu tava fazendo as primeiras avaliações, eu tava meio desligado, não prestava atenção, ficava conversando, fazia uma baguncinha, desobedecia, de bobeira, mas aí chegou no final do ano e precisava de prestar atenção e estudar, eu estudei pesado e, graças a Deus, eu passei.

Distanciados, os adolescentes vivem grande aumento em sua exigência sobre seu desempenho. Seus discursos apontam que quando moravam com os pais eram mais soltos, mais livres e mais questionadores, estavam em franco processo de contestação da autoridade parental. Agora adotam um padrão de rigor com eles próprios e exigem resultados independentemente das dificuldades do novo colégio. A tensão que vivem nessa situação é resultante do conflito entre o ego e o superego, pois a severidade com que agora se tratam é simplesmente uma continuação da severidade da autoridade externa que foi substituída pelo superego. Além disso, em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud escreve que esse agente moral, em forma de consciência, censura e atormenta o sujeito ameaçando-o com a perda do amor dos pais. Freud diz ainda que, no processo civilizatório, a renúncia ao instinto foi resultado do medo dessa autoridade externa. E esse processo se dá porque nos seres humanos,

Lado a lado com as exigências da vida, o amor é o grande educador, e é pelo amor daqueles que se encontram mais próximos dele que o ser humano incompleto é induzido a respeitar os ditames da necessidade e a poupar-se do castigo que sobrevém a qualquer infração dos mesmos (Freud, 1976m, p.352).

Dessa forma, as satisfações do indivíduo são renunciadas para não se perder o amor da autoridade, quer dizer, para não perder o amor dos pais. Essa renúncia acontece desde o início da infância quando a criança não pode perder o amor dos pais dos quais sua sobrevivência depende, pois

Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos. Acima de tudo, fica exposta ao perigo de que essa pessoa mais forte mostre a sua superioridade sob forma de punição. De início, portanto, mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados (Idem, 1976z, p. 147).

É importante observar que, como diz Freud, desde o início a principal ameaça que um ser humano, em sua dependência infantil, pode sofrer é a ameaça de perder o amor dos pais ou de seus substitutos, uma vez que são tais pessoas, em seu amor, que lhe garantem afeto, proteção e satisfação de suas necessidades vitais. Portanto, para esse ser humano, ele próprio é mau quando faz ou deseja qualquer coisa que possa ameaçá-lo com a perda do amor dos pais. A partir da internalização da autoridade externa no ego, qualquer ameaça dessa natureza é rechaçada por meio do sentimento de culpa. O superego defende, desse modo, o ego da ameaça de perder o amor dos pais ou de seus substitutos, pois essa instância psíquica “é um agente que foi por nós inferido e a consciência constitui uma função que, entre outras, atribuímos a esse agente. A função consiste em manter a vigilância sobre as ações e as intenções do ego e julgá-las, exercendo sua censura” (Ibidem, p. 160).

Note-se que uma das conseqüências da internalização da autoridade, que estabelece o superego, é a extinção da diferença entre fazer algo mau e simplesmente desejar fazer algo mau; sempre lembrando que mau é tudo o que ameaça o ego com a perda do amor dos pais ou de seus substitutos. Uma vez que o superego ‘tudo vê’, mesmo os pensamentos e desejos mais ocultos não escapam a sua censura e punição, nada lhe pode ser escondido. O ego está sob constante vigia e ressentido disso com sentimentos de angústia, os quais são intensificados à medida que acontece qualquer intensificação pulsional. Portanto, o sentimento de culpa surge da severidade do superego em conseqüência da percepção que o ego tem de ser permanentemente vigiado e rigidamente julgado.

O ego se angustia moralmente diante da tensão entre seus próprios esforços e as exigências do superego. Por isso os adolescentes em situação de distanciamento estão em uma nova cidade, em novo colégio, conhecendo novas pessoas e, no entanto, podem não se sentirem livres para desfrutar das possibilidades que esse novo mundo lhes apresenta. Se por um lado estão ainda em franco processo de elaboração do luto dos objetos perdidos, por outro lado como compensação pelo enredo edípiano, eles se forçam a fazer somente o que acham que seus pais esperam que façam. Aqui, na situação de distanciamento, os discursos dos adolescentes apontam que eles restringem-se no espaço geográfico, que pensam ter sido determinado e definido pela autoridade parental, e vão de casa para o colégio e do colégio pra casa.

A1

Minha rotina é de casa pra escola e da escola pra casa, sabe? Essa é minha rotina todo dia.

A2

Só fico durante a semana estudando e cuido de casa, essas coisas.

A4

Acho que é ficar mais tempo dentro de casa.

Chegam a não aproveitar os momentos de convivência social oferecidos pelo colégio através de eventos esportivos e culturais para cumprir o que pensam ser o querer de seus pais. São cumpridores exigentes e severos e certamente, mais severos que seus próprios pais, pois trata-se de uma exigência que obedece a ditadura do superego e que não está necessariamente alinhada com a realidade objetiva.

A1

Meu pai tá me mantendo aqui pra estudar, né? Se fosse pra fazer festa eu ficava por lá mesmo. Eu tô aqui é pra estudar, não é pra fazer festa.

A2

Eu nem participo das coisas do colégio porque eu penso que eu tenho que ficar só estudando, estudando, estudando.

A4

Que eu saia bem na escola e eu estou me saindo. Que eu faça uma boa faculdade, acho que sempre tem esse pensamento.

É importante dizer que esses fenômenos descritos são partes de processos inconscientes. Portanto, o medo de perder o amor dos pais, por exemplo, não pode ser admitido diretamente pelo sujeito. Foi somente de maneira indireta que os sujeitos puderam relatar essas experiências subjetivas, pois é nos relatos de suas vivências afetivas, desvinculados de sua dimensão intelectual, que o sujeito pode dizer, mesmo sem saber que sabe, desses processos. Freud afirma que

[...] o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja *negado*. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido. Podemos ver como, aqui, a função intelectual está separada do processo afetivo (1976v, p. 295/6).

Outra significativa característica, percebida nos discursos dos sujeitos entrevistados ao se referirem à situação de distanciamento, é a contradição entre a declaração de que agora são mais maduros e responsáveis, ao mesmo tempo em que denunciam a dependência dos pais para quase tudo. Eles dizem que estão mais maduros e que são mais responsáveis, porém não se sentem em condições de tomar decisões cotidianas, principalmente quando tais decisões não dizem respeito à rotina escolar que é pré-estabelecida. Diante de qualquer possibilidade de fugir da rotina, eles afirmam que recorrem aos pais para a tomada de decisão. A contradição é evidente em seu discurso, contudo, como se pode ver, os sujeitos não a percebem.

A1

Olha! Eu acho que eu, na minha opinião, eu acho que eu amadureci mais, eu penso mais nas coisas que eu vou fazer, tudo. Eu era muito extrovertido lá em X, aqui eu fiquei quieto no canto da sala, eu fico mais calado, não converso nas aulas nem nos intervalos das aulas, acho que é trauma isso. Além de amadurecer mais, eu fiquei mais quieto, fiquei mais na minha como dizem meus amigos.

A2

Ah! Eu mudei, assim, eu pensava que a vida era mil maravilhas, sabe? Que eu nunca ia passar por isso, que eu não ia precisar ter responsabilidade, sabe? Amadureci uns dois anos a mais da minha vida. De não ter a mentalidade que uma pessoa de quatorze anos tinha, entendeu? Parece que tenho dezessete, sei lá.

A3

Acho que eu fiquei mais responsável. Acho que eu fiquei mais responsável que eu tinha que ser.

A4

A gente fica mais independente. [...] É, quando eu to pensando em fazer alguma coisa eu sempre pergunto pra ela se eu posso fazer ou não, se ela acha conveniente eu fazer ou não. Se eu tiver pensando em treinar alguma coisa, mesmo se é decisão minha, eu sempre converso com ela o que ela acha, se ela acha conveniente pra mim fazer ou não, se é melhor esperar e fazer outra coisa. Ela sempre me ajuda a tomar as decisões todas as vezes. Sempre eu peço opinião pra ela e pros meus irmãos.

A5

Muito diferente porque eu to aprendendo a me virar sozinha. [...] Mas quando eu saio, quando eu quero fazer uma coisa eu sempre ligo pra falar, pra avisar. Quando tem uma festa, uma coisa, eu nunca fiz nada escondido, nunca saí sem falar nada. Até se eu vou ao cinema, ao shopping com amigas eu sempre ligo e aviso. Peço pra minha mãe e ela conversa com meu pai e vê se ele vai deixar. [...] Eu mudei em questão de responsabilidade. Acho assim que eu cresci bastante. [...] Mudou nessa questão de depender muito, que eu também dependia pra tudo, quando eu morava lá eu ia pra algum lugar e avisava pra qualquer coisa que ia fazer avisava que ia. Qualquer coisa lá eu pedia pra ele, agora aqui não, porque eles não estão, só quando eu saio à noite que eu ligo pra pedir, pra avisar. Tem coisas que eu faço e não aviso, não tem pra quem falar nada, a dependência mesmo. É um sentimento independente, assim eu sei que eu sou dependente deles ainda, mas eu também me sinto independente.

A6

Às vezes eu falo com ele: “Pai, vou ali. Pode?” – Não, não pode!. Eu ligo e pergunto o que ele acha, sempre que tem qualquer coisa eu ligo e pergunto.

Essa realidade, enquanto expressão subjetivada, diz da ambivalência afetiva que o sujeito está vivendo. Com a puberdade e com o fim do período de latência suas pulsões sexuais foram despertadas e intensificadas, seu conflito edipiano veio novamente à tona, o ego agora é confrontado por um superego extremamente exigente que foi estabelecido “em seu interior para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada” (FREUD, 1976z, p. 147). Nesse mosaico de tensões os adolescentes foram distanciados fisicamente de seus pais, de suas famílias e de seu mundo. O distanciamento à primeira vista seria solução para todo o conflito, pois ele coloca o sujeito adolescente geograficamente distante do objeto edipiano e distante da autoridade externa que ele buscava superar. Assim o

sujeito ficaria livre da possibilidade incestuosa e também livre do enfrentamento com a autoridade. Os relatos chegam a apontar essa expectativa não atingida:

A1

Eu conheço tanta gente que pensa: nossa, ficar longe dos pais deve ser festa o tempo todo. Quando eu penso em fazer alguma coisa me dá um peso na consciência, “pô, meu pai, tá me mantendo aqui é pra estudar não é pra fazer esse tipo de coisa, né?” Aí eu já penso mais em qualquer coisa que eu faço, eu não consigo fazer não.

A2

Eu tenho muitos amigos que falam que queria tanto ter a minha vida, sabe? Mas, eles não vêem o que a gente passa não.

A4

Não é que eu senti menos livre, eu tenho liberdade, só que lá eu saía mais, não, nem porque eu não posso sair, mas é porque aqui eu não tem a turma, não é porque eu não tem a turma pra sair, é diferente de cidade do interior. Eu vou pra lá eu fico o dia inteiro na rua, aqui eu fico o dia inteiro em casa.

A6

O que eu acho errado ou o que eu acho que meu pai vai proibir, o que meu pai acha errado eu não faço.

Porém, ao contrário de se sentirem livres, os adolescentes que se distanciam dos pais são assolados pelo seu rigor moral e diante da tentação de atenderem a suas demandas pulsionais, eles experimentam angústia e sentimento de culpa. Essa “[...] tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição” (Ibidem, p. 146). A autoridade externa já foi internalizada, o superego enquanto representante da autoridade parental denuncia e atinge o ego com sentimentos de culpa ou com uma necessidade inconsciente de punição.

Na situação de distanciamento, o adolescente se depara com uma realidade que o assusta, pois ele estava, antes do distanciamento, realizando a importante tarefa de enfrentamento da autoridade parental, vivendo inconscientemente o desejo simbólico de se livrar dessa autoridade para adquirir o *status* de adulto e, assim, de algum modo realizando o sonho edipiano. Tal desejo era vivido de forma ambivalente, pois os objetos edipianos são, ao mesmo tempo, alvo de amor e de ódio. O que mantinha o equilíbrio desse conflito era a garantia de ser amado pelos pais e a força da autoridade parental que apenas se deixa superar em pequenas proporções. Na situação de distanciamento, essa autoridade externa torna-se quase inoperante. Em função da própria distância, o adolescente fica mais exposto a suas pulsões e, conseqüentemente, à mercê do superego. Nos relatos das entrevistas, os sujeitos apontam a importância dessa autoridade na manutenção de seu equilíbrio.

A1

Olha! Meu pai faz falta em muita coisa, mas se eu faço alguma coisa errada ele me corrigir, isso eu sinto falta. Fazer uma coisa errada e ter ele pra me corrigir, agora, pai sempre faz falta.

A2

Assim, muitas vezes a gente torce pra se livrar disso tudo, agora, tem dia que dá vontade de ter tudo de volta, sabe? Muitas vezes eu fui mais livre quando eu estive com eles, sabe? Porque eu fico pensando assim: tem gente pra me olhar, pra me proteger. Agora, eu mesma tá aqui sozinha e ter que pensar em tudo que eu tenho que fazer, no que eu vou ser algum dia, eu acho que eu fico mais insegura assim. Acho que com eles eu sentia mais livre. É, assim, ter medo de contrariar ele, sabe? Ter medo de tá fazendo alguma coisa que ele não ia gostar de saber que eu tô fazendo. Lá era tudo mais fácil. (risos) Até desobedecer. Porque tem aquele medo, né? Assim, nossa! Ele tá me protegendo em casa. Aí, passa uns dez minutos e a gente vê ele, assim, e já fica mais livre... Fica pensando: Ai, graças a Deus tem ele, assim. Agora, aqui em G. se a gente fazer alguma coisa não tem ninguém nem pra gente preocupar se tá vendo, o que tá pensando, aí é terrível.

A4

Ai. Lá era... Lá eu fazia... Eu saía mais. À noite eu saía, todo final de semana, toda sexta e sábado, eu ficava o dia inteiro na rua. [...] Agora, aqui eu já fico mais... Eu fico mais tempo em casa, aqui eu não sou muito de... (silêncio).

A6

Uhm! A mesma coisa, sinto falta também de estar perto, de conversar e de falar dos problemas, mesmo que quando tem um probleminha maior e tal liga, mas está ausente.

Diante da falta de objetos identificatórios provocada pelo distanciamento acontece, então, uma intensificação da ação da autoridade interna. E a intensidade dessa ação coercitiva não é apenas proporcional à ação da autoridade externa que está sendo substituída, mas ela é proporcional à força pulsional atuante no indivíduo. Em *Totem e Tabu*, escrito entre 1912 e 1913, Freud utiliza o mito para dizer que o remorso derivado do desejo simbólico de morte do pai e sua conseqüente santificação não é a comemoração de um evento: é a expressão permanente e irresolvida de um desejo de desordem e contra-ordem do ser humano. Freud ainda diz que “esse remorso constituiu o resultado da ambivalência primordial de sentimentos para com o pai. Seus filhos o odiavam, mas também o amavam” (1976z, p. 156).

A melhor definição para o sentimento do adolescente nessa situação de distanciamento dos pais é sofrimento, mas não se trata de um sofrer pela realidade objetiva. Ele sente objetivamente a falta dos pais, dos amigos, da cidade etc, porém, o distanciamento expõe o sujeito ao sentimento de culpa provocado pelas demandas edipianas e isso, sim, é a principal causa do seu sofrimento. Ele sofre pelos objetos perdidos, ele sofre pelas pulsões que experimenta e ele sofre pela ação do superego exigente que o vigia e censura, fazendo-o viver a falta dos objetos de identificação.

Nessa situação a realidade não é levada em consideração, é contra o ego do sujeito que seu superego investe e não contra a realidade. Como resultado do conflito entre essas duas instâncias psíquicas acontece a concentração de toda a tensão gerada na produção do sentimento de culpa e na necessidade inconsciente de punição. Então, o adolescente na situação de distanciamento tem abreviado seu tempo para realizar a passagem da vida infantil para a vida adulta. Nessa passagem todo ser humano sofre, porém no caso desses sujeitos distanciados de seus pais o sofrimento tem sua força intensificada e concentrada, ao mesmo tempo em que as condições pra o seu enfrentamento são diminuídas.

Ao falar sobre o sofrimento humano, em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud aponta três fontes desse sofrimento: “o poder superior da natureza, a fragilidade do próprio corpo humano que tende obrigatoriamente à dissolução e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no estado e na sociedade” (1976z, p. 105). Ele diz ainda que em relação às duas primeiras fontes de sofrimento não há muito que duvidar, pois a razão sucumbe ao fato de que não podemos hoje e provavelmente não poderemos no futuro dominar por completo as forças da natureza. Além disso, nosso corpo biológico, parte dessa mesma natureza que não podemos dominar, é um organismo transitório, finito e com limitações severas em sua capacidade de adaptar-se ao mundo a sua volta.

Com efeito, apesar da dureza desses dois fatos, a humanidade aprendeu ao longo dos tempos a suavizar e a afastar pelo menos parte desse sofrimento. Talvez se possa dizer que tal aprendizagem tenha se dado fundamentalmente porque nunca se pôde pôr em questão essas duas fontes de sofrimento, ou seja, o enfrentamento e o desenvolvimento de modos de se viver melhor a cada geração também teve e tem como pré-condição o reconhecimento do próprio sofrimento. Parece que esse é um raciocínio que não apresenta qualquer complexidade e para se enfrentar qualquer questão, é necessário primeiro o seu reconhecimento.

Freud afirma que não há na humanidade dificuldades em reconhecer as duas primeiras fontes de sofrimento por ele citadas. No entanto, no que diz respeito à terceira fonte de sofrimento, as coisas já são bem diferentes.

Quanto à terceira fonte, a fonte social de sofrimento, nossa atitude é diferente. Não a admitimos de modo algum; não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós. Contudo, quando consideramos o quanto fomos malsucedidos exatamente nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás

desse fato, uma parcela de natureza inconquistável — dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica (Ibidem, p. 105).

Essa não reconhecida fonte de sofrimento resulta, segundo Freud, do antagonismo irremediável entre as exigências do instinto e as restrições da civilização. A consequência de tal conflito é configurada como um sentimento inconsciente de culpa que segundo o autor é o mais importante problema no desenvolvimento da civilização. O adolescente distanciado dos pais também não reconhece as fontes de seu sentimento de culpa, porém em seus relatos esse sentimento é bastante palpável.

A1

Agora, se eu ficar o tempo todo só fazendo festa, aí eu ia me sentir culpado. Meu pai me manter aqui pagando caro pra eu ficar fazendo festa, aí não dá não. É como eu comento com uma prima minha que mora aqui comigo, quando eu tenho que pedir dinheiro pro meu pai: “nó, o dinheiro já acabou e eu vou ter que pedir dinheiro de novo, ele mandou outro dia e já acabou”. Aí, eu comento com ela que quando eu me formar eu vou devolver tudo o que eles fizeram por mim, assim, tudo o que eles precisarem eu vou ajudar eles, vou tá do lado deles. Eu me sinto em dívida com meus pais.

A2

Assim, pela responsabilidade que a gente tem eu acho que, assim, a gente fica com a consciência pesada.

A4

Aí, eu acho ruim. Ela acha ruim de eu ter ido e eu acho ruim que ela... Fico com sentimento de culpa, assim, por ter desobedecido ela.

A6

Fico com medo dele descobrir e achar ruim, fico com medo dele brigar comigo. Não é bem dele brigar, é dele achar ruim comigo. Medo dele achar ruim, de quando eu sair e acontecer alguma coisa, nada...A consciência pesa um pouquinho, né? De tá desobedecendo, por ele sempre tá junto comigo, fazer sempre o que pode e eu tá desobedecendo, é ruim. (silêncio).

O adolescente distanciado experimenta, de modo particular, a intensificação de suas pulsões e o ressurgimento do complexo de Édipo. O enfrentamento da autoridade parental que o adolescente realizava antes do distanciamento era, para ele, uma forma de elaboração da situação edipiana. Através da elaboração ele “[...] deve, conforme podemos ver, renunciar às intensas catexias objetais que depositou em seus pais” (FREUD, 1976ab, p. 83) e pela identificação com esses mesmos pais realizar o investimento de sua libido em outros objetos de amor que lhe sejam permitidos. Porém, distanciados e diante da falta de objetos de identificação, esses sujeitos têm que se haver com a ambivalência resultante do complexo de Édipo. Eles fantasiam, experimentam desejos e sentimentos em relação aos pais que, por serem proibidos, são fontes de angústia e sofrimento. Na situação de distanciamento, o trabalho de elaboração fica prejudicado pela distância física e acontece a intensificação das proibidas pulsões edipianas.

Em consequência dessa psicodinâmica, o indivíduo, exposto a sua intensidade pulsional, experimenta sentimentos de ansiedade, angústia e culpa. Esse sentimento de culpa é, em grande parte, inconsciente, uma vez que sua causa não pode ser conscientemente admitida. Como todo conteúdo reprimido no inconsciente encontra alguma forma de expressão, o sentimento inconsciente de culpa também ‘vaza’ e pode ser expresso pelos adolescentes em situação de distanciamento através de diversos elementos da realidade objetiva.

Dessa forma, os adolescentes distanciados expressam seu sentimento de culpa através das exigências que se fazem em relação às notas escolares sem levarem em conta o desnível entre a antiga e na nova escola. Além disso, eles referem-se às possibilidades de diversão e entretenimento oferecidas pela nova cidade e pelos novos colegas de aula como se fossem tentações proporcionadas para fugir à responsabilidade e ao dever. Dizem também que se sentem culpados pelo sofrimento afetivo que causam nos pais por estarem longe de casa e afirmam sentirem-se culpados pelo dinheiro que os pais gastam na situação de distanciamento e chegam até a dizer que se sentem em dívida com os pais. Assim, o sentimento inconsciente de culpa é ‘mal reconhecido’ pelo sujeito nas exigências da realidade objetiva devido a sua derivação das pulsões edípicas.

Freud, ao se referir ao sentimento inconsciente de culpa em seu artigo *O Ego e o Id*, de 1923, afirma a possibilidade de se conhecer as pulsões reprimidas que de fato o constituem. Ele diz que esse sentimento “se baseia na tensão existente entre o ego e o ideal do ego, sendo expressão de uma condenação do ego pela sua instância crítica. Os sentimentos de inferioridade, tão bem conhecidos nos neuróticos, presumivelmente não se acham muito afastados disso” (1976q, p. 67).

Independente da relação entre o ego e a realidade ou da relação entre o superego e a realidade, o sentimento de culpa se estabelece como o resultado da tensão entre o ego e o superego. Ora, se o superego, como afirma Freud em 1938, é o herdeiro do complexo de Édipo e tem como principal função reprimir as pulsões edípicas, logo pode-se afirmar que o sentimento de culpa é constituído por impulsos relacionados à situação edípica que foram reprimidos. “O resultado invariável do trabalho analítico era demonstrar que esse obscuro sentimento de culpa provinha do complexo de Édipo e constituía uma reação às duas grandes intenções criminosas de matar o pai e de ter relações sexuais com a mãe” (1976m, p. 376).

O adolescente exposto a essa ambivalência pulsional edipiana é obrigado a desenvolver meios para lidar com seus desejos e sentimentos, meios que lhe garantam, custe o que custar, sua segurança psíquica. Os meios utilizados pela humanidade para se atingir algum grau de segurança são formas de se reprimir o conteúdo conflitivo e mantê-lo reservado no inconsciente. Além da repressão e do afastamento do conteúdo conflitivo da consciência, Freud aponta um outro possível caminho.

Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós (1976z, p. 98).

A dessexualização descrita por Freud é, então, uma operação psíquica que retira a libido investida em objetos diretamente sexuais e a reinveste em objetos que sejam de natureza não sexual. A libido, investida em um objeto de natureza não sexual, por exemplo, um objeto de ordem intelectual, torna-se socialmente aceita ou no mínimo tolerável. É muito menos difícil para o adolescente em situação de distanciamento sentir-se culpado pelas notas escolares do que se sentir culpado pelo desejo do duplo crime edipiano. Assim, em seu aspecto essencial e mediado o sentimento de culpa vivido pelos adolescentes distanciados dos pais é a expressão das pulsões edipianas frente à falta de objetos identificatórios proporcionada pela própria situação de distanciamento. Segundo Freud, pode-se traduzir “[...] a expressão ‘sentimento inconsciente de culpa’ como significando uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno” (1976t, p. 211). Para além da externalidade objetiva e imediata pode-se dizer que o adolescente sofre mais pelo sentimento de culpa que pela saudade ou por qualquer outro afeto sentido.

A importância do complexo de Édipo na estruturação das angústias sofridas pelos adolescentes distanciados torna-se ainda maior se se levar em conta que é mediante a sua superação e dessexualização que a consciência e a moralidade surgem.

O complexo de Édipo mostra assim ser — como já foi conjecturado num sentido histórico — a fonte de nosso senso ético individual, de nossa moralidade. O curso do desenvolvimento da infância conduz a um desligamento sempre crescente dos pais e a significação desses para o superego retrocede para o segundo plano. Às imagens que deixam lá atrás estão, pois, vinculadas as influências de professores e autoridades, modelos auto-escolhidos e heróis publicamente reconhecidos, cujas figuras não mais precisam ser introjetadas por um ego que se tornou resistente. A última figura na série iniciada com os pais é o poder sombrio do Destino, que apenas poucos dentre nós são capazes de encarar como impessoal (Ibidem, p. 209).

Para Freud a moralidade não produz o sentimento de culpa, mas exatamente o contrário. O sentimento de culpa, com base nas pulsões edípicas proibidas, é que estabelece, para o homem, a moralidade. Desse modo, compreende-se que [...] “o homem normal não apenas é muito mais imoral do que crê, mas também muito mais moral do que sabe” (Idem, 1976q, p. 68). Assim, a ação da moralidade é que legitima a proibição, já posta, do incesto e do parricídio. É nesse sentido que o discurso dos adolescentes em situação de distanciamento revela o afastamento religioso por eles vivido ao se mudarem da sua cidade de origem.

A1

Eu fui ontem. Um primo meu veio pra cá e posou lá em casa e quis ir à igreja. Meu pai falou pra eu ir com ele, então eu fui, mas esse ano foi a primeira vez que eu fui. Quando eu vou é muito bom, mas quando não vou não faz falta não. Vou por exigência deles. Eu até que gosto, mas se deixasse só por mim eu acho que eu não iria não. Ah! Mudou um pouco. Porque lá era todo final de semana na igreja, tinha os jovens, eu fazia parte da diretoria dos jovens, tudo. Aqui não. Eu só fui ontem. Acho que no ano passado eu não fui nem uma vez à igreja, no ano passado.

A2

Hoje eu estou um pouco afastada porque nessa semana que eu fui pra lá, eu fui pra fazenda não teve jeito de eu ir à igreja. Agora, sempre que eu tenho tempo... Nesse final de semana mesmo eu vou ver se dá pra ir. Eu só não vou quando não tem jeito mesmo.

A5

Assim, eu ia sempre, eu participava de comunidade e eu dei uma afastada.

A6

Muito raro! Por eu estar aqui em Goiânia é mais complicado. A gente ia aos domingos, agora ficou mais complicado porque nos domingos eu tinha que vir pra cá e não dava tempo de eu ir. Afastou um pouco por eu estar aqui.

O que se percebe é que a ligação desses sujeitos com a religião é uma ligação com os grupos secundários, ou seja, na igreja eles se ligavam ao grupo de iguais, viviam a possibilidade de estabelecer objetos secundários de identificação com os líderes religiosos e ainda encontravam na proibição ao pecado uma normatização para a interdição ao incesto e ao parricídio primariamente estabelecida. Na situação de distanciamento, o sentimento de culpa é uma resposta mais direta a suas pulsões, diminuindo, assim, seu dispêndio de energia e tempo com a prática religiosa.

Antes da situação de distanciamento e no auge da necessidade de enfrentamento da autoridade parental, a experiência religiosa fornecia aos adolescentes, em substituição do ‘pai’, excelentes objetos identificatórios. Dessa forma os adolescentes se identificavam juntamente com seus irmãos de fé, – igualmente amados enquanto filhos do mesmo Pai – aos líderes religiosos enquanto representantes do deus revelado e até mesmo encontravam

na imagem do deus pai um objeto de identificação. É nesse sentido que o afastamento religioso não é apontado nos discursos dos adolescentes distanciados como um problema significativo, pois, na situação de distância, eles já estão entregues a suas demandas pulsionais e é com isso que eles têm que se haver.

Ao lado do afastamento religioso, os sujeitos também apontam que, na situação de distanciamento, experimentam uma maior aproximação com os pais. Dizem que a relação torna-se mais estreita e que podem contar com os pais e somente neles confiar. Aqui, na situação de distanciamento, eles dizem que não podem confiar em ninguém além dos pais, porém, antes do distanciamento, estavam realizando exatamente a passagem dessa relação exclusiva com os pais para o encontro de outros objetos de identificação.

A2

Assim, acho que muda porque, quando a gente tá lá, não fica aquele amor todo, aquele apegamento. Agora, quando a gente chega lá, a gente quer ficar só perto deles, junto com eles, conversando. Se deixar, a gente conversa dia e noite. Fica dia e noite conversando. Quando a gente vai pra lá, quando a gente chega fica até às duas horas da manhã conversando.

A3

Acho que eu me aproximei muito mais, acho que é pelo fato de eu estar mais vulnerável um pouco. A falta daquela segurança me aproxima mais. Se eu tivesse um problema lá em X eu até falaria com uma amiga, aqui não. Aqui eu só tenho meus pais e meus pais. [...] Até hoje quando eu vou pra lá eu gosto de voltar àquela rotina. Eu tento fazer as coisas, sair com minha mãe pra resolver os negócios dela. À noite eu vou, deito na cama dele e falo: ó pai, eu vou dormir aqui com o senhor! Eu vou dormir aqui no meio da cama, faz tempo que eu não durmo. Essa rotina de ficar em casa e esperar o pai chegar da fazenda.

A5

Eu mudei em questão de responsabilidade, dar mais valor na família da gente.

Nesse sentido, os discursos sobre a aproximação com os pais são apenas uma idealização dessa realidade. É uma declaração de amor substitutiva dos desejos edipianos e do sentimento inconsciente de culpa. Como se poderia explicar o sentimento de culpa e a necessidade de punição, se esse amor que aparece no discurso pudesse ser tomado como puro e real? Tanto o sentimento de culpa quanto a idéia da aproximação dos pais é resultante das pulsões edipianas e suas restrições. Seria o mesmo que dizer: “amo tanto meus pais que na situação de distanciamento me sinto culpado”. Trata-se de uma culpa relativa à dupla demanda edipiana e suas conseqüentes restrições.

No entanto, ao pesquisar as restrições pulsionais impostas pela civilização ao indivíduo, Freud demonstra o quanto essa situação é repleta de paradoxos. Ele afirma que

[...] as tentações são simplesmente aumentadas pela frustração constante, ao passo que a sua satisfação ocasional as faz diminuir, ao menos por algum tempo. O campo da ética, tão cheio de problemas, nos apresenta outro fato: a má sorte

— isto é, a frustração externa — acentua grandemente o poder da consciência no superego (1976z, p. 149).

As frustrações sofridas pelo indivíduo simplesmente aumentam suas tentações, ou seja, quanto mais o indivíduo for reprimido, maiores serão suas ‘tentações’, quanto menos satisfação houver, maior será a força pulsional. Conseqüentemente, maior será a necessidade de forças repressoras que, por sua vez, imporão mais frustrações, o que coloca o movimento em fluxo circular contínuo. Como Freud diz, esse aumento da intensidade pulsional pela repressão estabelece uma questão relacionada à ética. “Toda renúncia ao instinto torna-se agora uma fonte dinâmica de consciência, e cada nova renúncia aumenta a severidade e a intolerância desta última” (Ibidem, p. 152). Assim, o sentimento de culpa do adolescente presente em todos os humanos é poderosamente intensificado por essa descrita situação de distanciamento. Porém, ainda que as restrições impostas as pulsões individuais custem tão caro, o desenvolvimento humano não pode delas prescindir, pois certamente o preço seria incalculavelmente alto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família, do modo como a conhecemos, é uma forma de organização social historicamente construída, portanto não é um modo natural ou universal da organização humana. Uma vez que é na família que o indivíduo encontra, desde seu nascimento, as condições indispensáveis para sua sobrevivência e desenvolvimento, entende-se que, ao fornecer para o indivíduo tais condições, a família torna-se a primeira instância responsável pela socialização desse indivíduo. Desse modo, por meio das primeiras relações, que acontecem na família, estrutura-se para a criança a base da dinâmica psíquica fundamental para o convívio em sociedade. Além desse processo, é também na família que, inicialmente, cada ser humano desenvolve seus modos de subjetivação. É a partir da complexa vinculação emocional familiar que cada indivíduo desenvolve seu modo particular de sentir, ver e pensar o mundo a sua volta.

Portanto, as relações familiares constituem a primeira instância responsável no desenvolvimento dos modos de subjetivação do sujeito moderno, pois é na relação com seus familiares que o indivíduo desenvolve, desde a infância, seu modo de internalizar a realidade a sua volta. Assim sendo, a infância é um tempo precioso na constituição da subjetividade humana, pois é na infância que o indivíduo realiza as experiências que constituirão a base de toda sua subjetividade.

Se a infância possui tal importância, a adolescência não pode ser levada em menor consideração, pois é nesse período que, o sujeito reedita de maneira intensificada as experiências da primeira infância. Além disso, é também na adolescência que o sujeito realiza a passagem da vida infantil para vida adulta. Em suma, é precisamente no âmbito das relações parentais, em suas aproximações, distanciamentos, encontros e desencontros que se pode apreender a subjetividade do sujeito adolescente. Sua constituição se mostra, em cada traço de amor e de ódio, manifestado ou recalcado, revelando os nexos que constituem os modos de subjetivação desse sujeito. Seu desenvolvimento somente pode ser compreendido a partir da dinâmica interna das relações objetivas entre pais e filhos, uma vez que é na dinâmica do seu desejo que o sujeito se revela.

Desse modo, família, infância e adolescência, enquanto categorias lógicas construídas por condições históricas, foram tomadas como mediações que permitiram a apreensão da dinâmica psíquica do adolescente que se separa da família em vem morar em Goiânia. O estudo dessas categorias apontou que a dinâmica psíquica do adolescente em situação de distanciamento é vivida, em contraste com as lembranças das lembranças infantis, com muito sofrimento. Isso porque, na situação de distanciamento, o adolescente separa-se geograficamente dos objetos identificatórios e se expõe de modo bastante intenso ao conflito edipiano. Além disso, seu superego torna-se ainda mais exigente que antes do distanciamento e assola o ego com rigor moral e acusações que não são balizadas na realidade vivida pelo adolescente.

Esse aumento da exigência superegógica indica que o conflito vivido pelo adolescente não é, como mostra sua aparência, entre a superego e a realidade, ao contrário, suas mediações revelam que o conflito é, em sua essência, vivido entre o superego e o ego. Diante dessa dinâmica psíquica, o superego impõe ao ego grande sentimento de culpa e em consequência desse sentimento o adolescente sofre e, embora não saiba exatamente qual seja a causa de seu sofrimento, ele acaba atribuindo-o à distância, ao desempenho escolar 'sempre insatisfatório' e ao remorso pelos sacrifícios feitos pelos pais para mantê-los estudando fora de casa.

O sofrimento, enquanto elaboração do luto pela realidade perdida, é conscientemente percebido pelo adolescente que sempre encontra alguma forma de administrá-lo – assistindo televisão, conversando ao telefone com os pais, escutando música, estudando etc. Porém, o sofrimento enquanto expressão do sentimento de culpa não encontra elaboração possível, o adolescente precisa dar continuidade ao trabalho de superação da autoridade parental e, no entanto, não dispõe da proximidade com os objetos identificatórios que possibilitam tal superação. Além disso, o conflito edipiano se intensifica, o que aumenta ainda mais a experiência da culpa.

Esse sujeito agora não dispõe de uma autoridade externa que antes lhe impunha limites e proporcionava segurança para o enfrentamento dos mesmos limites impostos. Agora esse sujeito tem que se virar sozinho, ele vive uma realidade que não lhe apresenta vigias externos significativos, é com seu foro íntimo que ele se depara. Nessa situação, o adolescente experimenta com prazer e medo a possibilidade e a impossibilidade dos seus desejos inconscientes. Nesse sentido, o sentimento de culpa é a elaboração possível, é a saída mais econômica para a dinâmica emocional do adolescente em situação de

distanciamento. A intensificação das demandas pulsionais dos adolescentes distanciados encontra sua melhor expressão na travessia do paraíso infantil ao sentimento de culpa.

O caminho percorrido por esse estudo abordou alguns aspectos da subjetividade dos adolescentes em situação de distanciamento sem, obviamente, exaurí-los. Restam diversas possibilidades de conhecimento sobre essa mesma realidade estudada. As saídas que esses sujeitos distanciados encontrarão, ao longo do tempo, para minimizar o conflito que vivem constituem possíveis focos de estudo dessa mesma realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W., HORNHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

ARIÈS, P. *História Social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. p.658.
_____. Sobre a Modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 70.

BERGER, P. *A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CANEVACCI, M. (org), *Dialética da família*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CRUGLAK, C. *Clínica da identificação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº. 10, p. 58-78, Jan/Fev/Mar, 1999.

FRANÇA, J. L. et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*, 4.ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

FREUD, S. A Interpretação dos sonhos (1900). In: *Obras completas*, v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

_____, S. Três ensaios sobre a sexualidade (1905). In: *Obras completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

_____. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908). In: *Obras completas*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976c.

_____. Romances familiares (1909 [1908]). In: *Obras completas*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976d.

_____. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: *Obras completas*, v. X. Rio de Janeiro: Imago, 1976e.

_____. Totem e tabu (1913 [1912-13]). In: *Obras completas*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976f.

_____. A História do movimento psicanalítico (1914). In: *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976g.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976h.

_____. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976i.

_____. Repressão (1915). In: *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976j.

_____. O inconsciente (1915). In: *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976k.

_____. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976l.

_____. Alguns tipos de caráter encontrado no trabalho psicanalítico (1916). In: *Obras completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976m.

_____. A vida sexual dos seres humanos (1917 [1916-1917]). In: *Obras completas*, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976n.

_____. O Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais (1917 [1916-1917]). In: *Obras completas*, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976o.

_____. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: *Obras completas*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976p.

_____. O ego e o id (1923). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976q.

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976r.

_____. Neurose e psicose (1924 [1923]). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976s.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976t.

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976u.

_____. A negativa (1925). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976v.

_____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.(1925). In: *Obras completas*, v.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976w.

_____. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]). In: *Obras completas*, v.XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976x.

_____. O futuro de uma ilusão (1927). In: *Obras completas*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976y.

_____. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: *Obras completas*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976z.

_____. Sexualidade feminina (1931). In: *Obras completas*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976aa.

_____. A Dissecção da personalidade psíquica (1933 [1932]). In: *Obras completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976ab.

_____. Feminilidade (1933 [1932]). In: *Obras completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976ac.

_____. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: *Obras completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976ad.

HORKHEIMER, M. *Teoria crítica: uma documentação*. São Paulo: Perspectiva: Ed. da USP, 1990.

HORKHEIMER, M., ADORNO, T. W. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

IANNI, O. *A sociologia e o mundo moderno*. São Paulo: EDUC, 1988.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KAUFMANN, P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1996.

LAJONQUIÈRE, L. *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LASCH, C. *A Cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. *O Mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MANNONI, M., *et al.* *As Identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

MELMAN, C. *O que é um adolescente*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE, 1999, Rio de Janeiro, RJ. *Anais...* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MYNAIO, M.C. *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*.- 7. ed. - São Paulo: Hucitec, 2000.

NASIO, J.D. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1997.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RAMOS, G. *Infância*. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RASSIAL, J. *O Adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

_____, J. *A Passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1997.

RESENDE, A. C. *Indivíduo e sociedade*. In *O tempo do tempo: objetividade e subjetividade sob o tempo quantificado*. São Paulo: PUC-SP, 1987. (Dissertação de mestrado).

_____. *Fetichismo e subjetividade*. São Paulo: PUC, 1992. (Tese de doutorado).

RIBEIRO, P. *O Problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta, 2000.

ROSA, J.G. *Manuelzão e Miguilim: (Corpo de baile)*. 11.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSOLATO, G. *A Força do desejo: o âmago da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

ROTTERDAM, E. *O Elogio da loucura*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROUDINESCO, E. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____, E. *A Família em desordem*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

RUFFINO, R. *Adolescência e modernidade*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE, 1999, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. p.37.

SOUZA, E. *Relação professor-aluno: subjetividade e objetividade na sala de aula*. Goiânia: UCG, 2001. (Dissertação de mestrado).

ZORNIG, S. A. *Adolescente e modernidade*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE, 1999, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. p.281.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM PSICOLOGIA
QUESTIONÁRIO BREVE

Este trabalho faz parte de um estudo de pós-graduação em psicologia sobre jovens que não moram com seus pais por terem se mudado para Goiânia com a finalidade de estudar. **Deve ser respondido apenas por estudantes que vieram de outras cidades para estudar em Goiânia.** Por favor, responda as questões abaixo.

1 – Qual é o seu nome?

2 - Quantos anos você completou no seu último aniversário?

14 anos

15 anos

16 anos

17 anos

outros. Quantos? _____

3 – Qual é o seu sexo? M F

4 – Qual é a série (ano) que você esta cursando? 1° 2° 3°

4.1 – Qual é a sua turma/sala? A B C OUTRA _____

5 – Qual é a idade (aproximada) e a profissão de **seu pai**?

IDADE _____ PROFISSÃO _____

6 – Qual é a idade (aproximada) e a profissão da **sua mãe**?

IDADE _____ PROFISSÃO _____

7 – Quantos irmãos e/ou irmãs você tem? _____ . Indique a idade e o sexo deles:

IDADE _____ SEXO M F

IDADE _____ SEXO M F

IDADE _____ SEXO M F

IDADE _____ SEXO M F

8 - Com quem você morava antes de se mudar para Goiânia?

- Com seu pai e sua mãe Com seu pai
 Com sua mãe C/ outros familiares. Quem? _____

9 – Em que cidade você morava antes de se mudar para Goiânia?

10 – Qual é a distancia aproximada desta cidade em relação à Goiânia?

- menos de 100 Km de 100 Km à 200Km
 de 200 Km à 300Km mais de 300 Km

11 – A quanto tempo você mora em Goiânia?

- menos de 01 ano de 01 à 02 anos
 de 02 à 03 anos mais de 03 anos

12 – Quem mora com você na sua casa em Goiânia? (você pode marcar mais de uma opção).

Tios / Avós

Irmãos. Se você marcou essa opção, escreva dentro dos quadrinhos abaixo a idade de cada um dos irmãos que moram com você:

Primos. Se você marcou essa opção, escreva dentro dos quadrinhos abaixo a idade de cada um dos primos que moram com você:

Amigos. Se você marcou essa opção, escreva dentro dos quadrinhos abaixo a idade de cada um dos amigos que moram com você:

Outros. Quem? _____. Se você marcou essa opção, escreva dentro dos quadrinhos abaixo a idade de cada um dessas pessoas que moram com você:

13 – Com que frequência você visita e/ou é visitado pelos seus pais?

Semanal

Quinzenal

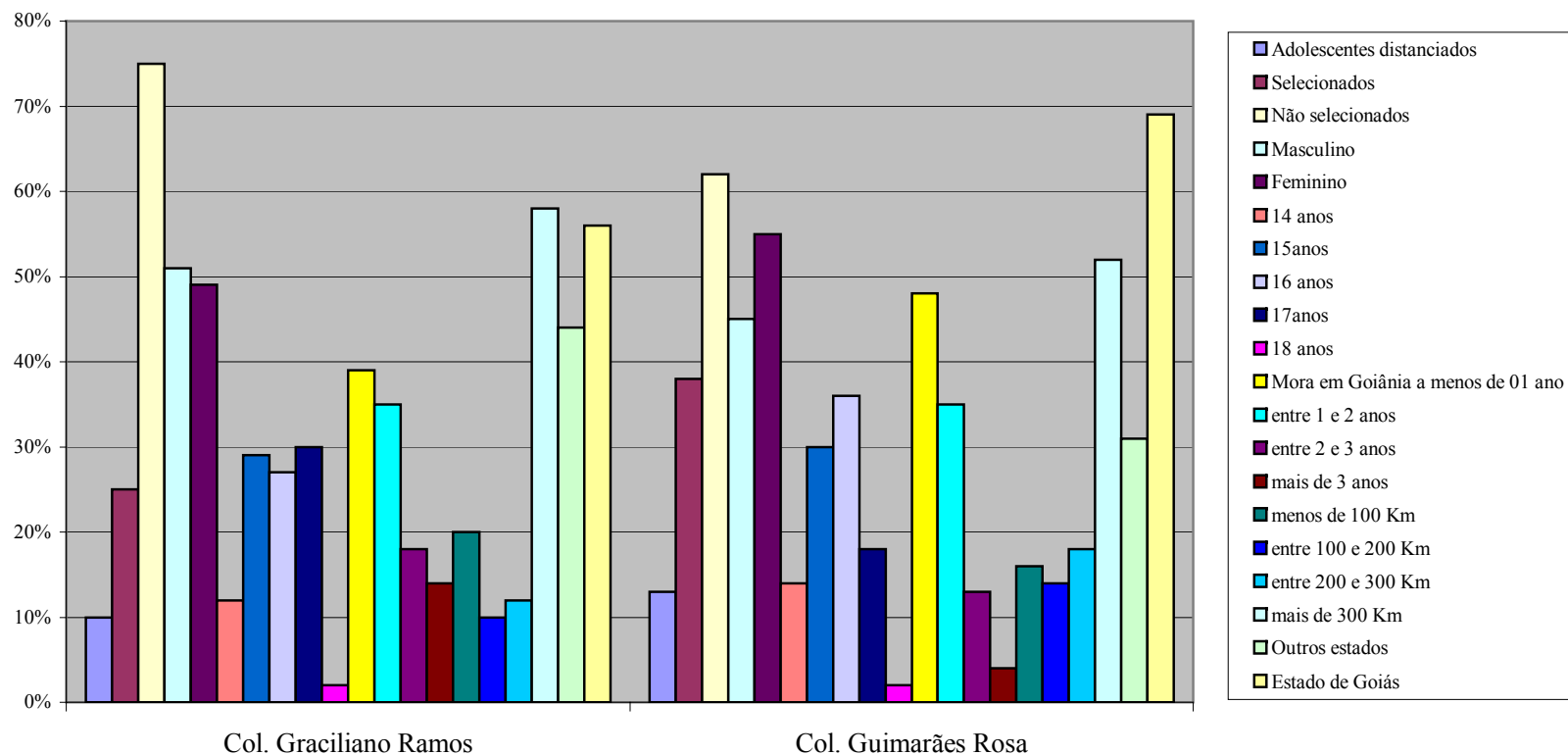
Mensal

Bimestral

Outros. Qual? _____

ANEXO 2 - Gráfico 1

Comparação Sujeitos Col. Graciliano Ramos e Col. Guimarães Rosa



ANEXO 3

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS MESTRADO EM PSICOLOGIA ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 - IDENTIFICAÇÃO

1.1 – Dados Pessoais

Nome: _____ Idade: _____ Série e Turma: _____
Há quanto tempo mora em Goiânia: _____ Com quem mora em Gyn _____
Cidade de origem (antes de se mudar p/ Goiânia): _____
Distância da cidade de origem: _____

1.2 – Dados da Família

Profissão, e idade do pai/mãe.
Sexo e idade dos irmãos.

OBJETIVO: – apreender os objetos identificatórios mediados na relação do adolescente com os pais.

2 – PRIMEIRA INFÂNCIA

- Onde nasceu e ordem de nascimento (posição entre os irmãos)
- Lugar em que viveu a 1ª infância (cidade, bairro, fazenda, casa, etc)
- Como foi a 1ª infância (antes de ir p/ a escola).
- Como foi a relação com o pai e com a mãe nesse período da vida.
- Predileção do pai e/ou da mãe em relação a algum dos filhos
- O que mais gostava de fazer e com quem fazia.
- Com quem passava a maior parte do tempo e como era.
- Relacionava-se com alguma outra pessoa além dos pais.

3 – SEGUNDA INFÂNCIA

- Vida escolar (quem levava p/ a escola; quem acompanhava a vida escolar; como pai e/ou mãe elogiaram e criticaram a atuação escolar).
- Relação com a igreja e com a religião (com quem foi p/ a igreja; porque; se pai e/ou mãe des/aprovavam à ida p/ igreja).
- Relação com amigos (vizinhos, primos, colegas de escola, etc).
- A criação da família (Quem corrigiu mais? Quem foi mais bravo? Quem foi mais carinhoso?).
- Como foi a 2ª infância (esse tema deve ser cuidadosamente abordado p/ não ser repetição do 1º bloco).
- Se após o início da socialização secundária houve mudanças na relação com pai/mãe.
- Intimidade e proximidade com o pai e/ou com a mãe.
- Se tinha alguma ligação afetiva mais forte com outra pessoa que não os pais.

4 – ADOLESCÊNCIA

- Horários para chegar em casa
- Proibições e permissões
- Namoro (ficar)
- Se sente ciúmes do pai/mãe e se os mesmos sentem ciúmes do filho/a.
- Atividades que faz com pai/mãe. Se gosta ou não.
- Conflitos com os pais. Motivos
- Como era a relação com pai/mãe antes de se mudar p/ Gyn.
- Como é seu pai (características, qualidades e defeitos)
- Se tem alguma das características do pai
- Como é sua mãe (características, qualidades e defeitos)
- Se tem alguma das características da mãe
- Com quem conversava.
- Confiança no pai e/ou na mãe para conversar sobre *suas coisas*.
- Se tinha ou tem algum objeto identificatório substituto antes de vir p/ Gyn.

5 – VINDA PARA GOIÂNIA

- De quem partiu a idéia de se mudar. O porque.
- O que o adolescente sentiu diante dessa idéia e da pessoa que teve a idéia.
- A reação do pai, da mãe e dos irmãos.
- A participação do adolescente na decisão de se mudar.
- A nova casa, colégio, colegas, etc.
- Se fica mais tempo sozinho ou acompanhado
- Sente falta de alguém e/ou de alguma coisa
- O que é melhor e o que é pior agora morando em Gyn
- Como está agora a relação com a família
- Se percebe mudanças em si mesmo e na relação com os pais após o distanciamento.
- Frequência que fala ao telefone com pai e com a mãe, sobre o que falam.
- Frequência que o pai e a mãe vem à Goiânia p/ visitar
- O que fazem e como se sente durante as visitas deles
- Frequência que vai à casa dos pais
- Com quem e o que faz em Gyn além das atividades ligadas a escola.
- Se tem algum objeto identificatório substituto em Gyn.